



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ANDRÉ LUIZ VENÂNCIO JUNIOR

**A CONCEPÇÃO DE MUSEU EDUCATIVO NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DE
BERTHA LUTZ NO MUSEU NACIONAL (1922-1932)**

RIO DE JANEIRO

2017

ANDRÉ LUIZ VENÂNCIO JUNIOR

**A CONCEPÇÃO DE MUSEU EDUCATIVO NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DE
BERTHA LUTZ NO MUSEU NACIONAL (1922-1932)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Nailda Marinho da Costa

Rio de Janeiro

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ANDRÉ LUIZ VENÂNCIO JUNIOR

A concepção de museu educativo na produção científica de Bertha Lutz no Museu
Nacional (1922-1932)

Apresentado em:

Rio de Janeiro, __/__/__.

Banca Examinadora

Professora Dr^a. Nailda Marinho da Costa- UNIRIO
(Orientadora)

Professor Dr. José Damiro de Moraes - UNIRIO
(Membro Interno)

Professor Dr. Jorge Antônio Rangel (Fidel) - UERJ
(Membro Externo)

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

V448 VENÂNCIO JUNIOR, André Luiz
A CONCEPÇÃO DE MUSEU EDUCATIVO NA PRODUÇÃO
CIENTÍFICA DE BERTHA LUTZ NO MUSEU NACIONAL (1922-
1932) / André Luiz VENÂNCIO JUNIOR. -- Rio de
Janeiro, 2017.
140

Orientadora: Nailda Marinho Da Costa.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação
em Educação, 2017.

1. História da Educação. 2. Educação Visual. 3.
Museus e Educação. 4. Museu Nacional. 5. Museu
Moderno. I. Da Costa, Nailda Marinho , orient. II.
Titulo.

Dedico esse trabalho, as pessoas mais importantes da minha vida: minha avó Vera, a minha mãe Luzia e a amiga Caroline, por me inspirarem diariamente a ser uma pessoa melhor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo o que Ele é, além de toda a proteção, compreensão e sabedoria, dado durante todos os momentos desse trabalho, diferenciais para a minha chegada até aqui.

À minha mãe Luzia, por ter sido o meu alicerce em todos os instantes, e grande apoio nos momentos difíceis.

À minha avó Vera, por todo o apoio, carinho e dedicação por mim nesses anos, além de grande garantidora, dessa conquista.

Ao meu padrasto Jurandir, e ao meu irmão Arthur, por serem responsáveis, pelos melhores fins de semana vividos nesses dois anos, fundamentais para mim.

À minha orientadora, Professora Nailda Marinho da Costa, pela paciência, dedicação nos momentos difíceis, postura acadêmica exemplar com a minha pessoa, que me causam grande admiração e me motivam a querer aprender cada vez mais com a sua trajetória.

Aos Professores José Damiro de Moraes Sonia Camara, Jorge Rangel (Fidel), por comporem a Banca dessa Dissertação desde o Exame de Qualificação e pela leitura e sugestões para enriquecer a elaboração desse texto final.

Agradeço especialmente aos Professores Sonia Camara e Jorge Rangel (Fidel), por terem me iniciado no caminho da pesquisa e pelo apoio pessoal dado durante o Mestrado.

Ao grupo de pesquisa NEPHEB/UNIRIO, coordenado pela orientadora dessa dissertação, pelas trocas e pelos aprendizados e, em especial, aos Professores Angela Maria Sousa Martins e Miguel Angel Barrenechea; e aos colegas Fabrícia Sâmela e Antônio pela discussão para o amadurecimento desse trabalho.

Aos colegas de Mestrado na UNIRIO, Amanda, Katia, Rejane e Zamara, por compartilharem os anseios da escrita dessa dissertação, e me apoiarem em vários momentos importantes.

Ao PPGEDU, a Secretaria, e aos professores, por terem contribuído para a minha trajetória no Mestrado.

Aos colegas do NIPHEI-UERJ, Marcela, Jodar, Bruna, Thais e Marcelle pelo importante apoio e companheirismo nessa minha trajetória.

A CAPES, por ter me concedido Bolsa de estudos de março de 2016 a fevereiro de 2017, permitido desenvolver essa Dissertação com maior dedicação e qualidade. A Secção de memória (SEMEAR) do Museu Nacional/UFRJ, à Associação Brasileira de Educação (ABE), à Academia Brasileira de Letras (ABL) e ao Arquivo Nacional, por

todo o apoio dado, através de seus funcionários, pela disposição de buscar e fornecer documentos importantes, e pela autorização para fotografá-los, contribuindo assim para a realização dessa pesquisa.

Por último agradeço a amiga Caroline, por todas as orações, amizade, paciência, compreensão, dedicação e conselhos. Por ter me apresentado um estilo e filosofia de vida transformadores do meu eu, que foram cruciais para conseguir as forças necessárias, para concluir à Licenciatura em Pedagogia, lutar para entrar no Mestrado em Educação, me manter nele e concluí-lo.

RESUMO

Esta pesquisa teve como proposta de estudo, investigar as concepções de museu educativo, pensadas por Bertha Lutz como intelectual, que pensou a educação no Museu Nacional entre 1922 a 1932, período este, em que através de viagens aos Estados Unidos, representando a instituição, empreendeu estudos sobre o tema em museus norte-americanos. Bertha Lutz ao entrar no Museu Nacional em 1919, por concurso no cargo de “secretário”; em 1922 realizou a primeira viagem, participando do Congresso de museus em Búffalo. A partir desse momento, iniciou uma relação internacional com museus, que se repetiu em 1925, ao voltar aquele país para estudar métodos de se ensinar história natural. Em 1932, através de bolsa concedida pela Carnagie Endowment for Internacional Peace e Associação Americana de Museus, que ao investigar métodos diversos nos museus norte-americanos sobre educação, pode investigar 58 museus. Trabalhando nesse documento, temáticas como “Educação Visual” e papel das professoras, mulheres e crianças nos museus, o uso do cinema, localização e arquitetura entre outros, entendidos como fundamentais para educar e divulgar o que estava sendo feito dentro dos museus. Nosso trabalho buscou pensar a instituição que Bertha Lutz fazia parte que era o Museu Nacional, e o seu compromisso com a educação. Analisar a trajetória da mesma como intelectual e suas redes de sociabilidade no Brasil e no exterior e as suas observações nos museus americanos em torno da concepção educativa de museus, traçando assim a figura de Bertha Lutz como intelectual comprometida com a educação. Como fundamentação teórico-metodológica utilizamos a “Operação Historiográfica” de Certeau, para pensar o nosso objeto. O conceito de “Redes de Sociabilidade” de Sirinelli, para problematizar a construção de Bertha Lutz como intelectual e educadora. E através da noção de “Projeto” de Gilberto Velho, para pensar os relatórios de Bertha Lutz, e sua ação em torno da construção deles, como um projeto em prol da educação pelos museus. As fontes documentais utilizadas fazem parte dos acervos do Museu Nacional (UFRJ), Arquivo Nacional, Associação Brasileira de Educação (ABE), entre outros. Com o presente trabalho podemos saber mais sobre a trajetória de Bertha Lutz como intelectual que pensou a educação pelos museus.

Palavras-chave: Museu Educativo; Bertha Lutz; Museu Nacional; Educação Visual; História da Educação

ABSTRACT

This research had as a study proposal to investigate the conceptions of educational museum, thought by Bertha Lutz, as intellectual, who thought the education in the National Museum between 1922 to 1932, east period, in which through trips to the United States, representing the institution, studies on the subject in North American museums. Bertha Lutz when entering the National Museum in 1919, by contest in the position of "secretary"; In 1922 realized the first trip, participating of the Congress of museums in Búffalo. From that moment, it began an international relation with museums, that repeated in 1925, when returning that country to study methods of teaching natural history. In 1932, through a grant awarded by the Carnegie Endowment for International Peace and American Museum Association, which, when investigating various methods in American museums on education, can visited 58 museums. Working on this document, themes such as "Visual Education" and the role of teachers, women and children in museums, the use of films, location and architecture among others, understood as fundamental to educate and publicize what was being done inside museums. Our work sought to think of the institution that Bertha Lutz was part of which was the National Museum, and its commitment to education. To analyze the trajectory of the same as an intellectual and its sociability networks in Brazil and abroad and its observations in American museums around the educational conception of museums, thus tracing the figure of Bertha Lutz as an intellectual committed to education. As a theoretical-Methodological approach we use Certeau's "Historiographic Operation" to think about our object. The concept of "Networks of Sociability" by Sirinelli, to problematize the construction of Bertha Lutz as intellectual and educator. And through the notion of "Project" by Gilberto Velho, to think Bertha Lutz's reports, and his action around building them, as a project for the education of museums. The documentary sources used are part of the collections of the National Museum (UFRJ), National Archives, Brazilian Association of Education (ABE), among others. With the present work we can learn more about the trajectory of Bertha Lutz as an intellectual who thought about education through museums.

Keywords: Educational Museum; Bertha Lutz; National museum; Visual Education; History of Education.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Foto Museu Nacional no Campo de Sant' Anna. p.30

Imagem 2: Museu Nacional em 1930 no Paço de São Cristóvão. p.31

Imagem 3: Reportagem de Jornal “O Globo” de 1927, sobre a criação da 5ª Secção de Auxílio ao Ensino de História Natural. p.50

Imagem 4: Museu Nacional na atualidade localizado no Paço de São Cristóvão. p.54

Imagem 5: A família Lutz em frente ao Colégio Suiço Brasileiro, fundado no Século XIX no Bairro de Botafogo na cidade do Rio de Janeiro.p.57

Imagem 6: As artistas Tamaka Miura e Dela Riza, na frente. Ao Fundo, da esquerda para direita, prof. Bruno Lobo diretor do Museu Nacional, Mocchi, Bertha Lutz e Cipriano Lage, repórter, p.62

Imagem 7: Vinda da Química MM. Curie no Museu Nacional em 1926, em uma das séries de palestras que daria no Brasil, organizadas e acompanhadas por Bertha Lutz p.76

Imagem 8: Capa do Relatório de 1933.p.94

Imagem 9: “Índice” do Relatório que foi publicado em 1933. p.96

Imagem 10: Projeto “Diálogo entre Educadores” onde professores e especialistas do Museu se encontram p. 114

Imagem 11: Crianças aprendendo em Museu p.115

Imagem 12: Crianças circulando dentro de algum Museu. p.116

Imagem 13: Crianças em Museu. p. 118

SIGLAS

ABE- Associação Brasileira de Educação

ANPUH- Associação Nacional de História

BL- Bertha Lutz

FAPERJ- Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

FBPF- Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino

LIEPHEI- Laboratório Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em História da Educação e da Infância

NEPHEB- Núcleo de Estudos e Pesquisa em História da Educação Brasileira

NIPHEI- Núcleo Interdisciplinar de História da Educação e Infância

MN- Museu Nacional-UFRJ

PPGEDu- Programa de Pós-Graduação em Educação- Mestrado/Doutorado/UNIRIO

SAE- Seção de Auxílio ao Ensino em História Natural

SEMEAR- Seção de Memória do Arquivo do Museu Nacional-UFRJ

UERJ- Universidade do Estado do Rio de Janeiro

QUADROS

QUADRO 1 - Levantamento no Banco de Teses da CAPES p.18

SUMÁRIO

| | |
|--|-------------|
| INTRODUÇÃO: | p.15 |
| 1 Trajetória até o tema de pesquisa | p.15 |
| 2 Justificativa e revisão de literatura | p.18 |
| 3 Caminho teórico-metodológico. | p.21 |
| 3.1 Referenciais teóricos e a pesquisa bibliográfica..... | p.21 |
| 3.2 Acervos e fontes pesquisados..... | p.25 |
| CAP. 1: O MUSEU NACIONAL: LÓCUS DE ATUAÇÃO DE BERTHA LUTZ | p.30 |
| 1.1 A origem do Museu Nacional, seus diretores e a criação da função educativa na instituição | p.30 |
| 1.1.1 Pés na América e olhos na Europa: As mudanças estruturais e regimentais em prol da transformação do Museu Nacional..... | p.32 |
| 1.1.2 O período Ladislau Betto e a instituição da divulgação científica como perspectiva de instrução modernizadora..... | p.34 |
| 1.1.3 O período republicano e o comprometimento através da ciência do Museu Nacional, com a condução ao progresso no Brasil..... | p.37 |
| 1.2 Os diretores do Museu Nacional contemporâneos de Bertha Lutz | p.42 |
| 1.2.1 A inserção da perspectiva modernizadora de se educar a todos no Museu Nacional..... | p.42 |
| 1.2.2 A criação da 5ª Secção de Auxílio ao Ensino de História Natural e o compromisso de desenvolver propostas educativas e material didático no Museu Nacional..... | p.47-48 |
| CAP. 2: A TRAJETÓRIA POLIVALENTE DE BERTHA LUTZ: INTELECTUAL, FEMINISTA, CIENTISTA, MUSEÓLOGA E EDUCADORA (1922-1932) | p.55 |
| 2.1 A ação intelectual e o compromisso com a modernização do país | p.55 |
| 2.2 Biografia de Bertha Lutz | p.56 |
| 2.3 A entrada de Bertha Lutz no Museu Nacional | p.60 |
| 2.4 Trajetória científica no Museu Nacional: Pensando museus e educação | p.65 |
| 2.4.1 Investigando o Ensino Doméstico-Agrícola e os cursos de Economia Doméstica..... | p.67 |

| | |
|---|--------------|
| 2.4.2 Relações científicas com museus e instituições internacionais e a autorização para atuar na Seção de Botânica..... | p.69 |
| 2.5 O circuito intelectual com outras instituições: Bertha Lutz e ABE..... | p.73 |
| 2.6 Práticas intelectuais de ciência e educação em torno do museu educativo: As viagens intelectuais de Bertha Lutz (1922-1932)..... | p.77 |
| CAP. 3: AS CONCEPÇÕES EDUCATIVAS NO RELATÓRIO “O PAPEL EDUCATIVO DOS MUSEUS AMERICANOS” DE 1932..... | p.87 |
| 3.1 O processo de criação do Relatório de 1932..... | p.87 |
| 3.2 A estrutura do Relatório de 1933..... | p.95 |
| 3.3 O museu moderno e a função educativa..... | p.97 |
| 3.3.1 O papel da “localização”, “dosagem”, mobiliário”, da “arquitetura”, e outras questões que envolvem a funcionalidade do museu moderno..... | p.100 |
| 3.4 O Museu Moderno e a Educação Visual..... | p.102 |
| 3.5 O papel da mulher no museu..... | p.108 |
| 3.5.1 A formação de professoras e instrutoras na atuação nos museus. A relação entre escolas e museus..... | p.110 |
| 3.5.2 Os “serviços educativos” e as ações pedagógicas nos museus americanos para as crianças..... | p.114 |
| 3.6 O museu moderno em “ação” | p.118 |
| 3.7 Reflexões de Bertha Lutz sobre as visitas feitas aos museus norte-americanos..... | p.124 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | p.126 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | p.129 |
| ACERVOS E FONTES..... | p.137 |

INTRODUÇÃO

1. Trajetória até o tema de pesquisa

Essa pesquisa teve como foco estudar as concepções sobre museu educativo de Bertha Lutz, em sua trajetória no Museu Nacional, entre os anos de 1922 a 1932. Buscamos elucidar de que maneira ela nesse período, pensou a educação como mote a ser usado pelos museus, no que tange à formação ampla da “plebe”, problematizando que tipos de temas julgou importantes, nos relatórios que escreveu sobre os museus norte-americanos nesse período e se isso influenciou as ações educativas do Museu Nacional.

A opção por esse tema de estudo, teve origem no curso de graduação em Licenciatura em Pedagogia, na Faculdade de Formação de Professores, vinculada à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em 2014, como bolsista de Iniciação Científica¹. Nessa oportunidade atuei no projeto, "A invenção do Museu Social Republicano", coordenado pelo Professor Dr. Jorge Antônio Rangel (Fidel), financiado pela FAPERJ e vinculado ao NIPHEI².

Nessa pesquisa, estudamos as concepções educativas de dois diretores do Museu Nacional, João Batista de Lacerda e Edgard Roquette-Pinto³. De acordo com Rangel (2014), eles foram escolhidos por se constituírem como colaboradores diretos no processo de construção de um pensamento social dentro do Museu Nacional, comprometido com a educação, vigorado entre os anos 1905 a 1935. Para esse autor, as propostas educacionais desses dois cientistas estiveram focadas em garantir ao povo o acesso a ciência, através de métodos inovadores de educação pelos museus sociais que pudessem permitir, na concepção deles, que “todos”, tivessem acesso a um saber prático. Acreditava-se que ao possibilitar o acesso ao resultado das pesquisas científicas, se pudesse produzir na população, interesse pelo conhecimento.

Os museus sociais contribuíram para estender as possibilidades de escolarização da população brasileira, permitindo maior acessibilidade do público em geral ao produto de suas pesquisas científicas,

¹ Atuei como bolsista de Iniciação Científica na Faculdade de Formação de Professores/ UERJ de 2011 a 2014.

² O NIPHEI (Núcleo Interdisciplinar em História da Educação e da Infância) é ligado ao LIEPHEI (Laboratório Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em História da Educação e da Infância). Liderado pela Professora Dra Sônia Camara.

³ João Baptista de Lacerda foi formado médico pela Faculdade do Rio de Janeiro. Foi subdiretor da seção de antropologia, zoologia e paleontologia do Museu Nacional. Foi diretor do Museu Nacional e Presidente da Academia Nacional de Medicina. No Museu Nacional, também se dedicou aos estudos de microbiologia e estudos sobre a febre amarela. Ficou no Museu entre 1893 até 1915. Sobre Edgard Roquette-Pinto, falaremos no Capítulo 1 dessa dissertação.

conformando a comunidade científica pelo interesse, cada vez maior, em obter a centralização do poder social e do prestígio adquiridos através das viagens de exploração científica e das publicações de catálogos classificatórios de nossa fauna, flora e tipos humanos (RANGEL, 2010, p.57).

Entender de que maneira foi instituído dentro dos museus, mais especificamente, no Museu Nacional, a ação educativa articulada com a divulgação científica, pelos lócus de ação desses dois diretores, foi o foco daquela pesquisa. Naquele momento, houve uma perspectiva, pontuada por Lacerda e Roquette-Pinto, da necessidade de haver um diálogo amplo da instituição com a população (RANGEL, 2010). Assim, para esse autor, isso se deu pelo entendimento de que a ciência seria o caminho para o progresso e a construção de uma identidade nacional, permitindo que a “população” conhecesse as suas origens, e assim formar um conhecimento sobre si mesmas.

A participação nessa pesquisa nos levou a figura de Bertha Lutz e as suas concepções de museu educativo, ao proceder o levantamento de fontes no acervo do Museu Nacional, arquivo SEMEAR⁴ do Museu Nacional, que guarda a memória da instituição. Porém a citada pesquisa, não objetivava analisar as ações da mesma na instituição. Contudo, ao estudar as ações de Roquette-Pinto, como diretor da instituição a partir de 1926, tivemos contato com duas versões do Relatório que ela escreveu sobre o, “O Papel Educativo dos Museus Americanos” datadas de 1932 e 1933. Tivemos acesso também a outros documentos que tratavam de viagens de Bertha Lutz aos Estados Unidos, como folhetos e telegramas que trocou com intelectuais norte-americanos.

Em leitura prévia dessa documentação, vimos que Bertha Lutz (1933), entendia que o museu, deveria ser uma instituição e lugar dinâmico, que pudesse ampliar os conhecimentos do povo e intervir na sua formação; assim como, construir possibilidades de formar também, aqueles que tivessem um saber museológico e científico mais elaborado.

O conceito do Museu está em plena evolução. A evolução se opera no sentido da educação do povo, e da democratização da socialização. O museu reconhece hoje o seu duplo objetivo de ampliador dos conhecimentos humanos e de órgão de evolução museológica. (LUTZ, 1933, p.20).

A partir de então, tendo em vista o término da bolsa de Iniciação Científica e a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, objetivamos aprofundar os estudos em nível de Mestrado sobre visões educativas desenvolvidas no Museu Nacional, tomando a

⁴ A Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional/UFRJ (SEMEAR).

contribuição de Bertha Lutz. Focamos o período de 1922 a 1932, no qual O Museu Nacional, teve como diretores: Bruno Lobo (1915 a 1923), Arthur Neiva (1923 a 1926)⁵, e Roquette-Pinto (1926 a 1935), por ser esse um momento em que Bertha Lutz, como funcionária do Museu Nacional, realizou viagens aos Estados Unidos, para estudar questões como economia doméstica, museus e educação.

Desde o século XIX, prevaleceu no Museu Nacional, uma influência europeia do pensamento museal. Entretanto, Bertha Lutz, em seus relatórios de viagem, especialmente no de 1932, apresenta a perspectiva americana para pensar o papel dos museus, onde dedicaremos um capítulo. Desses museus que chamou de “modernos”, ela focou seus estudos naqueles especializados para fins “educativos” e/ou nos “departamentos educativos” dos museus que trabalhavam visando a “educação popular”. Mas pensando no Museu Nacional de onde era funcionária, visitou também os museus científicos. Nas palavras de Bertha Lutz:

Já que a investigação dos programas educativos dos museus americanos constituíam o fito principal dos museus estudos, examinei mais detalhadamente os museus especializados para fins educativos e os departamentos educativos daqueles cujo aperfeiçoamento maior ou recursos mais amplos lhes dão um papel preponderante na educação popular. Considerando igualmente que o nosso Museu é dedicado às sciencias naturaes dei maior atenção aos museus scientificos, sem deixar contudo de visitar os museus de outra natureza (LUTZ, 1933, p.2, grifos nossos).

Para isso, também foi importante a leitura dos Relatórios apresentados ao Ministro da Agricultura Indústria e Comércio pelo Professor Bruno Lobo, Diretor do Museu Nacional, nos anos de 1921, 1922, 1923; e pelo diretor Arthur Neiva em 1926. Desses Relatórios são significativas as informações sobre as investigações feitas por Bertha Lutz em viagens aos Estados Unidos sobre o papel educativo dos museus. Ainda como fonte, utilizamos a versão de 1933 do Relatório sobre o “Papel Educativo dos Museus Americanos”, de Bertha Lutz. Partimos da hipótese de que seus escritos sobre museu e educação, também contribuíram para colocar o Museu entre as instituições que viam na educação a solução para colocar o Brasil nos caminhos da modernização e do progresso.

Desta maneira, essa pesquisa dissertativa teve como **objetivo geral:**

Analisar a trajetória de Bertha Lutz como intelectual, dentro do Museu Nacional e a escrita de seus relatórios de 1932, “O Papel Educativo dos Museus Americanos”, e

⁵ É importante destacar que no período dessa pesquisa, encontramos poucos documentos relacionados a gestão de Arthur Neiva como diretor do Museu Nacional.

como ela articulou museu, ciência, educação e sociedade, através das redes de sociabilidade, vividas por ela no Museu Nacional. E como **Objetivos Específicos:**

Explicar de que maneira Bertha Lutz, com o seu trabalho, dialogou com práticas educativas do Museu Nacional, e se nele estava implícito a construção de um projeto individual sobre museu educativo.

Explicitar de que forma a contribuição internacional, obtida por ela em suas viagens e conexões com os museus norte-americanos, aparecem em suas propostas para o museu educativo, na perspectiva do “Museu Moderno”, nas ações educativas do Museu Nacional.

2. Justificativa e revisão de literatura

Para justificar a importância dessa pesquisa, fizemos um levantamento sobre a temática, no Banco de Teses da CAPES, utilizando as palavras-chave. Bertha Lutz, Museu Nacional, museu educativo. Os resultados são apresentados no quadro abaixo:

QUADRO 1 - Levantamento no Banco de Teses da CAPES

| Autor/Dissertação | Autor/ Tese | Ano | Região | Área do Conhecimento |
|--|-------------|------|--------|----------------------------------|
| SOUSA, Lia Gomes Pinto de. “Educação e Profissionalização de Mulheres. Trajetória Científica e Feminista de Bertha Lutz no Museu Nacional do Rio de Janeiro (1919-1937)” | — | 2009 | RJ | História das Ciências |
| SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira. Traços da participação feminina na institucionalização de práticas científicas no Brasil- Bertha Lutz e o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil. | — | 2007 | SP | Política Científica e Tecnologia |
| POGGIANI, Ana Maria Lourenço. “Os museus escolares na Primeira metade do século XX: sua importância na Educação Brasileira.” | — | 2011 | SP | Educação |

Quadro elaborado pelo autor dessa dissertação a partir desse levantamento.

Conforme o quadro acima, encontramos três trabalhos de interesse dessa pesquisa. A dissertação de Sousa (2009), por ser tratar de uma análise da trajetória científica de Bertha Lutz na sociedade e também no Museu Nacional, desde sua entrada em 1919 a 1937, quando se torna Naturalista da instituição:

Resumo:

Esta dissertação analisa a trajetória científica da naturalista e líder feminista Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976) sob a ótica de gênero e ciências. Enfocamos os anos iniciais de sua carreira no Museu Nacional do Rio de Janeiro, de 1919 a 1937, onde, embora tenha ingressado no cargo de secretário (através de concurso público), já se dedicava a trabalhos em botânica e zoologia. Avaliamos sua atuação no campo educacional, pela divulgação científica de uma maneira geral e, especialmente, para as mulheres. Na instituição onde trabalhou, contribuiu para a modernização de técnicas expositivas e práticas pedagógicas para a popularização dos conhecimentos de História Natural e defendeu a participação feminina como fator importante nesse movimento educativo. As mulheres foram consideradas, em suas proposições, tanto como agentes / educadoras quanto como receptoras / educandas. Pertencendo a uma geração na qual cientistas e mulheres definiam seus papéis na sociedade, Bertha Lutz atuou pela construção de uma nova função social feminina, apoiada tanto em sua inserção científica e institucional quanto no movimento feminista do qual fazia parte. Ciência e feminismo são dimensões inseparáveis em sua trajetória podemos considerar que suas atividades feministas foram pautadas por valores compartilhados pela comunidade científica, assim como sua atuação científica foi influenciada pela causa feminina. O discurso maternalista foi uma das bases de sua militância e contribuiu, ao contrário do que afirma a bibliografia sobre essa personagem, para reformulações de uma ideologia de gênero no Brasil na primeira metade do século XX. Ao compreender Bertha Lutz inserida em seu contexto histórico, compartilhando valores presentes na comunidade científica e numa mobilização feminina já existente que buscava sua educação e profissionalização, procuramos rever a noção de excepcionalidade conferida a mulheres tidas como pioneiras (SOUSA, 2009).

A dissertação de Sombrio (2007), por trazer a trajetória de Bertha Lutz no Museu Nacional, destacando a sua participação no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil, entre os anos de 1939 até 1951. Além de também discutir a participação das mulheres nas ciências no início do Século XX.

Resumo:

A dissertação discute a participação das mulheres nas ciências com o objetivo de compreender quais condições, fatores e estratégias influenciaram o acesso feminino às instituições científicas brasileiras no início do século XX. Para elaborar esse estudo foi analisada a trajetória da cientista e militante feminista, Bertha Maria Júlia Lutz

(1894-1976), contemplando principalmente sua atuação como representante do Museu Nacional do Rio de Janeiro no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil, entre os anos de 1939 e 1951. Bertha Lutz foi uma das primeiras mulheres brasileiras a ingressar oficialmente em uma instituição científica, depois de ser aprovada em concurso público para o cargo de secretário do Museu Nacional, em 1919. Nesse mesmo ano, fundou uma associação feminista intitulada Liga Pela Emancipação Intelectual da Mulher e, desde então, dedicou-se intensamente às ciências e ao movimento feminista. Com o passar dos anos, deixou o cargo de secretário para assumir o de naturalista, consolidando uma carreira estável e bem-sucedida em ciências naturais. Como membro do Conselho de Fiscalização, participou do processo de construção da nascente política científica nacional, fiscalizando e licenciando expedições científicas realizadas em território brasileiro. Apoiando-se na ideia recorrente na bibliografia sobre gênero e ciências e história das mulheres de que a participação feminina nas ciências foi maior do que imaginamos, mas poucos são os registros existentes e os olhares lançados sobre essa experiência, consideramos que resgatar e analisar trajetórias de mulheres que atuaram como cientistas, relacionando essas experiências com seus contextos específicos, é um passo importante para que possamos compreender os diferentes modos pelos quais o gênero influenciou e continua influenciando a construção de práticas científicas, e para refletir sobre as influências sociais, políticas e econômicas que atingem essas práticas (SOMBRIO, 2007).

A dissertação de Poggiani (2011), ainda que não tenha Bertha Lutz como foco, ao analisar o papel dos museus escolares na primeira metade do século XX, pontuou a intelectual por entender que seu trabalho com museus tem importância para o movimento de pensar o papel dos museus para a educação brasileira:

Resumo:

O tema desta dissertação é o estudo do museu escolar na primeira metade do séc. XX e tem como objetivo demonstrar a importância dos museus escolares para a educação, como prática na construção da cultura escolar nas instituições educativas. Para tal pretende-se: a) estudar o museu como instrumento da renovação escolar, na passagem do séc. XIX para o XX. b) verificar a legislação paulista a respeito, através do Código de Educação de 1933. c) evidenciar duas contribuições para o estudo e a prática desses museus realizadas pela educadora Leontina Silva Busch (1936) pela museóloga Bertha Lutz (1932). d) levantar algumas experiências de Museu Pedagógico. e) conceituar os grandes tipos de Museu da Escola. A pesquisa tem presente os estudos de Maria Helena Câmara Bastos (2008), Ana Maria Casasanta Peixoto (2004), sobre museu escolar e os trabalhos de Diana Gonçalves Vidal (1999), Rosa Fátima de Souza (1998) sobre cultura escolar. Utilizando a metodologia da pesquisa histórica buscou-se inicialmente o levantamento da legislação e a identificação das instituições escolares que tiveram acervos museológicos. A documentação escrita está complementada com entrevistas. Está

pesquisa revelou as várias conceituações dos museus ligados à educação e sua importância (POGGIANI, 2011, Grifos Nossos).

Esses trabalhos são importantes para nos ajudar a pensar sobre a construção de Bertha Lutz como cientista e intelectual dentro do Museu Nacional, nos possibilitando visualizar a suas concepções em torno de um projeto educacional.

Dessa forma compreendemos que existem diversos trabalhos que abordam as nuances de Bertha Lutz como feminista, como intelectual que pensou a educação das mulheres, mas poucos que abordam a sua produção em torno da educação pelo viés dos museus, como nos propomos a fazer nessa pesquisa.

3. Caminho teórico-metodológico

3.1 Referenciais teóricos e a pesquisa bibliográfica

Inicialmente destaco, que para a construção do referencial teórico-metodológico, dessa pesquisa, foram importantes os estudos realizados no Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Brasileira (NEPHEB)/UNIRIO.

Algumas concepções teóricas foram importantes para pensar a pesquisa, como a noção, de "Operação historiográfica", de Michel de Certeau (1982). Aqui, ao nos propomos a pensar a partir de Certeau (1982), entendemos que o historiador, portanto, seria aquele que se apropria de técnicas, para produzir uma interpretação sobre uma parte da realidade que ele recorta e visa problematizar. No que tange ao nosso recorte de pesquisa, entendemos que o autor nos ajudar a pensar de que maneira as ações, apropriadas por Bertha Lutz como funcionária do Museu Nacional, em torno dos seus estudos e relatórios do museu educativo, produziram ressignificações ao longo do tempo.

De acordo com Certeau (1982):

Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura). É admitir que ela faz parte da "realidade" da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada "enquanto atividade humana", "enquanto prática" (CERTEAU, 1982, p.66).

Ao estudar sobre as concepções de Bertha Lutz, sobre museus e educação, almejamos também analisar quais foram os processos e as ações que a colocaram, como mulher e ser representativo para pensar essa educação dentro do Museu Nacional. Para isso, dialogamos com Certeau (1998), e o seu conceito de tática. O autor entende tática

como ação calculada que determinaria a ausência de um próprio, que tem por lugar, o lugar do outro, tendo este que jogar, no terreno que lhe é imposto e movimentar-se no campo controlado por esse outro “Sem lugar próprio, sem visão globalizante, cega e perspicaz como se fica corpo a corpo sem distância comandada pelos acasos do tempo, a tática é determinada pela ausência de poder...” (CERTEAU, 1998, p.101).

A compreensão de Saviani (2005), nos permitiu lidar com a busca de fontes. Para ele, os pesquisadores devem estar alertas a todos os instrumentos desenvolvidos pelas instituições, e seus acervos, sempre “confiando, desconfiando.”, dos documentos que encontram:

Nesse sentido, já que é sobre fontes que nos apoiamos para produzir o conhecimento histórico, uma vez formulado o problema a ser investigado, o pesquisador se encontra autorizado a buscar todo tipo de fonte que possa trazer informações de alguma importância para o esclarecimento de seu problema de pesquisa (SAVIANI, 2005, p.13).

O historiador está autorizado, a buscar todo o tipo de fonte para a sua pesquisa. O entrecruzamento dos documentos encontrados para a pesquisa, com a teoria e a bibliografia, é necessário para melhor compreensão sobre o tema, no caso, porém, é importante perceber com Certeau (1982), que não existe neutralidade em nada que é produzido, qualquer documento, carrega a opinião de alguém ou de uma instituição que o fomentou.

A dimensão feminista de Bertha Lutz, não pode deixar de ser levada em conta, nessa pesquisa. No que se refere, o trabalho com as fontes sobre as mulheres, Gonçalves (2006), nos ajuda quando assim se expressa:

Com as fontes, multiplicam-se as interpretações e os temas abordados dos quais são exemplos as “expressões culturais”, modos de vida, relações pessoais, redes familiares, étnicas, e de amizade entre mulheres e homens, seus vínculos afetivos, ritos e sistemas simbólicos, construção de laços de solidariedade, modos e formas de comunicação e de perpetuação e transmissão das tradições, formas de resistência e lutas até então marginalizadas nos estudos históricos, propiciando um maior conhecimento sobre a condição social da mulher (GONÇALVES, 2006, p. 88-89).

A autora, nos possibilita compreender de melhor forma, a maneira com a qual devemos olhar a documentação no que tange a dimensão intelectual e feminina de Bertha Lutz.

Bertha Lutz entrou no Museu como secretária, e através disso e de seu prestígio como filha de um cientista renomado, Adolpho Lutz, como poliglota, e principalmente, como líder feminista de renome internacional, pode abrir espaços que lhe permitiram

propagar em todos os seus relatórios, seu projeto em torno da educação e uma questão que lhe era importante o lugar da mulher nos museus.

Assim, pensar a figura de Bertha Lutz, como mulher intelectual, feminista, museóloga, cientista, educadora, como figura da elite, é pensar como ela usou de sua pertença e de seu prestígio científico, para abrir espaços e defender aquilo que acreditou ser o projeto modernizador que educaria e levaria a sociedade para o progresso. Ela refletiu sobre o museu “moderno” e sua função educativa, o entendendo como “esclarecedor das massas”:

Na realidade, até as últimas décadas, os museus tinham descuidado um tanto o aspecto popular de sua função educativa, dedicando-se quase que por exclusivamente ao papel de elemento subsidiário à disposição do pesquisador. As coleções eram organizadas de modo a facilitar as investigações científicas, não obstante a aridez desta modalidade de exposição. Agora não é mais assim. O museu contemporâneo está começando a adquirir consciência de seu papel esclarecedor da massa do povo e a envidar todos os esforços nesse sentido (LUTZ, 2008, p.31).

A partir de Sirinelli (2003), pensamos o conceito de intelectual. O autor o visualiza o intelectual como aquele que se movimenta através de redes de sociabilidade, articulando-se, com grupos de interesse. Entendemos que isso ocorreu na trajetória de Bertha Lutz, no que tange as relações que criou com outros intelectuais nacionais e internacionais que influenciavam para a construção de suas concepções de museu educativo. Em relação as “redes”, nos diz Sirinelli:

As “redes” secretam, na verdade, microclimas à sombra dos quais a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente apresentam traços específicos. E, assim entendida, a palavra sociabilidade reveste-se, portanto de uma dupla acepção, ao mesmo tempo “redes” que estruturam e “microclima” que caracteriza um microcosmo intelectual particular (SIRINELLI, 2003, p.252-253).

Sirinelli (2003), chamou de “microclima”, as relações criadas por intelectuais em redes de sociabilidade, para se relacionar com outros intelectuais em torno de eixos de discussão e projetos individuais, como por exemplo, a temática da educação. Bertha Lutz, através de redes de sociabilidade pensou a educação, considerando as viagens internacionais que realizou para visitar museus-americanos e a escrita de seus relatórios sobre essas viagens.

Apesar de entendemos, que seus relatórios trazem especificidades de sua construção como intelectual, sua ação não estava isolada; portanto, a noção de Sirinelli sobre “microclima” nos é importante. No período do foco desse estudo, a educação surge

para alguns intelectuais, como eixo fundamental para levar a condução do Brasil ao progresso. Era na educação que essa “rede” de intelectuais, entre eles Bertha Lutz, enxergaram uma maneira de superar as mazelas sociais vigentes no país.

As noções de Sirinelli (2003), sobre intelectuais, e de Certeau (1998) sobre táticas, se articulam com outra noção que balizou a nossa pesquisa, a ideia de “projeto” trazida por Gilberto Velho (1987). Segundo ele, foi através dos projetos, que os intelectuais se moviam e interviam na sociedade, assim como criavam também as redes de interesse:

O projeto, enquanto conjunto de ideias, e a conduta estão sempre referidas a outros projetos e condutas, localizadas no tempo e no espaço. Por isso é fundamental entender a natureza e o grau maior ou menor da abertura ou fechamento das redes sociais em que movem os atores (GILBERTO VELHO, 1987, p.28).

As considerações de Gilberto Velho (1987), são importantes para entendermos a lógica na qual se movem os atores, no caso, os “intelectuais” e os motivos que o levavam a produzirem projetos interventores na sociedade. A partir disso, entendemos as ações de museu educativo pensadas por Bertha Lutz como um projeto interventor social. Entretanto, quando falamos em projeto, também falamos da ação individual do intelectual, na perspectiva de intervir sobre a sociedade, no caso de Bertha Lutz, pela perspectiva de um projeto educativo nos museus, pautados em educar a “todos”.

Além das contribuições dos teóricos apresentados, para esse estudo dissertativo, destacamos ainda as contribuições de Sousa (2009), Almeida (2013) e Lopes (2006 e 2008), Sombrio (2007), para nos ajudar na compreensão da relação de Bertha Lutz com o museu educativo, pois esses textos abordam a trajetória dela como cientista e intelectual dentro do Museu Nacional e em outras instituições como a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.

Recorremos a Kopcke (2003), Lopes (2003), Lopes e Murrielo (2005), Benchimol (2003), Rangel (2010, 2014), Sá (2006), Silly (2012), Valente (2003), Keuller (2008) e Pereira (2010), para pensarmos numa perspectiva histórica, o Museu Nacional e as ações de intelectuais da instituição no que tange a possíveis medidas educativas lá instituídas, que possam de alguma maneira se relacionar com o pensamento e ações de Bertha Lutz sobre museu educativo.

As contribuições de Hahner (1981), Soihet (2006), Bonato (2003, 2006 e 2014), foram importantes para analisarmos a dimensão feminista de Bertha Lutz nas lutas travadas por ela, tendo em vista a emancipação feminina e sua relação com a educação e

museu. Lutas pautadas em sua maioria, na Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, que fundou com outras feministas em 1922.

3.2 Acervos e fontes pesquisados:

Essa pesquisa de Mestrado, visitou diversos acervos em busca de fontes.

- **Acervo SEMEAR/MN**

Retornamos ao Acervo MN/ SEMEAR, mais especificamente, à Seção de Memória do Arquivo do Museu Nacional/UFRJ (SEMEAR/MN), onde encontramos documentos que tratam do contexto político, econômico e as relações do Museu Nacional com instituições nacionais e internacionais e de seus intelectuais, entre os quais, Bertha Lutz⁶. No Fundo⁷ Bertha Lutz, Série Museus, Subsérie visitas, visualizamos documentos relacionados às visitas de Bertha Lutz a museus nos Estados Unidos, e também material adquirido de museus americanos entre os períodos de 1921 até 1932. Ainda livros, panfletos e cartas recebidos por Bertha Lutz de intelectuais norte-americanos ligados a museus, que trabalhavam a temática educativa⁸.

Também foi importante a leitura dos Relatórios de viagens intitulados “Os sistemas de ensino e divulgação de Economia Doméstica e suas aplicações a Agricultura”,

⁶ Conforme localizado em www.museunacional.ufrj.br/dir/acervo.html#

⁷ Fundo é uma “unidade constituída pelo conjunto de documentos acumulados por uma entidade que, no arquivo permanente, passa a conviver com arquivos de outras”. (BONATO, 2005, p.136).

⁸ Textos encontrados no Acervo do Museu Nacional/ SEMEAR: Program the Cleveland of Art em Br. MN. BL. Ø Mus 5/2. Documentos sobre a School Museum Program em Br. MN. BL. Ø Mus 5/7. Museums and industries 1919 em Br. MN. BL. Ø Mus 1/11. Newark in New Jersey em Br. MN. BL. Ø Mus 1/2. Reportagem sobre o Newark Museum 1926 em Br. MN. BL. Ø Mus 1/3. Should Museums be useful? Em Br. MN. BL. Ø Mus 1/5. The Junior Museum Br. MN. BL. Ø Mus 1/8. Docentry em Br. MN. BL. Ø Mus 1/9. Lending collection Newark Museum em Br. MN. BL. Ø Mus 1/14. Arts and Crafts of Poland em Br. MN. BL. Ø Mus 1/18. American Primitives em Br. MN. BL. Ø Mus 1/20. Relato sobre o Museu em Br. MN. BL. Ø Mus 1/21. Papeis de eventos em museus em Br. MN. BL. Ø Mus 1/24. Cartas da Associação Americana de Museus a Bertha Lutz em Br. MN. BL. Ø Mus 1/25. Children’s Museum em Br. MN. BL. Ø Mus 2/1. The Auxiliary of the Brookylin Chidren’s Museum em Br. MN. BL. Ø Mus 2/3. The Brookylin Children’s Museum 1931-1932 em Br. MN. BL. Ø Mus 2/4. Children’s Museum News 1932 em Br. MN. BL. Ø Mus 2/5. Livro sobre Escola Pública em Br. MN. BL. Ø Mus 3/1. List off all st Louis Public Schools em Br. MN. BL. Ø Mus 3/2. The American Museum in School Service em Br. MN. BL. Ø Mus 4/1. Children’s Science Fair 1931 em Br. MN. BL. Ø Mus 4/2. Introduce of Specimens em Br. MN. BL. Ø Mus 4/3. Living with animal friends 1932 em Br. MN. BL. Ø Mus 4/4. The American Museum of Natural History 1932 em Br. MN. BL. Ø Mus 4/5. Goldfish em Br. MN. BL. Ø Mus 4/6. Order Form em Br. MN. BL. Ø Mus 4/8. Membership in the American Museum in Br. MN. BL. Ø Mus 4/9. Field Museum of Natural History em Br. MN. BL. Ø Mus 4/10. Guide to the School Service Building Br. MN. BL. Ø Mus 4/13. The American Museum of Natural History em Br. MN. BL. Ø Mus 4/15. Rascunho de Carta para Professor Roquette-Pinto em Br. MN. BL. Ø 22/1. O papel educativo dos Museus Americanos em Br. MN. BL. Ø Mus 22/2. A função educativa de museus parte-2 em Br. MN. BL. Ø Mus 22/5. Manuscritos – O papel educativo dos museus americanos -relatório para Roquette-Pinto em Br. MN. BL. Ø Mus 26/1. Carta à Bertha Lutz de Buffalo Museum of Science 1932. Br. MN. BL. Ø Mus 16/1. Children’s Museum of Boston em Br. MN. BL. Ø Mus 9/1. The American Association of Museums 1930 em Br. MN. BL. Ø Mus 11/1. Radio Education Program 1932-1933 em Br. MN. BL. Ø Mus 10/11.

de 1922 e “O Ensino Doméstico nos EUA”, de 1925. Os relatórios adquiriram importância por constituírem-se em estudos e reflexões da intelectual sobre o papel que os museus deveriam tomar para a educar a população. Neles, ela discutiu como as instituições museais deveriam se relacionar com as escolas, e professores, defendendo que deveriam, através de novos métodos, facilitar o processo de ensino e aprendizagem de múltiplos temas, e como foco o ensino de História Natural.

No “Relatório apresentado ao Ministro da Agricultura Indústria e Comércio pelo Professor Bruno Lobo, Diretor do Museu Nacional”, em 1922, pudemos conhecer o início de um processo de viagens internacionais realizadas por Bertha Lutz, tendo por objetivo estudar concepções educativas de museus norte-americanos.

O “Relatório da Diretoria do Museu Nacional ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio de 1926”, apresentado pelo diretor Arthur Neiva, tinha como objetivo “prestar contas” do retorno de Bertha Lutz aos Estados Unidos, para visitar instituições, construir redes de sociabilidade e estudar sobre educação nos museus. (PEREIRA, 2010). No Relatório, intitulado, “O Papel Educativo dos Museus Americanos” de 1933, o que Bertha Lutz trata do papel educativo dos museus modernos, focados na “educação visual”, tendo em vista “porcentagem elevada de analfabetos” em alguns países, como, por exemplo, o Brasil.

A importância dada por Bertha Lutz a educação visual, encontrada por ela nos museus americanos se consistiu em sanar um dos problemas que assolava o Brasil, o analfabetismo.

O papel educativo essencial do museu é a educação visual, fato este que se multiplica a importância dos museus nos países de percentagem elevada de analfabetos. Os museus mais modernos obedecem a um plano geral com princípios orientadores, como sejam: a evolução, os progressos da cultura, a ordem cronológica, a coleção sinótica, mudança do material, a exposição transitória, e os mostruários ou espécimes “estrelas” (LUTZ, 2008, p.65).

Esse Relatório finaliza uma trajetória em torno da educação pelos museus, empreitada por Bertha Lutz, que se iniciou em 1922, através de experiências obtidas nas viagens feitas aos Estados Unidos, em torno de entender o que seria o Museu “moderno”, e nele a educação visual. Em todos os acervos pesquisados, encontramos rascunhos e versões desse relatório, encaminhado ao diretor Roquette-Pinto. Destacando-se folders de exposições visitadas pela mesma para a escrita do relatório recolhidos e utilizados para

esse relatório⁹.

No arquivo, foram encontrados livros sobre educação nos museus, escritos por John Cotton Dana, diretor do Museu de Nova York e por outros intelectuais da área como Laurence Coleman e Beatrice Winsler, vinculados a Associação Americana de Museus e ao Museu de Nova York.

- **Acervo do Arquivo Nacional/Fundo FBPF**

No acervo do Arquivo Nacional, pesquisamos no Fundo/Coleção Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. (Fundo FBPF/AN). Esse Fundo, conforme Bonato (2005), traz em parte, o que representou a Federação e Bertha Lutz, para a luta das mulheres no Brasil, especialmente nas décadas de 1920 e 1930. Este fundo: [“nos levam a pensar a participação dessa entidade nas questões postas à educação feminina, tanto no âmbito oficial do sistema educacional, quanto na sociedade em geral.” (BONATO,2005, p.136).]

Nesse fundo, foram analisados os documentos relacionados a três vertentes, que elegemos serem fundamentais para o nosso estudo. A relação de Bertha Lutz com o museu educativo; suas práticas científicas dentro do Museu Nacional; e a sua aproximação com instituições norte americanas¹⁰.

⁹ "Carta à Bertha Lutz de Buffalo Museum of science 1932", "Carta para Bertha Lutz 1932 The American Association of Museums", "Children's Museum of Boston", "Radio Education Program 1932-1933."

¹⁰ Índices dos Archivos do Museu Nacional em Ap 46, cx 88, pac 1. Notas extraídas dos assentamentos funcionais de Bertha Lutz no Museu Nacional em Ap 46, cx 62, pac 1, vol 7. Telegramas cumprimentando Bertha Lutz pela nomeação como secretária do Museu Nacional de Licínio Dias em Ap 46, cx 11, pac 3, vol 3. Permissão para coletar espécies no Grand Canyon Ap 46. Cx 11. Cartas e ofício designando Bertha Lutz para o Departamento de Botânica do Museu Nacional; agradecendo envio de publicações ; informando sobre bolsa de estudos nos Estados Unidos; informando não ter encontrado os espécies desejados para exposição; comentando sobre cargo no Museu do Índio Americano: tratando do envio de espécies animais e do interesse em participar de associação de museus; solicitando publicações sobre “Mangífera Indica”: comunicando pretensão em voltar ao Rio de Janeiro: tratando da questão de Bertha Lutz sobre espécimes da Amazônia em Ap 46, cx 29, pac 1/ Ap 46, cx 29, pac 3, vol 3. Carta solicitando ajuda para encontrar duas espécies de macacos para série de exibição de primatas do American Museum of Natural History de F.A. Lucas em Cx 29. Pac 3. Vol3. Memorando comunicando que Bertha Lutz foi colocada à disposição do gabinete do Ministro da Agricultura, Indústria e Comércio em Cx 29. Pac.3. vol 3. Sem autoria definida: Constam documentos em papel tumbrado da “Baltimore and Ohio Railroad Company” e da Comissão dos Estados Unidos da América para a Exposição Internacional do Centenário Brasileiro em Cx 44, pac 3/ cx 1; pac 1. vol 2. Ofícios e cartas designando Bertha Lutz para estudar as escolas de Economia Doméstica nos Estados Unidos da América (EUA): enviando relatório sobre sistemas de ensino e divulgação de economia doméstica: programas e estudos de organização de diferentes tipos de estabelecimento de economia doméstica e serviço extensivo: relações de publicações referentes ao ensino de economia doméstica nos EUA em Ap 46, cx 11. Pac 4. Carta enviando esboço para a organização de programa de ensino e divulgação dos conhecimentos de economia doméstica agrícola em Ap 46, cx 11, pac 4. Texto com medidas propostas para a organização de um serviço de extensão de conhecimentos de economia doméstica e agrícola em Ap 46, cx 11, pac 4. Relatório detalhado sobre o ensino de economia doméstica nos Estados Unidos da América em Ap 46, cx 11, pac 4. Notas sobre a escola de professoras de economia

Dos documentos levantados nesse Acervo, destacamos o "Texto sobre as conquistas femininas no Brasil com destaque para os assuntos: trabalho feminino, mulheres, concurso público, voto e entidade femininas organizadas"¹¹. Esse texto foi fundamental para se entender como a vinculação de Bertha Lutz com o Museu Nacional foi visto por ela como um ganho, lhe dando prestígio e discurso autorizado, diante das lutas que traçou, tanto feministas, quanto as profissionais, científicas educativas.

Outra fonte importante foi o texto: "Anotações Pela estrada da Amizade (Ou da aproximação continental) sobre viagem realizada pela Comissão Panamericana da Viação dos Estados Unidos realizada no período de 2 a 29 de junho de 1924"¹². Nesse documento, verificamos, a aproximação de Bertha Lutz com instituições norte-americanas e suas possíveis redes de sociabilidade.

Nesse acervo ainda encontramos uma versão do 2º capítulo "O Museu Moderno", do Relatório "O Papel Educativo dos Museus Americanos datado de 1932"¹³.

Também destacamos o documento "The American Museum of Natural History, pertencentes a Bertha Lutz, além de prospecto para a sua inscrição como membro da referida instituição"¹⁴, por nele está relatado a condecoração que Bertha Lutz e Adolpho Lutz receberam como membros correspondentes daquele Museu. Ainda sua eleição como membro correspondente da Associação Americana de Museus em 1923¹⁵.

- **Acervo da Associação Brasileira de Educação (ABE)**

Do vasto acervo encontrado na instituição, destacamos nas atas de reuniões da entidade, no período de 1924 a 1928, visando perceber a participação de Bertha Lutz na

doméstica em Ap 46, cx 11, pac 4. Textos sobre as conquistas femininas no Brasil com destaque para os assuntos: trabalho feminino, mulheres, concurso público, voto e entidade femininas organizadas em Ap. 46, cx 42, pac 1, vol 30. Texto "Pela Estrada da amizade (ou da aproximação continental) sobre viagem realizada pela Comissão Panamericana de Viação dos Estados Unidos, realizada no período de 2 a 29 de junho de 1924 em Ap 46, cx 34. Artigo "Instituto de Assistência à Infância", publicado originalmente no "O Paiz" e posteriormente no jornal "A república! Tratando de assistência a infância em Cx. 66, pac3/ Cx 47, pac 1. O Museu Moderno – Cap 2 em Ap 46, cx 11, pac 2, vol 2. Texto com as diretrizes que deviam nortear a atuação feminina na política em Ap 46, cx 19. Carta de admissão aos trabalhos práticos da Faculdade de Ciências pertencentes à Bertha Lutz em Ap 46, cx 11, pac 3, vol 3. Membro correspondente do "The American Museum of Natural History, pertencentes a Bertha Lutz, além de prospecto para a sua inscrição como membro da referida instituição em Ap 46, cx 11, pac 3; cx 75, pac 1, vol 1. Bruno Lobo a Bertha Lutz em Cx 11. 25/01/1923. Cópia do officio 382, de 07 de maio de 1924 em Cx 11.

¹¹ Ap 46, cx 11, pac 4

¹² Ap 46. Cx 34

¹³ Ap 46, cx 11, pac 2, vol 2.

¹⁴ Ap 46, cx 11, pac 3; cx 75, pac 1, vol 1

¹⁵ Adolpho Lutz foi um renomado microbiologista nacional de quem Bertha Lutz era filha. Em 1918, trabalhou com o pai como tradutora, no Instituto Oswaldo Cruz, antes de entrar no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

instituição, sua dimensão como educadora e a relação com a Associação Americana de Museus e a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Instituições que para além suas especificidades, tinham também a educação como pauta de seus objetivos.

- **Hemeroteca eletrônica da Biblioteca Nacional**

Na Hemeroteca, pesquisamos em jornais e revistas como “A Cruz”, “A União”, “O Pharol”, “Diário da Manhã”, “O Combate”, que nos levaram a reportagens de 1919 a 1932 sobre Bertha Lutz no Museu Nacional; suas aproximações com museus norte-americanos e estudos sobre museu educativo; o concurso para "secretário" realizado por Bertha Lutz no Museu Nacional; a participação em congressos científicos; e sua volta ao Brasil, após visitar e conhecer 58 museus norte-americanos em 1932, que lhe rendeu a escrita do relatório de 1932 sobre “O Papel Educativo dos Museus Americanos”.

- **No acervo online do jornal “O Globo”,**

Nesse acervo, pesquisamos entre os períodos de 1925, data de inauguração do jornal a 1932, buscando informações sobre a trajetória intelectual de Bertha Lutz pertinente a temática do museu educativo.

Considerando o exposto, organizamos esse texto da seguinte forma: no primeiro capítulo, apresentamos o Museu Nacional, locus de atuação de Bertha Lutz; e a perspectiva educativa, empunhada por essa instituição no período da pesquisa. A partir daí focamos, em quais medidas e de que forma, as ações educativas dos diretores contemporâneos a Bertha Lutz no Museu dialogaram com as concepções da mesma, tendo em visto e o que investigou sobre museus americanos quando viajou aos Estados Unidos no período de 1922 a 1932.

No segundo capítulo problematizamos a figura de Bertha Lutz como intelectual polivalente, ou seja, circulando em vários espaços e instituições. O foco é conhecer essa personagem para compreender o que a motivou estudar os museus norte-americanos e neles os educativos. Destacamos os seus projetos, suas redes de sociabilidade e a importância que teve, em torno da discussão sobre educação em museus, levando em conta o contexto histórico e educativo no período proposto de 1922 a 1932.

No terceiro capítulo apresentaremos em forma e conteúdo o Relatório intitulado “O Papel Educativo dos Museus Americanos”, de 1932-1933. E a partir dele o que ela defendeu sobre o museu educativo para o Brasil e Museu Nacional.

CAPÍTULO 1

O MUSEU NACIONAL: LÓCUS DE ATUAÇÃO DE BERTHA LUTZ

Para refletir sobre as ações de Bertha Lutz no Museu Nacional como intelectual que pensou a educação através dos museus, entendemos ser importante analisar o seu lócus de atuação, o Museu Nacional.

Não pretendemos (re) construir a história da instituição, mas sim sinalizá-la para termos condições de refletir, sobre a entrada de Bertha Lutz no Museu Nacional e as suas concepções sobre museu educativo, e a relação com as ações educativas de Museu.

1.1 A origem do Museu Nacional, seus diretores e a criação da função educativa na instituição

Conforme publicação do Museu Nacional, intitulada “Os Diretores do Museu Nacional/UFRJ”, de 2007/2008, o Museu pode ser considerado uma das mais antigas e também tradicionais instituições de nosso país. Essa instituição museal, foi fundada por decreto Real de junho de 1818, visando atender aos interesses científicos do país.

Inicialmente localizado no Campo de Sant’Anna, permaneceu neste local desde a sua fundação como Museu Real (1818) até 1892. De acordo com a mesma publicação, foi nesse momento de sua criação que o Museu recebeu “materiais de História Natural, armários, instrumentos e coleções mineralógicas, inclusive os remanescentes do acervo da Casa de História Natural, apelidada pelo povo de “Casa dos Pássaros”” (MN, 2007/2008).



Imagem 1: Foto Museu Nacional no Campo de Sant’Anna

Fonte: https://saemuseunacional.files.wordpress.com/2015/04/museu-nacional_campo-de-santana.jpg

O Museu Real, teve como primeiro diretor o Frei José da Costa Azevedo¹⁶, no período de 1818 a 1822. No começo de sua gestão, recebeu coleções de História Natural. Durante esse ano o Museu, passou a abrigar também a Academia de Bellas Artes¹⁷.

João de Deus e Matos¹⁸, dirigiu o Museu Real entre 1822 a 1823. Na sua gestão, pode realizar diversas incursões em busca de peças de origem natural, o que denotou a vocação da instituição, desde a sua criação, para o estudo e divulgação de História Natural.

João da Silva Caldeira¹⁹, foi diretor do Museu Real entre 1823 a 1827, e passou pela transição de nomenclatura da instituição, que a partir de 1824, passaria a se chamar Museu Imperial, devido a Independência do Brasil. Sua gestão se caracterizou, por ter sido o primeiro diretor, a propor subdivisões na instituição, em seções especializadas; e a criação de cursos públicos.

É a partir de 1892, quando seria chamado de Museu Nacional, que viria a ocupar o Paço de São Cristóvão.



Imagem 2: Museu Nacional em 1930 no paço de São Cristóvão
Fonte:<https://saemuseunacional.files.wordpress.com/2012/06/cristovao2.jpg>

¹⁶ Frei José Batista da Costa Azevedo, franciscano e professor de botânica e zoologia da Academia Real Militar. (MN/2007/2008).

¹⁷ A Academia Imperial de Belas Artes, foi uma escola superior de arte fundada no Rio de Janeiro, por Dom João VI. Na República, foi agregada a Universidade do Rio de Janeiro. Atualmente é a Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Maiores informações em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Escola_de_Belas_Artes_da_Universidade_Federal_do_Rio_de_Janeiro

¹⁸ João de Deus atuou Casa de História Natural, também apelidada de “Casa dos Pássaros”. De acordo com, Frei José da Costa Azevedo, acumulou as funções de preparador, porteiro e guarda, sendo um elo de transição da Casa dos Pássaros para o Museu Real. (MN,2007/2008).

¹⁹ João da Silva Caldeira era doutor em Medicina pela Universidade de Edimburgo, Escócia, tendo se destacado na área de Química (MN, 2007/2008).

1.1.1 Pés na América e olhos na Europa: As ações estruturais e regimentais em prol da equiparação do Museu Nacional as instituições internacionais

No período de 1828 a 1847, Frei Custódio Alves Serrão²⁰, ocupa a instituição como diretor. Através do decreto n° 123, de 3 de janeiro de 1842, criou o primeiro Regulamento do Museu. Ao analisar esse documento, Lopes (1997), apresenta como foi essa mudança:

O regulamento n° 123, de 3 fevereiro de 1842, deu uma nova organização ao Museu Nacional, dividindo-o em quatro seções: 1ª Anatomia Comparada e Zoologia 2º) Botânica, Agricultura e Artes Mecânicas, 3º) Mineralogia, Geologia e Ciências Físicas 4º) Numismática e Artes Liberais, Arqueologia, Usos e Costumes das Nações Modernas. Cada uma das seções, confiada a um diretor, poderia ter ainda, de acordo com seu volume de trabalho e necessidades, adjuntos, praticantes e supranumerários (LOPES, 1997, p.85).

Para Lopes (1997), esse foi um momento em que a instituição ao buscar mudanças em sua estrutura, visava cumprir a missão de compreender o “ser nacional”, para conseguir se equiparar, as nações europeias. A mesma autora, ao analisar esse período do regulamento, mostra-nos que:

Encurtar a distância proposta pela própria expressão “Olhos na Europa e pés na América” pressupôs todo um trabalho de esquadramento da população e do território. Mapas, plantas, cartas topográficas e corográficas foram elaboradas; informações estatísticas foram levantadas procurando-se articular a riqueza de cada uma das províncias às necessidades do governo (LOPES, 1997, p.91).

O Museu foi uma das instituições que agiram para difundir uma perspectiva de civilização para o império, através da força e da ordem. Para isso ser possível, houve do Governo, a priorização de pastas como a da Agricultura, a qual o Museu era subordinado. Essas medidas, estavam pautadas em poder equiparar o Museu, com as instituições europeias.

Entre 1847 a 1866, o Museu teve como diretor Frederico Leopoldo Cezar Burlamaqui²¹. Nesse período, mais especificamente em 1856, quando estava ainda no

²⁰ Custódio Alves Serrão nasceu em 1799 no Maranhão. Quando tinha doze anos, foi entregue como pupilo para religiosos. Em 1917, foi a Portugal e ingressou na Faculdade de Coimbra. Onde realizou estudos de Ciências Naturais. (MN 2007/2008).

²¹ Foi militar, botânico, mineralogista, matemático e escritor, chegando ao posto de brigadeiro. Pertenceu à Academia Nacional de Belas Artes, também ao Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e sociedades literárias e científicas do Brasil e do exterior. Museu Nacional (2007/2008). Escreveu sobre a História dos Estados Unidos e sobre produtos agrícolas cultivados no Brasil.

Campo de Sant'Anna, O Museu ampliou suas instalações físicas, se construindo uma nova parte do prédio da instituição.

Na obra “Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro. Acompanhada de uma Breve Notícia de Suas Collecções e Publicadas por Ordem do Ministério da Agricultura”, publicada em 1870, o Diretor Ladislau Netto diz que, Bulamarqui buscou tornar o Museu em um lugar mais popular dando o acesso a um público maior aos domingos, conforme aponta em

[Bulamarqui] Deu-nos ele sobejas provas de quando era e valia, aos primeiros passos que lhe seguirão á nomeação de diretor do Museu Nacional; e para logo, no ajuizar do povo, fez-se digno de toda a sua estima, abrindo este estabelecimento desde Janeiro de 1848 ás exposições públicas, nos domingos, em vez de o fazer ás quintas feiras, dias em que somente a poucos era dado fruir destas visitas de instrucção e de recreio, sem perda dos interesses e occupaões quotidianas de cada um (LADISLAU NETTO, 1870, p. 101, grifos nossos).

Aqui vemos sinalizada por Ladislau Netto, que Bulamarqui, se preocupou em tornar o Museu, um lugar mais acessível a um público maior, na instituição para recreação, abrindo aos domingos.

Entre 1866 a 1870, o Museu Imperial teve como diretor, Francisco Freire Allemão de Cysneiros²². Antes, em 1856, ele participou da criação de uma Comissão Científica para estudar as províncias do Ceará, e coletar materiais naturais para o Museu Nacional, no intuito de estimular a pesquisa²³. Essa Comissão passou a executar suas ações entre 1859 a 1861 no Ceará, da qual Francisco Freire, que era Botânico, foi o presidente. A expedição feita por essa Comissão, tinha como objetivo, realizar pesquisas nas áreas de botânica, geologia, mineralogia, zoologia, geografia, astronomia e etnografia.

Ao analisar as ações dos intelectuais que compunham essa Comissão, Santos (2011), conclui que estes tinham como objetivo, construir uma leitura sobre o país e sua cultura, através das pesquisas científicas que realizaram.

O poder da escrita que busca uma lei sobre a natureza pode ser pensada a partir da experiência destes cinco cientistas que compunham a referida Comissão. Eles analisaram e escreveram sobre a paisagem da nação a fim de criar uma imagem brasílica de uma natureza e de costumes próprios (SANTOS, 2011, p. 13).

²² Francisco Freire Allemão nasceu em 24 de janeiro de 1797 em Campo Grande. Em 1822 ingressou na Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro, onde se diplomou em 1827. Frequentou a Université de Paris, a convite do governo francês. (MN, 2007/2008).

²³ <http://www.fortalezaemfotos.com.br/2010/11/expedicao-das-borboletas.html>.

Para Guimarães (2013), a Expedição também teve como proposta, analisar a cultura popular do povo do Ceará, com o objetivo de pensar o local, mas também de refletir sobre o Brasil.

A preocupação da comissão com o que havia de exótico nas populações locais dizia também respeito à questão da cultura popular. Costumes, festas, línguas, detalhes da cultura material, cada elemento estranho aos viajantes era digno de registro com vistas ao entendimento do local e do país (GUIMARÃES, 2013, p. 335).

A Comissão esteve preocupada, por tanto, em estudar o nativo e produzir uma leitura sobre o Brasil. A Comissão ficou popularmente chamada de “Comissão das Borboletas”, apelido que sugeria “inutilidade” de suas ações (FARIAS,1998).

Em sua trajetória, Freire Alemão cunhou 45 tipos da flora brasileira, como *Ophthalmoblaston macophylum* (Santa Luzia), *Hymenorea mirabilis* (jatobá). (MN,2007/2008).

Ao analisar a trajetória de Frederico Burlamarqui, Freire Alemão e Ladislau Netto, como diretores do Museu, Lopes (1997) pontua que:

Os dois primeiros diretores do Museu nesse período, Burlamaqui, e Freire Alemão, ao contrário dos anteriores, assumiram o Museu Nacional, não no início de suas carreiras, mas sim quando já gozavam de reputação científica consolidada no país. Ambos assumiram a direção do museu, como também seria o caso de Ladislau Netto, por indicação direta do governo, sem terem pertencido anteriormente aos quadros da instituição (LOPES, 1997, p.95).

Esse período, reflete um momento onde ocorre, segundo a autora “grandes mudanças conceituais”, no que tange as Ciências Naturais. Esses três cientistas renomados, que foram escolhidos pelo governo para ocupar a direção do Museu, mesmo sem ter lá trabalhado anteriormente, tiveram como objetivo atuar para equiparar a instituição aos museus europeus que, naquele momento, eram vistos como referência para o mundo civilizado.

1.1.2. O período Ladislau Netto e a instituição da divulgação científica no Museu Nacional como perspectiva de instrução modernizadora

No período de 1874 a 1893, Ladislau de Souza Mello e Netto²⁴ assumiria a direção do Museu. Segundo Lopes (1997), esse diretor foi o que deu maior contribuição, em relação a modernização científica e estrutural da instituição. Para Domingues e Sá (2003),

²⁴ Ladislau de Souza Mello e Netto nasceu em 1838. Foi um exemplo de eficiência administrativa do Museu, estruturando a instituição baseando-se nos moldes europeus, conforme (MN,2007/2008).

Ladislau Netto estimulou cursos e se relacionou com instituições internacionais, visando divulgar a ciência praticada no Brasil. Nessa direção criou a Revista, “Archivos do Museu Imperial” de 1876 com o objetivo de informar sobre conhecimento científico produzido pelo Museu.

Após a transição para a República, ocorrido no período de Ladislau Netto, o Museu passou a se chamar Museu Nacional. No período de modernização da instituição, agora republicana, isso acontece através da divulgação das pesquisas científicas do Museu na Revista “Archivos do Museu Nacional”, visando ainda equiparar a instituição com os museus europeus.

Em relação a essa Revista, Bertha Lutz, ocupando o cargo de “secretário” do Museu, a partir de 1919, teria como trabalho intelectual organizar a publicação da edição comemorativa do centenário da instituição em 1918, “Archivos do Museu Nacional”. Após ter ficado um tempo sem ser publicada, foi retomada por Bruno Lobo.

Entendemos que ao permitir, através da Revista, o acesso as produções científicas do Museu, a instituição cumpria o objetivo elencado por Ladislau Netto, de mostrar para o “mundo civilizado” o que estava sendo produzido no Museu. Na obra citada de Ladislau Netto, ele analisa:

Aos olhos dos nossos mestres e de amigos d’ além mar, aos olhos, enfim, de quantos nos hão convidado ultimamente a proseguir as nossas pesquisas botânicas sejam estas obscuras mas não pouco ingratas e afanosas investigações uma prova de que bem activo nos tem andado por cá o labor. Mas adiantado em anos, que mesmo fôra dizer mais experiente e menos utopista, talvez houvéramos de preferencia atendido aos gostos próprios e ás vontades que após si nos conduzem os incentivos da sciencia.[...] No Brazil mal começamos a rotear o campo da sciencia e as especialidades são arbustos que só vingão onde o amanhã mais acurado da terra lh’o permite. Conformemo-nos pois resignados com o presente e tranquilo aguardemos o futuro. (LADISLAU NETTO, 1870, p. IV).

Podemos observar que Ladislau Netto tinha como objetivo divulgar a ciência que era produzida no Museu para o mundo civilizado, almejando permitir ao Brasil, encaminhar-se para a modernidade. Em relação ao período desse diretor no Museu Nacional,

A criação da revista esteve especialmente associada à intenção de que seu conteúdo pudesse revelar ao mundo civilizado o quanto o país estava sintonizado com os avanços científicos que estavam ocorrendo. De fato, o esforço da instituição para divulgar a revista é notável, considerando seus registros sobre países e as entidades nacionais, com os quais intercambiou nos períodos (DOMINGUES; SÁ, 2003, p.54-55).

No período de Ladislau Netto, foram estabelecidos três regulamentos, os de 1876, 1888 e 1890. O regulamento de 1876, teve como um dos objetivos, estudar e ensinar História Natural. O regulamento de 1888, manteria essa concepção, e o de 1890, estabeleceu que o Museu, além de dar ênfase aos cursos de História Natural, introduziria novas áreas do conhecimento e métodos para facilitar a especialização desses conhecimentos (LOPES,1997). Esse objetivo esteve pautado no desejo de aproximar o país, das nações europeias, visto que essas eram vistas como ideal de nação a ser construído.

Para Gualtieri (2003), nesse período o Museu Nacional tinha uma “missão civilizadora”, que se pautava em produzir conhecimento científico, realizar cursos públicos, visando instruir a população e contribuir para a construção de uma nova imagem para o país, objetivando transformar a instituição num ponto de luz na Europa.

A preocupação em transformar a instituição em um ponto de luz no território brasileiro visível em outros continentes, em especial a Europa, foi várias vezes reiterada nas exposições do diretor do Museu. [Ladislau Netto] (GUALTIERI, 2003, p.54).

Essa perspectiva museológica, conforme Lopes (2003), foi uma característica apropriada dos museus sul americanos, influenciada pelo museu parisiense, no qual o Museu Nacional se enquadrava, por buscar a modernidade. Para essa autora, a experiência francesa, tinha como cerne, o objetivo de divulgar o que estava sendo exposto e pensado nos museus para todos. Pois só através dessa perspectiva, poder-se-ia ajudar no caminho para o progresso, almejado para o Brasil:

Diversos dos museus sul-americanos, que tiveram suas referências de origem no museu parisiense, citam sistematicamente o papel educacional que cabia a essas instituições. Ciências e construções de representações de nações e apelos patrióticos se mesclavam na organização dos jardins, nas instruções de organização dos museus. Apesar das contradições da América Latina, ao longo do século XIX, consolidou-se o modelo dos museus científicos, mas públicos a serviço da instrução em seu sentido mais amplo. A estas funções científicas, simbólicas, educativas, prospectivas que se mesclavam também se dedicaram ao longo praticamente todo o século passado os principais museus latino-americanos, que se organizaram a partir da dissolução da ordem colonial (LOPES, 2003, p.66, grifos nossos).

Aqui percebemos que vários dos museus sul-americanos, entre eles o Museu Nacional, se enquadraram na perspectiva museológica apontada pelo museu parisiense, do papel científico a “serviço da instrução”, que a instituição museal deveria ter. Apesar das

contradições na América Latina durante o século XIX, é importante notar que a partir da independência das colônias houve uma consolidação de uma perspectiva científica educadora mais ampla dentro dos museus.

1.1.3 O período republicano e o comprometimento através da ciência do Museu Nacional, com a condução ao progresso no Brasil.

O Museu Nacional, no período de transição do Império para República, traria consigo, o objetivo de servir como condutor do progresso e construtor do ideal de novo homem (LOPES, 1997).

Para Silly (2012), desde a sua criação, a função educativa esteve presente no Museu Nacional. Esse autor destacou que os decretos e regulamentos do governo, que foram instituídos ao longo do tempo, objetivaram organizar a instituição como educadora. Estiveram estes, pautados em conceber a instituição com dois focos o primeiro sustentado na divulgação da ciência e o outro na popularização da cultura. Questões importantes no cumprimento do objetivo de “educar o povo”.

No caso particular do Museu Nacional do Rio de Janeiro, a função educativa esteve presente como um de seus objetivos, tanto nos decretos e regulamentos de governo que organizaram a instituição, como nas ações voltadas para divulgação da ciência e popularização da cultura, desde a sua criação, ainda no período Joanino, em 1818, até os dias atuais (SILLY, 2012, p.21).

Conforme esse autor, a função educativa do Museu Nacional, esteve presente na instituição desde a sua inauguração, ainda que seja importante, sinalizar que em perspectivas diferenciadas. Todavia, a concepção desse autor é importante para refletir que já no Império o Museu se compromete com a função educativa, através da divulgação da ciência e estímulo do ensino de História Natural.

A lógica de conduzir o Brasil ao progresso, se dava pelo entendimento de que através das ciências poder-se-ia encontrar todas as soluções para as questões que se referiam aos indivíduos e a sociedade. Na busca de uma interpretação nacionalista para o Brasil, o ensino de História Natural ajudaria nessa perspectiva. De acordo com Silly, o Museu Nacional, foi uma instituição importante nesse processo de divulgação científica e instrução do povo no Brasil, devido ao prestígio que veio acumulando desde o Império, chegando a República:

Nesse sentido, o Museu Nacional do Rio de Janeiro foi aqui considerado como uma das instituições pertencentes à rede de agências de governo no período imperial e nas quatro primeiras décadas da República no Brasil, como lugar de poder e de saber científico, mas também como lugar privilegiado de instrução, com funcionamento

regular, segundo regras que procuraram definir as formas diretas e indiretas de agir na educação do público (SILLY, 2012, p.20).

Esse pensamento que esteve perpetrado no Museu, agrega o momento republicano da década de 1920, em que Bertha Lutz entra na instituição e realiza as suas viagens, seus estudos e escreve os seus relatórios sobre “museu moderno”. Pois foi um momento, em que a instituição esteve comprometida a contribuir para sanar no país, a égide do alto grau de analfabetismo de uma maioria de população negra e miscigenada, para o Brasil se equiparar as nações modernas. Bertha Lutz como funcionária do Museu é parte desse movimento.

Para Horne (2004), o Museu Nacional, já no século XIX, efetivou-se como museu de ciência e museu educador, responsável por ter operado a transição da antiga sociedade colonial, para a sociedade moderna. Isso aconteceu, através da lógica, do educar para civilizar. Ao permitir que a população, tivesse acesso a conhecimentos científicos, o Museu contribuiria para formar nos indivíduos, uma postura cívica, comprometida com a construção da modernidade no país.

Em os “Fastos do Museu Nacional do Rio de Janeiro “Recordações Históricas e Científicas Fundadas em Documentos Autenticos e Informações Veridicas”, onde reflete sobre a história do Museu Nacional, João Baptista de Lacerda (1905), aponta que o Imperador Dom Pedro II, colaborou com essa postura tomada pelo Museu, por entender ser uma necessidade divulgar os conhecimentos científicos realizados no País e empenhou esforços para estimular a ciência:

Elle [O imperador Dom Pedro II] via bem que o Brazil era um paiz novo, cuja educação científica e artística apenas começava; conhecia os recursos de que dispunham para essa educação as nações mais adiantadas; era portanto, mui natural que pensasse em aproveitar na direção de certos serviços, que tinham excepcional importância na vida scientifica do paiz (LACERDA,1905, p. 131).

Essa educação científica, visava contribuir, para formar uma noção de nação patriótica, necessária para a unificação de tamanha variedade de raças, povos e costumes, existentes no país. Países como Inglaterra e França foram pioneiros nessa postura, de civilizar e conduzir ao progresso, influenciando o Brasil. De acordo com Pereira (2010), a participação dos museus brasileiros nesse circuito científico educacional, se deu através dos intercâmbios internacionais que foram criados, desde o século XIX:

Os museus brasileiros participaram deste cenário internacional realizando intercâmbios, fruto das viagens científicas que proporcionaram a circulação das coleções, das inovações e pesquisas entre museus de várias partes do mundo. Os diretores de museus se integravam a esta tradição, compartilhavam e divulgavam informações através de seus periódicos ou de suas associações. Essas viagens, que não foram privilégio dos diretores dos museus, foram realizadas também pelos responsáveis pelas instituições de ensino e pesquisa nacionais, para a atualização e intercâmbio de conhecimentos (PEREIRA, 2010, p.56).

Essa relação de intercâmbio acontecia através da circulação de coleções e inovações das pesquisas realizadas por museus no mundo, relação que não era algo limitado aos diretores dos museus, mas também a responsáveis pelas instituições de ensino e pesquisas nacionais, na perspectiva de atualizar e transmitir conhecimentos.

Os museus a partir do século XIX, mais especificamente no XX, ampliaram o espaço público para experimentar e propor temáticas diversas, com o uso de ações mais dinâmicas e populares, que permitissem, uma participação direta do público (VALENTE, 2003). No Século XIX, no que tange, ao período imperial, segundo essa autora, o progresso científico, tecnológico e material era percebido como mote para o avanço maior e rápido da sociedade em prol de vaidade nacional e de fartura material. Em suas palavras “Após meados do século XIX, o progresso científico, tecnológico e material vinha sendo saudado cada vez mais como a chave para o avanço maior e mais rápido na direção de uma vida nacional e de abundância material” (VALENTE, 2003, p.35).

Essa postura, provém de uma perspectiva, de pensar a ciência como mais elevada manifestação da inteligência humana, que mobilizou o Museu Nacional no período Imperial. A missão era suprema, a de “informar a origem e o futuro dos homens e do universo, tendo ainda a responsabilidade de ditar regras de bom comportamento para toda a sociedade” (SÁ, 2006, p.91).

Esse pensamento de alguma maneira, contribuiu para o período de transição de império para a república, no que tange a perspectiva educacional desenvolvida na instituição. De acordo com Rangel (2014), nesse contexto, as noções de ciência e educação estiveram próximas, numa lógica formadora, que se definiu, por meio de diversas possibilidades

Compreendemos com Rangel (2014), que a gestão de Ladislau Netto, se pautou em divulgar a ciência produzida pelo Museu Nacional e isso, pode ser entendido como uma vertente social, da maneira com que através de suas ações, como a criação da revista,

“Arquivos do Museu Nacional” pode abrir no Museu, um canal de diálogo com a comunidade científica.

Após Ladislau Netto, o primeiro Diretor do Museu no período republicano foi Amaro Ferreira das Neves Armond²⁵, entre 1892 até 1893 que catalogou várias espécies de vegetais. Com a instituição da República, houve inicialmente no Museu continuidades. Uma delas era a obtenção de cientistas renomados para assumir a sua direção, o que dava a instituição, prestígio científico e também social. Muitos desses diretores circulavam em outras instituições e estavam envolvidos com questões sociais como Amaro Ferreira das Neves Armond, comprometido também em dar assistência a vítimas de Febre Amarela.

Entre 1893 a 1895, Domingos José Freire Junior²⁶, foi diretor do Museu. Destacou-se pelas pesquisas que fez sobre a Febre Amarela, conseguindo desenvolver uma vacina de prevenção para a doença. Obteve grande reconhecimento nacional e internacional, como seu trabalho como bacteriologista. Conforme Benchimol (1999), o trabalho desse diretor sobre a Febre Amarela, teve grande alcance na comunidade internacional. Ele empunhou esforços para abrir espaços na Europa com a sua pesquisa. Diz o autor “Ao rastreamos os elementos materiais e ideais que dão ressonância ao trabalho de Freire, penetramos numa intrincada teia de relações que envolvem personalidades e instituições de vários países.” (BENCHIMOL, 1999, p.119).

Podemos notar a estratégia do Museu, de agregar aos seus quadros estruturais, cientistas renomados, talvez na perspectiva de levar o nome da instituição, para os espaços de produção científica no exterior. Essa postura irá se repetir no diretor que irá suceder Freire, que foi João Baptista de Lacerda.

João Batista de Lacerda²⁷, dirigiu o Museu entre 1895 a 1915. Esse diretor destacou por ter voltado suas posturas, e práticas científicas para pensar as questões sociais brasileiras. Estudou as plantas brasileiras e fósseis humanos, provenientes das descobertas que fez ao investigar, os índios sambaquis. Foi membro, de diversas associações científicas nacionais e estrangeiras. Durante sua gestão, defendeu que o

²⁵ Nascido em Vitória e formado pela Faculdade Nacional de Medicina, Amaro recebeu o título de Doutor aos 20 anos de idade. O tema de seu estudo foi, a educação física, moral e intelectual da mocidade no Rio de Janeiro e sua influência sobre a saúde. (MN, 2007/2008).

²⁶ Domingos José Freire Junior nasceu em 5 de novembro de 1842, no Rio de Janeiro. Tornou-se bacharel no Colégio Pedro II em 1859, e formou-se em Medicina em 1866. Museu Nacional (2007/2008).

²⁷ João Batista de Lacerda nasceu em 12 de julho de 1846, na cidade de Campos dos Goytacazes, RJ. Assim como outros diretores, formou-se em Medicina. Foi nomeado funcionário do Museu em 1876 e promovido a diretor em 1895. Entre seus feitos, podemos destacar que, no campo da Botânica, aplicou o método experimental ao estudo do curare e das toxinas das plantas brasileiras e estudou fósseis humanos provenientes das descobertas que fez nos sambaquis.

Museu deveria ser um lugar de educar a população, através de suas exposições, dos cursos e de conferências públicas “Lacerda defendia que o Museu deveria instruir o público através de suas coleções e este aprendizado deveria ser baseado no conhecimento prático dos objetos diante das conferências públicas” (MN, 2007/2008).

De acordo com Rangel (2014), o Museu Nacional, passou por um momento de modernização na gestão Lacerda, que promoveu reformas, para melhorar o edifício da Quinta da Boa Vista:

Um período que se firmou na potencialização não somente pela mudança de edifício localizado no Largo Santana para o Palácio da Quinta da Boa Vista, mas, sobretudo, no incremento das áreas da antropologia e da arqueologia (RANGEL, 2014, p.440).

Percebemos, que João Baptista de Lacerda entre 1893 e 1915, contribuiu para transformar o Museu, através de reformas estruturais, e da sua ação como cientista de renome, num lugar de renome internacional.

No percurso das reformas promovidas por Lacerda programou-se uma primeira campanha pela demolição do pavilhão que serviu de Congresso Constituinte da Primeira República, sem qualquer ônus para o Tesouro Nacional, rasgando os pavimentos do Pavilhão e os adaptando às novas necessidades de distribuição das coleções museológicas. Aproveitaram-se as salas para acomodar as coleções paleontológicas, pintando, limpando e caiando tudo o que se podia com recursos próprios do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Assim, o espaço físico do Museu Nacional do Rio de Janeiro foi demarcado pelos limites do Parque da Quinta da Boa Vista, sendo cercado por postes de ferro e fios de arame, recebendo uma configuração estética que se pretendia colocar à altura dos museus de história natural de Paris e de Londres (RANGEL, 2014, p.442-443).

Essa ação em prol das reformas, se deu, devido à necessidade de equiparar o Museu as instituições internacionais, visando mostrar que era possível tornar o Brasil, um lugar civilizado, mesmo tendo a sua maioria da população analfabeta. As reformas estruturais no Museu, permitiram que este estivesse preparado para acoplar dentro de si o que fosse necessário para cumprir esse objetivo.

Para Benchimol (1999), Lacerda junto de Freire, foram também grandes bacteriologistas brasileiros, no que tange a investigar doenças:

Freire e Lacerda foram os mais prolíficos bacteriologistas brasileiros do último quarto do século passado. Com teorias que conceberam para a febre amarela e outras doenças obtiveram considerável projeção no cenário médico nacional e internacional (BENCHIMOL, 1999, p. 26).

Esse foi um momento em que a ciência era vista, como o propulsor do progresso. Conforme Sá (2006), a ciência era enxergada como “fonte única do progresso.” A educação, portanto, surge, como facilitadora para a instrução dos conhecimentos científicos; e os cientistas do Museu Nacional em seus campos do conhecimento tinham inserção na sociedade nacional e internacional.

1.2 Os diretores do Museu Nacional contemporâneos de Bertha Lutz

Entre 1916 e 1923, Bruno Lobo²⁸ foi o diretor do Museu Nacional. Exercendo essa função, teve grande atividade internacional. Foi designado pelo Ministério de Estado dos Negócios do Interior para representar o Brasil na Conferência Internacional de Microbiologia e Parasitologia que foi realizado em Buenos Aires. Nessa mesma ocasião, teve a oportunidade de visitar museus argentinos e realizar permutas de peças.

1.2.1 A inserção da perspectiva modernizadora de se educar a todos no Museu Nacional

Foi na gestão desse diretor, a partir do decreto de 1916, que a instituição produziu esse regulamento para impor mudanças no Museu Nacional. Esse regulamento foi o primeiro que destinou um capítulo ao ensino, mostrando mudança na instituição, para se comprometer com a educação mais diretamente. A partir desse momento, passou a se comprometer, muito com a perspectiva educativa moderna de instruir a todos, conforme MN (2007/2008).

Conforme Rangel (2010), as características educativas iniciadas no Museu Nacional no século XX, se estenderam até as décadas de 1920 e 1930:

A tendência cada vez mais sentida na escolarização tornou-se um viés pelo qual o Museu Nacional do Rio de Janeiro foi, progressivamente, se constituindo como uma instituição de pesquisa e de ensino. A partir do início da década de 1920, passou a englobar o ensino elementar e a divulgação científica para o público leigo. O regulamento do Museu Nacional do ano de 1916 continha um capítulo destinado ao ensino que deveria se instituir por meio das coleções científicas, das conferências públicas, dos cursos de especialização realizados nos diversos laboratórios da instituição. A ideia era contribuir para a formação dos cientistas sociais brasileiros (RANGEL, 2010, p.57, grifos nossos).

A partir desse momento o Museu Nacional passa a ampliar sua ação como uma instituição de pesquisa e ensino. A divulgação do conhecimento científico para o público

²⁸ O médico Bruno Álvares da Silva Lobo nasceu em 21 de outubro de 1884. Formou-se na Faculdade Nacional de Medicina. Em 1905 foi nomeado para exercer o cargo de assistente do Laboratório Anátomo-Patológico do Hospício Nacional dos Alienados, o antigo Hospício Pedro II. Tornou-se diretor da instituição em 1907, (MN, 2007/2008).

leigo passa a ser uma política da instituição e isso iria se pautar em diversas medidas como a realização de conferências públicas.

É na gestão de Bruno Lobo que Bertha Lutz entra no Museu Nacional, em 1919, e começa a sua trajetória científica e a pensar uma educação museal. Assim realiza a primeira viagem aos Estados Unidos para visitar e estudar entre outros, escolas e os museus norte-americanos em 1922.

De acordo com Silly (2012), Bruno Lobo imprimiu em sua gestão, objetivos de ensinar e divulgar História Natural. Para o diretor, o Museu a partir desse momento, deveria dialogar com instituições diferenciadas como escolas e abrir as suas dependências para elas. Essa postura, foi entendida como uma postura política, mas também pedagógica, já que a partir daí, que estabelecimentos de ensino de diversos níveis, mas especificamente instituições de ensino primário e secundário, puderam ter uma relação mais ampla com o Museu Nacional. Essa relação aconteceria através da possibilidade de permitir aos professores, a chance de usar os laboratórios e mais dependências do Museu Nacional e o fornecimento de material didático para as escolas:

Atendendo ainda à nova determinação para o ensino no Museu Nacional, mas também as solicitações dos estabelecimentos escolares por material didático para compor gabinetes de História Natural e museus pedagógicos, em 1919, as seções do Museu Nacional iniciaram a produção de uma coleção de quadros murais para serem distribuídos aos estabelecimentos de ensino de diferentes níveis. Essa coleção de quadros murais, concluída no ano de 1922, reproduzida e distribuída pelo Museu até o ano de 1942, foi composta de catorze exemplares relativos à zoologia, botânica, geologia e antropologia, confeccionados com breves textos e imagens, desenhadas e pintadas sobre tela amidoada, contendo informações básicas, de fácil compreensão por parte daqueles que fossem utilizá-los, seguindo a linha de produção de quadros parietais, organizados e vendidos por estabelecimentos comerciais fornecedores de material didático na Europa e que, até então, eram importados pelo Brasil (SILLY, 2012, p.88-89).

A relação construída entre o Museu Nacional e as escolas, no fornecimento de material didático dos campos da zoologia, botânica, geologia e antropologia tinha como objetivo propiciar conhecimento de fácil compreensão. Podemos perceber, que o Museu passou a dialogar com escolas e professores, visando estreitar a relação com os estabelecimentos de ensinos e, portanto, instruir e educar.

A trajetória educativa imprimida no Museu no período em que Bruno Lobo foi diretor é importante para entendermos as relações travadas com Bertha Lutz dentro da instituição em torno da dimensão educativa, já que desde a sua entrada por concurso para

o cargo de “secretário” em 1919.

Arthur Neiva assumiu o Museu Nacional no período de 1923 a 1926. De acordo com MN (2007/2008), o diretor após se formar em Medicina atuou no Instituto Oswaldo Cruz com Adolpho Lutz, sendo também responsável pela criação de um código sanitário em 1903. Foi responsável por emitir ofício que permitia Bertha Lutz atuar na seção de Botânica em 1924, ainda ocupando o cargo de “secretário”.

Edgard Roquete-Pinto assumiu interinamente a direção do Museu em 1926, e a partir de 1927 até 1935, foi o diretor. Ingressou no Museu em 1905 e desenvolveu diversos trabalhos, como colaborar com a missão Rondon em 1912, que catalogou e investigou índios nhambiquaras e ajudou a entender a diversidade dos índios e de certa forma, do próprio povo brasileiro, como produtor desse trabalho, escreveu o livro “Rondônia” em 1917. Ele entendeu essa experiência como exercício teórico que rendeu diversas interpretações científicas sobre o Brasil, elegendo a educação como estratégia para reafirmar as possibilidades republicanas de civilidade, de ordem, de progresso e de originalidade racial e étnica, elegendo a “ciência” apanágio para os problemas nacionais relacionados com a idéia de atraso cultural frente ao mundo europeu considerado civilizado” (VENÂNCIO JUNIOR, 2011, p.2).

No Brasil nesse período, a condição do homem era essencial dentro desse projeto modernizador nacional, do qual Roquette-Pinto como intelectual participava, pois só sanando os problemas desses indivíduos, era que poderia alcançar o progresso das nações civilizadas. De acordo com Herschmann (1996), podemos ter um aprofundamento de como era enxergado a figura do homem mestiço, visto no Brasil como “degenerado” e de que maneira foi colocado no projeto modernizador de redenção:

O homem, portanto, passa a ser o principal alvo desse projeto modernizador, não um homem visto como “irrecuperável degenerado”, mas um homem encarado como passível de ser reabilitado- embora continue sendo, até aquele momento “ignorante”, mestiço, “dominado” pela natureza e pelas “paixões”, “preguiçoso” e “doente” (HERSCHMANN, 1996, p.63).

O entendimento era de que o homem nacional, de maioria mestiça, ou seja, tomado pela égide da escravidão, precisava ser mudado, para assim o país conseguir ser equiparar as nações avançadas. Essa transformação viria através da superação da condição desse homem, visto como degenerado e colaborador para o aumento dos problemas sociais.

Na busca pelo progresso, compreender a identidade do povo era fundamental, para definir novas diretrizes para pensar o moderno. Em meio as amplas discussões que

nortearam e definiram a postura educacional dentro do Museu Nacional pelos diretores da década de 1920, é necessário esclarecer algumas noções.

A questão da raça é uma delas, pois norteou diversos debates dentro do Museu, em busca dos rumos, que deveria tomar a sociedade na década de 1920. (RANGEL, 2016). Ao pensarmos o Brasil, da década de 1920 1930, compreendemos que o desejo, que havia na elite brasileira, tomada por médicos, advogados, literatos e políticos, era o de se aproximar dos ideais europeus. Na compreensão deles, conforme Schwarz (1993), isso só poderia ser alcançado, se fosse possível, superar a visão de nação, até então construída, por homens decaídos e estigmatizados pela raça e miscigenação. Sendo necessário para isso, curar a degeneração imposta a esses indivíduos, vistos como inferiores. Os negros, mulatos e cafuzos, eram vistos, como seres inferiores aos brancos, e essa questão era vista por alguns cientistas como impeditiva, quando falavam de condução ao progresso. A noção de raça é introduzida, nos meios científicos e também no Museu Nacional, na perspectiva de delinear a existência de heranças físicas permanentes em diversos grupos humanos:

O discurso racial surgia, dessa maneira, como variante do debate sobre a cidadania, já que no interior desses novos modelos discorria-se mais sobre as determinações do grupo biológico do que sobre o arbítrio do indivíduo... (SCHWARZ, 1993, p.47).

A discussão em torno da raça, eram variantes do debate em torno da cidadania, e balizariam também as discussões em torno da educação. Conforme a autora, essa discussão definiu os caminhos para a modernidade, ao pensar a ação dos intelectuais, no processo de transição do século XIX para o XX.

Dentro do Museu Nacional, Roquette-Pinto, através de sua trajetória científica, como a realizada com o Marechal Rondon em 1912²⁹, defenderam e levaram para o Museu, um contraponto a esse pensamento. Entendiam que os problemas sociais, não estavam relacionados a raça, mas sim a falta de acesso a bens sociais como educação, trabalho e saúde. De acordo com Rangel (2016):

Por parte dos intelectuais envolvidos com os campos da medicina e da antropologia, perguntava-se, àquela época, onde residiria nossa verdadeira identidade nacional. A busca da brasilidade, perdida entre o embelezamento da cidade pretendida República, e as vítimas do analfabetismo, da doença e da ignorância a se instituírem lugares-

²⁹ O Marechal Rondon nasceu em 1865 sendo nomeado como chefe do Distrito Telegráfico de Mato Grosso, sendo designado para a Comissão de Construção de linha telegráfica que iria ligar o Mato Grosso a Goiás, de onde Roquette-Pinto participou acompanhando-o e estudou os índios nhambiquaras em 1912.

comuns das aparências enganadoras e efêmeras do país... (RANGEL, 2016, p.197).

Esse pensamento nessa vertente mais social, estaria próximo do que Schwarz (1993) entendeu por “Antropologia Cultural”, que explicava a hierarquia entre as raças era a desigualdade e não a cor da pele, vertente nascida da Antropologia Física e defendida por intelectuais como Roquette-Pinto.

Essa ideia ganhou força, no pós Primeira Guerra Mundial, quando a discussão da questão nacional, emergiu no Brasil, momento em que Bertha Lutz chegou ao Museu Nacional. De acordo com Oliveira (1990), nesse momento, nasceu uma perspectiva nova de nacionalismo, pautada em buscar uma nova identidade, tendo como parâmetro recusar os modelos racistas para viabilizar a sociedade.

Muitos desses intelectuais como Roquette-Pinto e Bertha Lutz, ligados ao Museu Nacional, estiveram comprometidos com a pauta educacional, numa perspectiva de salvação nacional. Ao tomarem a responsabilidade de pensar o Brasil, estiveram balizados, em construir uma retórica nova para a nação, alicerçados na ideia de moderno e progresso, de como conseguir que os indivíduos do Brasil, pudessem produzir uma identidade republicana, em torno de si mesmo.

Através da possibilidade de formar uma identidade nacional moderna para o Brasil, os intelectuais elaboraram pelo viés educacional, métodos de intervenção social e formação dos indivíduos. Oliveira (1990), ao comentar sobre essa questão de perspectiva salvacionista nacional, pontua:

Os intelectuais, independente da sua origem de classe, da sua formação bacharelesca ou especializada, mantiveram-se ocupados em “pensar” o Brasil e em propor caminhos para a salvação nacional. Ao atuarem na construção de consciência coletivas, os intelectuais consideram-se imbuídos de uma missão e procuraram difundir suas propostas mediando aspirações nacionais e políticas governamentais. Nesta tarefa missionária, foram os intelectuais que procuraram criar um ideário nacional baseado em um culto a uma tradição passada ou trabalharam na construção de uma nova tradição (OLIVEIRA, 1990, p.187).

Os intelectuais brasileiros foram importantes nesse processo de construir a identidade nacional, através de seus projetos e também de suas ações. Dessa forma, articularam um surto nacionalista, ou seja, uma ação, em prol de levar o Brasil a modernidade, superando as suas mazelas sociais que ganhou força na década de 1920. Para Micelli (2001), diversos intelectuais para firmar reputação no âmbito dos seus respectivos estados, buscavam ocupar e monopolizar cargos públicos, onde de alguma maneira poderiam fazer valer, seu saber especializado:

Nessa categoria, incluem-se tantos aqueles que ocuparam os postos de instituições culturais- por exemplo, o Museu Histórico Nacional, A Biblioteca Nacional, O Serviço Nacional do Teatro, o Museu Nacional, etc.- como os que se valeram de tarefas subalternas nas instituições de difusão cultural, de propaganda e de censura (MICELLI,2001, p.213)

Nesse contexto, o Museu Nacional, esteve atrelado, a concepção de que a ciência, poderiam dar respostas para todos os problemas sociais, tendo a educação como uma das metodologias, para superar essas questões. O objetivo era o de “construir” o homem republicano, pautado pela influência da modernidade e assim aproximar o Brasil do padrão vivido pelos países europeus.

De acordo com Rangel (2016), Edgard Roquette-Pinto instituiu no Museu Nacional, uma postura científica, que pode, através do estímulo ao estudo de ciências naturais, especificamente a História Natural, construir na instituição, um “museísmo pedagógico.” Este pautado, na perspectiva de permitir uma releitura interpretativa do Brasil mestiço, ou seja, o mesmo propunha, fomentar um novo paradigma que tivesse como necessidade superar os problemas nacionais. Estes relacionados a carência de saúde pública, trabalho e educação. Portanto, segundo Rangel (2016), isso se daria em:

Abrir o Museu Nacional à visitação pública implicou a confecção de uma programação visual que se realizava tanto na perspectiva de preparar e organizar coleções para as exposições, como também no estabelecimento de novos vínculos imagéticos com a população, tais como a fabricação de filmes educativos e diapositivos capazes de ensinar aos que não sabiam ler; o oferecimento de cursos públicos mantidos anualmente; a realização de conferências ilustradas por meio de filmes e demonstrações práticas destinadas a um público mais refinado. Esse projeto de formação de plateia foi colocado em execução quando Roquette-Pinto assumiu a direção do Museu Nacional, em 1926, fazendo com que cerca de mais de quatrocentas pessoas diariamente percorressem as salas de exposições participando de cursos oferecidos pelos professores Alberto Sampaio, Betim Paes Leme, Bastos D’ Avilla, Mello Leitão, dentre outros As aulas de sobre História Natural eram as mais práticas possíveis, para que os alunos pudessem assimilar o conhecimento (RANGEL, 2016, p.189).

Essa educação instituída por Roquette-Pinto, se pautou, em possibilitar no Museu Nacional, uma estrutura de programa visual que garantisse a população, um contato imagético, com diversos dispositivos oferecidos pelo Museu. Esses dispositivos como cinema, e exposições das mais diversas, procuravam ensinar, através do contato direto com os mais amplos objetos do conhecimento. Isso teria êxito, pelo fato da maior parte da sociedade brasileira ser composta por analfabetos.

1.2.2 A criação da 5ª Seção de Auxílio ao Ensino de História Natural e o

compromisso de desenvolver propostas educativas e material didático no Museu Nacional.

Para Pereira (2010), foi em 1927 que Roquette-Pinto criou “5ª Secção de Auxílio ao Ensino de História Natural”, hoje chamada SAE – Seção de Auxílio ao Ensino, que se dedicou dentro do Museu, em desenvolver propostas educativas e fomentar material educacional. Isso se deu, no empenho de ensinar práticas educativas para pesquisadores, professores e professoras de escolas e seus estudantes e também a leigos.

Essa Seção, teve como objetivo institucionalizar dentro do Museu a missão de educar, se preocupando com objetivos, metas e atendimentos específicos, ou seja, sistematizar e gerenciar ações do Museu Nacional em torno de “iniciativas” já existentes, no campo da educação.

Esta seção surge com o objetivo de concentrar todas as iniciativas que o Museu já desenvolvia no campo da educação. O intuito era fazer com que as práticas realizadas sem caráter sistemático pudessem ser realizadas e potencializadas para a comunidade de professores e alunos que frequentavam o museu e que demandavam ajuda e esclarecimentos acerca da História Natural (PEREIRA, 2010, p.133).

O objetivo maior da Seção era o de fornecer subsídios para professores e alunos, sobre o ensino de História Natural. Na 5ª Seção se empregava métodos mais variados de ensino, como o uso de desenho, pintura, modelagem, projeção fixa e cinematográfica, para expor os grandes elementos visuais.

Durante os primeiros anos de atuação, a 5ª Seção de Assistência ao Ensino de História Natural ofereceu serviços para várias escolas; todos foram pautados na exibição de filmes e diapositivos, no empréstimo da Sala de Cursos para a realização de palestras e cursos com a utilização dos materiais e também com a oferta de gravuras para serem manuseadas durante as aulas (PEREIRA, 2010, p. 135-136).

Na 5ª Secção eram oferecidos diversos cursos para várias escolas, e também filmes e realização de palestras, tudo no intuito de garantir que a maioria de pessoas, pudessem ter acesso aos conhecimentos de forma ativa:

Na Assistência ao Ensino de Ciências Naturais eram oferecidos para as escolas, além dos serviços já listados, materiais educativos e instruções para auxílio na elaboração de museus escolares. Aliás, é importante destacar as iniciativas de apoio que o Museu Nacional, por intermédio da Seção, oferecia as escolas. A procura era considerável e as iniciativas de surgimento destes museus eram absorvidas pelo Museu Nacional como uma conquista (PEREIRA, 2010, p.137).

Entre as medidas instaladas pela Seção, estava a produção de material didático que pudesse facilitar o ensino de ciências, ou seja de História Natural através da

divulgação da ciência em práticas escolares e estratégias facilitadoras das mais diversas para tornar palpável o conhecimento produzido pelo Museu Nacional:

Roquette-Pinto atuou também na concepção de pôsteres didáticos de História Natural, especificamente os de antropologia com ênfase para a apresentação da ordem dos primatas. E essas iniciativas demonstram que seus interesses desde o início de suas atividades no Museu Nacional voltam-se prioritariamente para as ações de divulgação científica e também educacionais. Seu intuito era favorecer as práticas escolares a partir das descobertas científicas, investindo, para isso, em estratégias facilitadoras para que as exposições e acervo dos museus pudessem servir à educação escolar (PEREIRA, 2010, p.130).

Assim como Bruno Lobo, o diretor Roquette-Pinto foi contemporâneo de Bertha Lutz dentro da instituição, sendo um dos principais intelectuais do Museu a levantar a bandeira da educação para o progresso, por que entendeu que os problemas do país só seriam resolvidos, se as pessoas tivessem acesso a bens sociais como trabalho, saúde e instrução.

Ao pensarmos a 5ª Seção, entendemos que os princípios ali instituídos, se aproximavam de uma educação que fosse além de prática, se constituindo em uma construção, articulada em ciência e educação:

Em 1927, como diretor efetivo, em comissão, reconfigurou e institucionalizou a dimensão educativa no Museu, criando a Quinta Seção “Serviço de Assistência ao Ensino da História Natural”, com a finalidade de articular ciência e educação ao processo de escolarização, em especial, a instrução escolar (RANGEL, 2014, p.444).

A criação dessa Seção teve como objetivo difundir a educação. Silly (2012), ao analisar esse processo, entende que as mudanças na educação em todos os sentidos possíveis, tinha como objetivo, fazer com que o aluno, fosse sujeito de sua própria educação.

O ENSINO DE HISTÓRIA NATURAL NO MUSEU NACIONAL

Inauguração da nova sala de conferencias

Realizou-se a inauguração da nova sala de conferencias do Museu Nacional e a installação do "Serviço de Assistência ao Ensino da Historia Natural". O acto foi presidido pelo Dr. Lyra Castro, ministro da Agricultura que se fez acompanhar pelo seu secretario Dr. Luciano Pereira e foi assistido por numerozo auditorio onde se encontravam ao lado dos professores e naturalistas do Museu Nacional, as figuras mais representativas do nosso meio scientifico e intellectual.

Expondo os fins do novo serviço que o Museu Nacional passa a prestar ao ensino da Historia Natural no Brasil, falou o director do Museu. Em seguida o Sr. ministro da Agricultura declarou installado o referido serviço, congratulando-se com o Museu Nacional pelo passo progressista que acabava de dar.

Pela Associação Brasileira de Educação, ali representada por quasi toda a sua directoria, falou tambem o professor Mario de Brito, da Escola Polytechnica, apresentando á actual directoria do Museu o apoio e o applauso dos professores brasileiros. Em seguida o professor Luiz Lapique fez uma conferencia illustrada com admiraveis projecções luminosas, narrando uma grande viagem de exploração anthropologica e ethnographica realisada por elle e por Mme. Lapique, através das regiões da Asia onde se encontram representantes da raça negra. Ao terminar, entre applausos o professor Lapique, o director do Museu Nacional agradeceu ao conferencista a sua brilhante contribuição e mais ao Sr. ministro da Agricultura, ao Sr. reitor da Universidade, ao Sr. presidente da Academia Nacional de Medicina, ao Sr. director da Faculdade de Medicina, ao Sr. director da Escola de Bellas Artes, á Associação Brasileira de Educação e a todas as pessoas presentes, a honra da sua visita.

Aos assistentes foram distribuidos cartões postaes com vistas do Museu e photographias de objectos expostos.

Imagem 3: Reportagem do "O Globo", de 1927, sobre a criação da 5ª Secção de Auxílio ao Ensino de História Natural. Acervo: SEMEAR/MN disponível em: https://saemuseunacional.files.wordpress.com/2012/06/criacao-da-sae_o-globo.jpg

Na reportagem do jornal "O Globo", percebemos que a 5ª Secção de Serviço ao Ensino de História Natural surgiu, para prestar serviço ao Ensino de História Natural no Brasil. A notícia ao pontuar a participação da Associação Brasileira de Educação (ABE), na inauguração da 5ª Secção, levou quase toda directoria, que incluía Bertha Lutz, como nos leva a pensar que as ações da Secção não estavam isoladas e limitadas do Museu Nacional, mas incluídas num contexto educativo mais amplo. Era preciso que os professores nas escolas tomassem uma nova postura, fundamentada em utilizar novos

métodos de ensino que pudessem facilitar a aprendizagem dos alunos. Em seus relatórios sobre Museu e educação, no nosso entender, contribuíram para pensar esses novos métodos defendendo a educação visual nos museus, como trataremos no capítulo 3.

O surgimento de museus escolares era uma conquista para o Museu Nacional, tendo em vista a superação dos problemas nacionais, o que para Roquette-Pinto só seria possível por meio da educação. Essa perspectiva entendia, que os problemas nacionais, não estavam limitados a questão da condição genética dos indivíduos, mas sim, devido a sua condição social. A partir do olhar da Antropologia cultural, Roquette-Pinto defendeu a educação como solução para os problemas nacionais, operando no Museu medidas que pudessem reforçar esse entendimento. Ao analisar a experiência de Roquette-Pinto no Museu Nacional, em relação a perceber o Museu Nacional como um museu social, nos diz Rangel:

Sob essa ótica de Roquette-Pinto, a conversão do Museu Nacional em museu social, histórico, significou fazer da ciência uma espécie de progresso, do coroamento da missão científica e civilizadora que vai tomar os museus verdadeiros templos de exaltação da nação e da identidade nacional (RANGEL, 2010, p.57).

Ao analisar a trajetória de Roquette-Pinto dentro do Museu Nacional entre o período de 1905 a 1935, Santos (2002), pontuou que a instituição esteve construída em uma vertente cientificista e nacionalista. Assim, como intelectual, o diretor defendeu que através da ciência e técnica, seria possível dar os rumos para pensar o Brasil como nação, e dessa forma, buscar soluções para os problemas nacionais. Essa “missão” só poderia ser alcançada, através da instauração da função educativa, nas práticas e exposições nos museus. Roquette-Pinto foi, portanto, um intelectual comprometido com essa característica educacional. Isso é explicitado por Lima (1999)

É significativo o fato de Roquette-Pinto dedicar-se- e ali ter sido pioneiro- a um campo da educação em que a questão do analfabetismo era irrelevante. Poder atingir um número maior de pessoas, de diferentes regiões nacionais, desenvolver linguagens inovadoras parece ter consistido no objetivo principal de sua obra como educador (LIMA, 1999, p.127).

Ao refletir sobre esse processo de transformação dos museus a partir do Século XIX de enciclopedista metódico para os museus metropolitanos, Rangel (2010), entende que esses se tornaram “redes de sociabilidade”, nos quais se incluía o Museu Nacional

Do enciclopedismo metódico da primeira metade do século XIX, os museus metropolitanos tornaram-se redes de sociabilidades, no sentido

de colocarem suas coleções, seus catálogos e suas investigações científicas que construíram tipologias de comparação dos museus entre si, em seus processos de cooperação, como também de disputas políticas, por hegemonia científica. Museus que articularam em torno de si, ciência e educação, buscando transformar, com a produção sistematizada do conhecimento, a instrução do mundo. Contudo, o papel educativo dos museus metropolitanos permitirá construir um modelo museal que consolidou não somente a investigação científica em ciências naturais, mas também ampliou a participação das populações letradas e iletradas, possibilitando a confrontação direta do público com objetos musealizados. E, nesse sentido, cumpriu uma função social na pesquisa e na educação laica e popular, combinando as funções científicas e educativas assemelhando o museu a um organismo vivente (RANGEL, 2010, p.57-58).

Esse modelo museal consolidou uma perspectiva que estimulasse a investigação científica, mas também se comprometeu com a educação das populações letradas e iletradas, com a função social estabelecida na pesquisa, na educação laica e também popular, ao combinar as funções que eram científicas com as educativas, ampliando dessa forma o seu campo de ação, quando se trata de público.

A estes museus Bertha Lutz chamou de “modernos”, pois poderiam possibilitar ao público uma experiência educacional e assim ampliar sua formação cultural:

É possível afirmar, com a maior segurança que os museus modernos estão atravessando uma fase experimental. Na sua maioria não são mais instituições estáticas, mas, antes, conceitos dinâmicos. Conservam o intacto o seu papel de ampliadores dos conhecimentos humanos, mas nem por isso deixam de se projetar consciente e voluntariamente na vida social e de intervir ativamente na formação cultural do público (LUTZ, 2008, p.31-32).

Ao analisar as ações de Roquette-Pinto como diretor do Museu Nacional, Silly (2012), entendeu que ele deu continuidade as ações anteriores realizadas por outros diretores, além de implementar outras ações inovadoras, buscando alcançar um público bem maior:

Roquette-Pinto, enquanto diretor do Museu Nacional, com o apoio do governo, deu continuidade às ações educativas iniciadas em gestões anteriores e criou outras, inovadoras, buscando atingir com elas o maior público possível (SILLY, 2012, p.92).

O Museu Nacional, então, tem no seu cerne a função educativa, considerando as diferenças de objetivos e público alvo desde a sua fundação. É importante entender que esse movimento se dá de duas formas. Quando falamos de Colônia e Império um museu focado em divulgar a ciência na perspectiva de mostrar para o mundo que existia produção científica no Brasil. Já na República, especificamente ao período de Bruno

Lobo, Arthur Neiva e Roquette-Pinto, contemporâneos de Bertha Lutz, observaremos um compromisso em educar a população como um todo.

A Educação Visual irá surgir como grande mote para transformar o Museu num lugar social. Analisa Chagas (1999), que o Museu, para cumprir o seu objetivo de educar a população naquele contexto republicano via que era preciso “estabelecer novos procedimentos de fixação de memória”:

Para a construção ritual e simbólica da nação não bastava a criação de selos, moedas, bandeiras, hinos, armas e cores nacionais. Era preciso também, a exemplo de outros países, constituir calendários e datas cívicas, fixar iconograficamente a imagem dos mandatários da nação, erigir monumentos, redigir documentos, elaborar um projeto historiográfico de nação independente, convocar artistas e outros intelectuais para este projeto. Era preciso sobretudo constituir uma nova inteligência e estabelecer novos procedimentos de fixação de memória (CHAGAS, 1999, p.32).

As diversas metodologias apresentadas por esse autor, consiste em nos mostrar de que maneira os museus agiam, para legitimar os desejos intelectuais de tornar as instituições educativas, no que tange educar a “todos”, como Bertha Lutz defendia, na perspectiva do Museu Moderno.

De acordo com Figurelli (2011), a educação também visando passar ao público os valores que as instituições tomavam e visavam para si:

Ao disseminar a ideia da educação presente e atuante nos diferentes setores, o museu reconhece a relevância de adotar uma função educativa que transpareça os valores assumidos pela instituição e que contribua para estabelecer sua identidade organizacional, estimulando a coesão entre as diferentes atividades museológicas. Direcionada ao ser humano e, portanto, intimamente relacionada à função social, a função educativa de uma instituição museológica ajuda a planejar e implementar a relação que o museu estabelece com a sociedade e o patrimônio (FIGURELLI, 2011, p.118).

O Museu, portanto, visto como um lugar, de permitir a educação para todos, e também como lugar de observação em que o sujeito do processo educacional, também fosse construtor do conhecimento. Dessa forma, seria possível, pensar maneiras de estar se reinventando e assim “estabelecer sua identidade organizacional”.

A 5ª Secção do Museu Nacional irá surgir como concentrador dessas medidas educacionais e ali promover o acesso das pessoas ao conhecimento.

Como já dissemos, hoje a 5ª Secção é denominada de Seção de Auxílio ao Ensino (SAE), tendo por objetivo:

Realizar estudos sobre estudos e pesquisas sobre educação em museus de ciências; prestar assistência ao ensino das ciências naturais e antropológicas a estabelecimentos de ensino, professores e alunos; orientar o público em visitas às exposições do Museu Nacional; organizar, realizar cursos, palestras, conferências e sessões cinematográficas educativas, para divulgação das Ciências Naturais e Antropológicas; organizar campanhas educativas, tendo em vista a proteção na Natureza e um melhor conhecimento dos recursos naturais, especialmente do país; organizar exposições próprias, temporárias ou volantes para atender aos seus objetivos educacionais; colaborar nas publicações do Museu Nacional e elaborar, para distribuição, obras de divulgação de conhecimentos de Ciências Naturais e Antropológicas (Fonte: Museu Nacional)³⁰.

Entendemos que o trabalho realizado por Bertha Lutz em suas viagens aos Estados Unidos, para estudar os museus norte-americanos, principalmente a de 1932, contribuiu para instituir uma postura institucional educativa, que é tomada pela “5ª Secção de Auxílio ao Ensino de História Natural”, atualmente.



Imagem 4: Museu Nacional na atualidade ainda localizado no Paço de São Cristóvão.
Fonte: <http://www.feriasbrasil.com.br/fotosfb/305989043-XG.jpg>

É importante elucidar a personagem Bertha Lutz, sua entrada no Museu Nacional em 1919, para o cargo de “secretário” na gestão Bruno Lobo e sua trajetória dentro do Museu Nacional, apresentando as suas viagens aos Estados Unidos para visitar e estudar os museus daquele país, como intelectual representando o Museu Nacional. É do que trataremos no capítulo 2.

³⁰ <https://saemuseunacional.wordpress.com/a-sae/>

CAPÍTULO 2

A TRAJETÓRIA POLIVALENTE DE BERTHA LUTZ: INTELECTUAL, FEMINISTA, CIENTISTA, MUSEÓLOGA E EDUCADORA (1922 A 1932)

2.1 A ação intelectual e o compromisso com a modernização do país: Bertha Lutz no Museu Nacional

No começo do século XX, podemos analisar no Brasil uma renovação em torno dos debates científicos e políticos. Ou seja, uma tentativa de através da ciência, poder explicar os problemas nacionais. Essas mudanças foram pautadas, de acordo com Neves (2004), pela necessidade de organizar a nação e construir uma noção progressista para o país. Essa postura já vinha se consolidando nesses ideais, desde a instituição do regime republicano, proclamado em 1889.

Nos meios científicos, entre eles o Museu Nacional, se debateram problemas como doenças, higienização, eugenia, reformas estruturais e também a educação. Estes norteados pela necessidade de instituir no Brasil a modernidade, que o permitisse como nação, se aproximar dos países europeus.

Sobre a influência que os ideais modernos causaram no país e nas instituições que almejavam instituir no Brasil o progresso pelo viés científico, afirma Neves (2004), ao observar o processo de transição do Brasil do século XIX para o XX, que:

Esses ideais modernos, condensados no que então era visto como associação indissolúvel entre os conceitos de progresso e civilização, redesenham o quadro internacional, acenavam com a possibilidade de um otimismo sem limites em função das conquistas da ciência e da técnica, impunham uma determinada concepção de tempo e de história, e ocultavam aos olhos da grande maioria o reverso de um panorama apresentando, quase sempre, como uma espécie de *parusia*³¹ terrena na qual as conquistas da técnica e do engenho humano transforariam a barbárie das guerras no reinado da emulação entre os países aptos, destinados a anunciar, por todo o orbe, a boa – nova da redenção do atraso (NEVES, 2004, p.19).

Através dessa concepção científica, foi produzido no Brasil um otimismo quanto a possibilidade de superar os seus problemas com uma crença teleológica de que se poderia igualar-se aos países europeus e assim redimir-se do atraso.

De acordo com Camara (2013), vários intelectuais brasileiros, e aqui podemos

³¹ Significa volta de Jesus/ Juízo Final.

incluir Bertha Lutz, se preocuparam com a questão nacional, ao se proporem tanto com projetos individuais, quanto através de suas instituições, intervir sobre os problemas da sociedade e ajudarem a superá-los. Essa postura, entendida como moderna, se pautou no olhar argumentador que os intelectuais, lançavam ao país. Pontua Camara (2013), que diversas questões que envolveram a busca dessa unidade, pautando questões como saúde, trabalho e educação nesse momento na década de 1920 e 1930:

Assim a educação, a saúde e o trabalho foram questões recorrentes nos discursos intelectuais, uma vez que eram identificados como os grandes problemas e entraves à construção de um país moderno e civilizado. Para a construção de uma nação moderna era preciso estabelecer mudanças na educação (CAMARA, 2013, p.91).

As discussões em torno da educação, saúde e trabalho, surgiram como eixo articulador para esses pensadores, elaborarem seus projetos em torno do objetivo de construir a nação. Entretanto, de acordo com Motta (1992), o tema da educação, adquiriu posição de destaque nos debates em torno da reestruturação da sociedade e da construção da nacionalidade, pois esteve alinhado, ao desejo de colocar o país no status de nação moderna.

Para Velloso (2013), o que mobilizou esses intelectuais, e seus projetos interventores, no que tangia a superar os problemas sociais, foi o objetivo de construir um “modelo de ser nacional” que pudesse sintetizar o país, e o seu lugar na ordem civilizatória no contexto mundial. Pécaut (1990), aprofunda esse entendimento ao analisar que essa postura era uma urgência:

“Organizar” a nação está é a tarefa urgente, uma tarefa que cabe as elites. Dela os intelectuais têm ainda mais motivos para participar, na medida em que constitui um fato indissolúvelmente cultural e político: forjar um povo também é traçar uma cultura capaz de assegurar a sua unidade (PÉCAULT, 1990, p.15).

Dessa forma, entendemos que a formação de saberes pelo museu, que Bertha Lutz estudou e propôs em seus relatórios, poderia contribuir para assegurar a unidade para a nação que se estava construindo em sua instituição, o Museu Nacional, através de redes de sociabilidade que travou no Brasil e nos Estados Unidos, e também seus escritos, como o Relatório de 1932. Bertha Lutz atuou no Museu Nacional, em prol de instituir na sociedade uma perspectiva educativa de museu.

2.2 Biografia de Bertha Lutz

Bertha Maria Julia Lutz nasceu, em 2 de agosto de 1894, em São Paulo. Filha de Adolpho Lutz, cientista brasileiro, e da enfermeira Amy Marie Gertrude Fowler. Em sua

carreira, a feminista atuou como botânica, zoóloga, advogada, tradutora, feminista no Brasil e educadora.

A intelectual, foi uma das pioneiras do feminismo no Brasil e empreitou a luta pela emancipação das mulheres, entendendo que as mesmas tinham que obter direito ao voto, direitos civis e direito à educação.

Na infância, ensinou violino e alfabetizou alunos nos cursos criados em São Paulo, por sua mãe, na Ordem São Bento, conforme apontou Lobo (2010). Parte de sua família foi dirigente e dona de escolas, a exemplo do Collegio Suíço Brasileiro, fundado para atender a comunidade suíça no Brasil. Por volta de 1880, sua avó paterna, Mathilde Oberteuffer Lutz, inaugurou a escola no bairro de Botafogo no Rio de Janeiro. Havia apenas uma turma para crianças e jovens de até 20 anos e as professoras eram da família Lutz.³²



Imagem 5: A família Lutz em frente ao Colégio Suíço Brasileiro, fundado no século XIX no bairro de Botafogo na cidade do Rio de Janeiro³³.

Ao terminar o curso elementar em 1913, Bertha Lutz viajou com a mãe para a Europa onde, na França, realizou o curso Secundário. Foi também lá, que prestou

³² Fonte: www.suicosdobrasil.com.br/escolas-su%C3%AD%C3%A7o-brasileiras.html, capturado em 30/05/2016.

³³ Fonte: (<http://www.suicosdobrasil.com.br/escolas-su%C3%AD%C3%A7o-brasileiras.html>) capturado em 30/05/2016)

concurso para entrar na Faculdade de Ciências da Universidade de Paris (Sorbone) em 1915. Lá estudou, Ciências Naturais, se graduando-se em 1918³⁴.

Em sua ficha funcional no Museu Nacional, Bertha define suas habilitações profissionais em “zoologia, botânica, inclusive trabalhos de laboratório e de campo, de excursão; *organização de museus e suas atividades educacionais*”. Bertha destacava- além de sua formação em Sciences, em Paris, na Sorbonne em 1º de março de 1918- seus certificados de estudos superiores em botânica, química, biologia e embriologia geral de 20 de junho de 1916, 18 de outubro de 1916 e 23 de outubro de 1917... (LOPES, 2008, p.18, grifos nossos).

Bertha Lutz tinha ampla formação acadêmica e também formação cultural. No texto com “diretrizes que deveriam nortear a atuação feminina na política.”, pensamos, que o fato de falar pelo menos quatro línguas, como inglês, francês, alemão e português, facilitou o circuito internacional e o seu futuro êxito num mundo de ciências ainda fechado às mulheres.

De acordo Alves (1977), Bertha Lutz declarou, que no tempo em que viveu e estudou na Europa esteve em Londres, antes e após a Primeira Guerra Mundial. Foi nesse instante, que se interessou pela campanha feminista, ainda que, tenha dito que sua mãe a proibia de participar das manifestações, por ser estrangeira e menor de idade.

Quando voltou ao Brasil, em 1918, formada pela Sorbonne, Bertha Lutz estava influenciada pelo pensamento feminista europeu e americano que teve contato, o que balizou a sua trajetória política e profissional, pautada pela luta em promover direitos às mulheres, fundando a Liga pela emancipação Intelectual da Mulher.

Conforme Bonato (2005), quando a intelectual voltou ao Brasil, fundou junto com outras mulheres a Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher, na perspectiva, de que os direitos das mulheres, fossem reconhecidos como o direito ao voto e a educação, a ponto de que essas pudessem ser vistas, como membros ativos da sociedade. Nessa direção Martins e Costa (2016), pontuam:

Em 1919, influenciada pelas lutas das mulheres europeias e americanas, Bertha Lutz iniciou uma luta pelo sufrágio universal. A adesão de outras mulheres como Maria Lacerda de Moura³⁵, provocou a formação no Rio de Janeiro da Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher, posteriormente denominada Liga pelo Progresso Feminino. Com a associação de mulheres de outros estados identificadas com a causa

³⁴ Fonte: FBPF/AN: Em cartão de admissão aos trabalhos práticos da Faculdade de Ciências, pertencente à Bertha Lutz Ap 46, cx 11, pac 3, vol 3.

³⁵ “Maria Lacerda de Moura (1887-1945) nasceu em Manhuaçu, Minas Gerais, primogênita de uma família modesta. Em Barbacena/MG, cursou a Escola Normal e lecionou “Pedagogia e Higiene”.” (MARTINS; COSTA, 2016).

feminina proposta pela Liga formou-se a Federação das Ligas pelo Progresso Feminino. (MARTINS, COSTA, 2016, p. 212,213).

A Federação, com sede no Rio de Janeiro fundada em 1922, aconteceu após participação de Bertha Lutz, como delegada na “1ª Conferência Panamericana de Mulheres”, que aconteceu em Baltimore, e agiu dando visibilidade a causa feminina, no que tange a direitos políticos e também educacionais. Bertha Lutz como intelectual polivalente, já nesse momento, atuou em prol da causa das mulheres e da educação.

De acordo com Martins e Costa (2016):

Bertha Lutz, entendia a organização feminina como necessária à luta pelo direito ao voto, ao ingresso no Serviço Público e ao acesso à universidade, entre outras bandeiras. No campo da educação e da cultura, discutiu o projeto de criação da Universidade do Brasil sugerindo o modelo de campus universitário americano. Propôs, também, a criação de museus escolares e do Conselho Nacional de Pesquisa e de Divulgação Científica (MARTINS, COSTA, 2016, p.213).

Para Macedo (2003), a Liga almejava ampliar a sua ação em outros Estados, como o Rio Grande do Norte.

A Liga para Emancipação Feminina buscou ampliar sua influência por outros estados, incentivando a criação de núcleos locais de defesa dos interesses femininos. A estratégia de luta adotada com relação ao voto era dar maior visibilidade à questão, trazendo-a, sempre que possível, ao centro dos debates, inserindo matéria na imprensa, dirigindo cartas aos parlamentares e autoridades (MACEDO, 2003, p.98).

Destacamos que foi no Estado do Rio Grande do Norte que foi eleita a primeira mulher como prefeita, Luísa Alzira Teixeira Soriano (SCHUMACHER, BRAZIL, 2000).

De acordo com Hahner (1981), as mulheres da Liga como Bertha Lutz, viam no direito ao voto um instrumento para superar as barreiras impostas as mulheres e também a possibilidade de caminhar para uma sociedade liberal mais completa, servindo como um aparato necessário para o progresso e não apenas um fim em si mesmo. Para essa autora como as primeiras feministas brasileiras, Bertha Lutz “se opunha ao tratamento indulgente da mulher, como brinquedo ou ‘criança mimada’, e expressou sua fé no poder da educação para remedir isto” (HAHNER, 1981, p.102). Para a feminista os brasileiros eram “muito atrasados comparados às raças que hoje dominam o mundo.” (LUTZ *apud* HAHNER, 1981, p.102).

Assim se expressa Bertha Lutz que “A emancipação política feminina é uma das questões que está na ordem do dia”. E ainda que “A política verdadeira é para mim uma sciencia que participa da arte também”. (LUTZ, *apud* HAHNER, 1981,p.102).

Foi ainda no ano de 1918 que teve a oportunidade de começar a sua trajetória como cientista, ao trabalhar no Instituto Oswaldo Cruz com o seu pai, Adolpho Lutz. Sendo ele cientista de renome nacional e internacional, influenciou a trajetória intelectual de Bertha Lutz. De acordo com Lobo (2010), a intelectual trabalhou na instituição como tradutora e também como encarregada do Museu de Zoologia. Além de fundar em 1922 a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.

Em 1928 ingressou na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, que viria a ser incorporada a então Universidade do Rio de Janeiro, hoje UFRJ. Esse ingresso se deu, por ter o desejo, como advogada buscar pelos direitos para as mulheres, pelo ponto de vista jurídico.

2.3 A entrada de Bertha Lutz no Museu Nacional

No dia 3 de setembro de 1919, Bertha Lutz realizou o concurso, para o quadro de profissionais do Museu Nacional, concorrendo ao cargo de "secretário"; sendo a segunda mulher admitida em concurso público.³⁶ O concurso de Bertha Lutz foi polêmico, pelo fato dela ser mulher e a sociedade naquele momento, não aceitar que as mulheres pleiteassem um lugar sócio profissional e científico, até então predominantemente de homens:

A partir de 1919, Bertha vai marcar posições nos campos científico, literário e político. No campo científico, prepara-se para o concurso público para preenchimento do cargo de secretário do Museu Nacional, ao qual concorre com outros candidatos do sexo masculino. Única mulher inscrita no concurso, Bertha enfrenta a concorrência de dez outros candidatos do sexo masculino e as forças que se opõem ao ingresso da mulher no serviço público (LOBO, 2010, p.28).

Bertha Lutz concorreu com um grupo de 10 homens dos quais, um inclusive desistiu de prestar o concurso, ao ponto de mandar carta para o diretor do Museu, questionando a participação de uma mulher na disputa, alegando que isso era contra as boas normas da moral e da família (SOIHET, 2006).

Conforme publicado no jornal "O combate", de 3 de setembro de 1919, a congregação que avaliou o concurso, composta por intelectuais como Bruno Lobo, diretor do Museu Nacional, Edgard Roquette-Pinto e Alberto Betim Paes Leme³⁷, cientistas

³⁶ A primeira mulher foi Maria José de Castro Rebello Mendes, aprovada em concurso, no então serviço diplomático brasileiro. FONTE: FBPF/AN: Ap,46, Cx42, pac1, vol.30).

³⁷ Alberto Betim Paes Leme. Engenheiro civil e Professor honorário da Universidade de Paris, foi diretor do Museu Nacional entre 1935 a 1938.

renomados da instituição, poderia escolher entre os três primeiros colocados. Aprovada em segundo lugar, nas provas de conhecimentos gerais, tendo Mourão dos Santos alcançado o primeiro lugar, a candidata foi escolhida, o que foi um fato polêmico, levando ao mesmo até a recorrer da decisão ao Presidente da República, por achar injusto. O candidato Austriano do Amaral Mourão dos Santos tirou 16 10/14 pontos e Bertha Lutz 16 2/14³⁸.

Diversos jornais de época, publicaram sobre o processo da entrada de Bertha Lutz por concurso, no Museu Nacional em 1919. O jornal “A União”, de 24 de agosto, com manchete intitulada “Mais uma victoria feminina”, pontuou que “No difficil concurso para o cargo de “secretario” do Museu, ultimamente realizado, foi classificada em 1º lugar a senhorinha Bertha Lutz”. Pelo título da matéria, podemos perceber que esse periódico deu destaque como uma conquista coletiva das mulheres. Ao frisar “Mais uma victoria feminina”. Bertha pelo fato da militância feminista já visível traçada por Bertha Lutz, lembrando que nesse período, ela já era presidente da Liga. Entretanto, a notícia chama atenção para a conquista individual de Bertha Lutz ao mencionar que ela “foi classificada em 1º lugar”.

A edição da Revista “Gil Blas”, de 11 de setembro de 1919, em reportagem intitulada “O Feminismo Trumphant”, também comentou a entrada de Bertha Lutz no Museu Nacional como uma vitória do feminismo no Brasil:

Foi nomeada para o cargo de secretario do Museu Nacional a senhorita Bertha Lutz, classificada em 1º lugar no concurso realizado para o preenchimento desse lugar. E' mais uma victoria do feminismo no Brasil... O nosso Museu estava realmente precisando da presença gentil do ex fragilíssimo sexo, para que a sua graça consiga torná-lo não só uma exposição de história natural, mas um repositório de cousas da arte e da beleza (REVISTA GIL BLAS 1919).

O articulista da revista, ao entender que a entrada de Bertha Lutz no Museu Nacional foi uma vitória do feminismo no Brasil, e ao mesmo tempo, que o Museu precisava de uma presença feminina em seus quadros funcionais, nos leva à hipótese de que a classificação dela em primeiro lugar, para o cargo de “secretário”, pode ter sido uma estratégia da instituição, devido ao prestígio que ela já naquele momento acumulava, pelo feminismo praticado, por ser filha do cientista renomado Adolpho Lutz, e por ter sido formada na Europa, dominando pelo menos, quatro línguas.

³⁸ Não conseguimos localizar o edital do concurso.

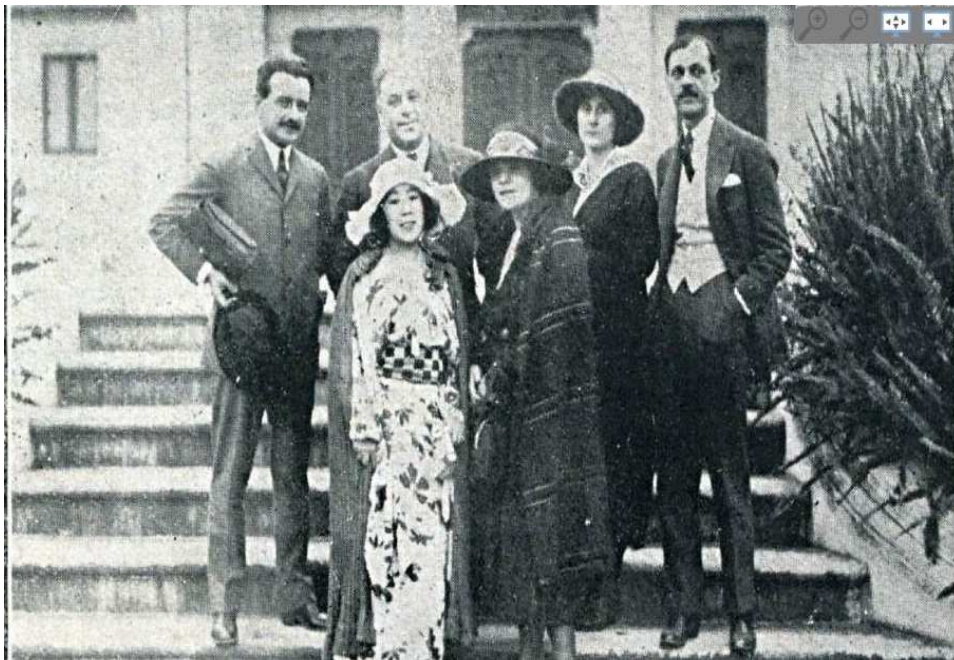


Imagem 6: Fonte: Hemeroteca Eletrônica da Biblioteca Nacional: Revista Fon-Fon, edição 31 de 1919. As artistas Tamaka Miura e Della Rizza na frente. Ao fundo, da esquerda para direita, prof. Bruno Lobo, diretor do Museu Nacional, o empresário Mocchi, Bertha Lutz e Cypriano Lage, repórter.

Todavia salientamos, que o processo que culminou na entrada de Bertha Lutz no Museu Nacional, não foi unânime. A polêmica que cercou o início de sua trajetória como mulher e feminista no mundo de cientistas homens, dentro do Museu a partir de 3 de setembro de 1919, teve como um dos opositores, a figura do literato Lima Barreto. O Autor de famosos livros como "O triste fim de Policarpo Quaresma" e "Clara dos Anjos", comentou em diversas crônicas a sua percepção em torno desse acontecimento:

Ninguém nega que a mulher tenha qualidades subalternas e secundárias que são exigidas para o exercício de um simples cargo público; mas o que está em jogo não é bem isso. Está em jogo a maneira irregular e ilegal que tem presidido o provimento desses cargos, por moças e senhoras. Em que lei se têm baseado as autoridades que tal têm feito? Não respondem. Ou antes: respondem citando consultas, pareceres e outros documentos mais ou menos graciosos, que não podem ter valor legal, isto é, de lei alguma. [...]. É verdade que a Constituição fala que os cargos públicos são acessíveis a todos os brasileiros, e, afinal de contas, as mulheres que nascem no Brasil são gramaticalmente em conjunto com os homens, brasileiros, mas também afirma a Constituição que todo o brasileiro é obrigado ao serviço militar; entretanto, quando se trata de saber se a mulher pode ou não ser soldado, há hesitação em se decidir que também ele é brasileiro de que fala a Constituição, e pede-se uma lei no Congresso. Desde, porém, que se trate de fazer uma dama, secretário de qualquer coisa ou amanuense disso ou daquilo, a questão fica logo resolvida: pode exercer o cargo. O Congresso é dispensado (BARRETO, 2004, p. 418-419, grifos nossos).

O escritor Lima Barreto em sua fala, faz uma crítica ao processo de todo o concurso de Bertha Lutz. Provavelmente isso aconteceu, pelo fato dela ter sido

classificada em 1º lugar pela congregação de Professores do Museu Nacional, assumindo assim o cargo. Ao que percebemos pela crítica de Lima Barreto, que a escolha por Bertha Lutz, foi mais política do que justa.

Ao problematizar os direitos e deveres das mulheres, pontuados na constituição, entendemos que, Lima Barreto faz uma crítica ao feminismo, praticado por Bertha Lutz. Sua crítica reporta a concepção de que para conseguir alguns “direitos” constitucionais, como o de ocupar o serviço público, em detrimento de outros, como o da mulher ser apta ao serviço militar, o feminismo de Bertha Lutz não é o mesmo.

Para o escritor de “O Triste Fim de Policarpo Quaresma”, o que estava em jogo, era uma possível fraude que poderia ter ocorrido nesse concurso para favorecer a Bertha Lutz, que ocupava uma posição de destaque na elite brasileira, e usava desse prestígio para conseguir ganhos, nem sempre “justos”, questionando assim o feminismo exercido por ela.

O que cabe aqui refletir, não é somente a oposição a nomeação de Bertha Lutz no serviço público pelo escritor, mas sim o que ela representava para a causa feminista. Bertha Lutz, defendia direitos de emancipação intelectual e políticos para as mulheres, nas mesmas condições dos homens, o que a tornava uma dirigente de destaque. Provavelmente, como principal líder do movimento feminista, esse entendimento, preocupava Lima Barreto, muito pelo fato do cargo de Bertha Lutz no Museu Nacional, pudesse fortalecer sua militância e a leva a cometer “infrações”. Isso em nossa visão fica claro em outra crônica:

Podia-se escrever até uma história das variações das seitas feministas, mas ficará isto para mais tarde. Por hoje, como simples nota, fica a seguinte observação. A senhora Bertha Lutz, sabendo que um ministro mandara ouvir um dado funcionário sobre, se as moças, podiam ser admitidas em concurso, saiu-se lá de sua Liga pela Emancipação da Mulher (Uma das seitas) e resolveu officiar a esse funcionário, pedindo que o parecer dele fosse de acordo com o programa de sua "liga". Esta senhora é funcionário público e devia saber que não é decente ninguém insinuar a um funcionário, seja por que meio for, que seus pareceres sejam dados em tal ou qual sentido. Em certas ocasiões chega a ser até crime... A senhora Dona Bertha Lutz deveria saber disso. Enfim, o feminismo tem razões, etc, etc (BARRETO, 2004, p.406, grifos nossos).

Nessa crítica, Lima Barreto volta a analisar o feminismo praticado por Bertha Lutz. O autor faz uma alusão que a militância praticada por ela, esta pautada em conseguir que as mulheres pudessem ter acesso ao serviço público, mesmo que usando meios, segundo ele, questionáveis. Como uma das principais líderes do feminismo no Brasil,

usava desse prestígio e o da Liga pela Emancipação da Mulher que o escritor chama de Seita, para conseguir lutar por mais espaços, adotando postura individual e duvidosa. Para ele, essa era uma postura incorreta com o lugar que ela ocupava de “funcionário público”, enxergado por ele, até como crime.

Em nosso entender, esse prestígio aumentou a medida que como funcionária do Museu, ocupando o cargo de secretária, tinha liberdade para pleitear a sua militância e lutar para que mais mulheres ocupassem o serviço público. Continuando a jogar luz às crônicas de Lima Barreto, o mesmo criticou sua participação no Congresso de Baltimore, deslegitimando as suas ideias, e reforçando a sua crítica ao tipo de feminismo praticado por ela:

Agora, temos a faladora Bertha Lutz que foi aos Estados Unidos, em Baltimore, creio, dizer que as moças do Brasil se dedicam a ensinar crianças. Grande Novidade! Uma cousa, porém, não disse e é que as moças do Brasil se fizeram arautos do feminismo burocrático. O que elas querem, é ser escriturárias, mediante concursos duvidosos, em que entram influências "brunísticas", para que tirem os primeiros lugares. Isto é o feminismo, À Bruno Lobo. [...] Assim são as glórias do Brasil, com "s" ou com "Z". Todas elas são feitas da falsificação de dependências, de simulação e "roupas", à custa do... Estado (BARRETO, 2004, p.521).

Nessa crítica, o escritor de “Clara dos Anjos”, obra em que denunciou estereótipos raciais e sociais, reforçou o espaço que Bertha Lutz tinha dentro do Museu Nacional, para praticar o seu feminismo. Ainda que não possamos afirmar somente por essa crônica, nos surge como possibilidade que o Diretor do Museu Bruno Lobo, de alguma maneira apoiava a sua funcionária. Isso fica claro na análise de Lima Barreto, que pontua a influência do Diretor, como responsável pelo que chamou de “Feminismo Burocrático” de Bertha Lutz ao se referir as influências “brunísticas”. Um feminismo pautado, somente em conseguir cargos públicos.

Bertha Lutz participou do Congresso de Baltimore, representando o Brasil. Nesse congresso, junto de outras feministas como Carrie Chapman, discutiu questões relacionadas ao direito da mulher, onde pode explicitar os avanços do feminismo no Brasil.

Em 1922, funda a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), problematizando o lugar da mulher naquela sociedade e defendendo direitos sociais, culturais e políticos até então não dado as mesmas, como o direito ao voto. (BONATO, 2005). Esse foi também o ano em que ocorreu diversos movimentos sociais, como a Semana de Arte Moderna, que questionou os padrões vigentes da arte, o tenentismo que

reivindicou reformas estruturais para a sociedade brasileira, entre outros (NAGLE, 2001).

No “Texto sobre as conquistas femininas no Brasil com destaque para os assuntos: trabalho feminino, mulheres, concurso público, voto e entidade femininas organizadas”³⁹, Bertha Lutz aprofunda sua defesa, em torno dessas temáticas, mostrando que a sua pertença ali, estava para além da atividade científica, mas também feminista. Nesse documento, podemos analisar uma postura de Bertha Lutz em prol da luta pela entrada das mulheres no serviço público. Para ela, assim como para outras mulheres, isso consistia numa conquista. A própria intelectual enxergou a sua entrada dentro do Museu Nacional, como uma vitória para a causa das mulheres.

A obtenção da intelectual como quadro institucional poderia ser uma possibilidade de ampliar as redes de sociabilidade do Museu Nacional, principalmente internacionais. Isso ficou claro, quando começamos a elucidar a trajetória de Bertha Lutz, dentro do Museu, onde ela teve a possibilidade de ser relacionar com museus americanos, discutindo em seus relatórios, temáticas como economia doméstica, museus e educação.

2.4 Trajetória científica no Museu Nacional: pensando museus e educação

Bertha Lutz entrou no Museu Nacional em 1919, com uma função burocrática no cargo de “secretário” - como vimos um cargo cobiçado por muitos homens, porém com participação ativa científica dentro da instituição. A primeira produção de Bertha Lutz no Museu Nacional, foi a organização da Revista “Archivos do Museu Nacional”, publicada em 1920 em homenagem ao centenário do Museu de 1818. Como vimos, a primeira edição da revista foi ainda no Século XIX, especificamente em 1876, criada por Ladislau Netto, diretor do Museu.

O Médico Afrânio Peixoto, em 21 de março de 1920, enviou telegrama para Bertha Lutz a parabenizando pela edição da Revista. Nesse telegrama ele deixa explícita a relação de admiração que tem com o pai dela, Adolpho Lutz, a quem chama de “meu Sábio Mestre”⁴⁰.

De acordo com o jornal “O Paíz”, de 5 de outubro de 1921, Bertha Lutz foi designada para participar de uma comissão científica brasileira, que iria para o Congresso de Dermatologia e Pedagogia, a reunir-se em Montevideo:

O sr, Ministro da Justiça pediu ao seu colega da agricultura providencias no sentido de ser posta á disposição do Departamento

³⁹ Fonte: FBPF/ AN em: Ap 46, cx 11, pac 4

⁴⁰ Ap 46, cx 11, pac 3, vol 3.

Nacional de Saúde Pública a Sra. Bertha Lutz, secretária do Museu Nacional, afim de desempenhar uma comissão científica no Congresso de Dermatologia e Pedagogia, a reunir-se em Montevideo (O Paiz, 5 de outubro de 1921).

Não tivemos maiores informações sobre esse Congresso, mas a participação de Bertha Lutz nos faz entender que como secretária do Museu, ela teve ação internacional. E representa, ainda, sua ação no campo da educação, pois o Ministro da Justiça solicita ao Ministro da Agricultura, Indústria e Comércio de onde o Museu Nacional era vinculado, para que fosse colocada à disposição do Departamento Nacional de Saúde Pública, para participar no referido Congresso.

A partir de 1922, ano em que a Liga se transformou em FBPF e organiza a 1ª Conferência para o Progresso Feminino, dentro das comemorações do centenário da independência, ela começa a participar de forma mais ampla científica e politicamente. No jornal o “Diário da Manhã”, de 11 de janeiro de 1922, lemos que ela publica artigo sobre a fauna brasileira em um periódico intitulado “A folha médica”, editado por Bruno Lobo:

Temos sobre a nossa meza de trabalho o ultimo numero de bem feita publicação quinzenal. A folha médica, que se edita na capital do paiz sob a responsabilidade scientifica do ilustre professor Bruno Lobo. Além de vários artigos que são verdadeiras theses, brilhantemente defendidas por sumidades medicas, merecem especial menção, pela forma e fundo científico e momentoso para o nosso paiz, os artigos da illustrada secretária do muzeu nacional, sra. Bertha Lutz, sobre a fauna brasileira, e o do dr. Americo campos, dedicado ás damas da cruz vermelha (Diário da Manhã, 11 de janeiro de 1922).

Conforme Sirinelli (2003), os intelectuais se organizam também através das revistas, onde instituíaam redes:

O meio intelectual constitui, ao menos para seu núcleo central, um “pequeno mundo estreito”, onde os laços se atam, por exemplo, em torno da redação de uma revista ou do conselho editorial de uma editora. A linguagem comum homologou o termo “redes” para definir tais estruturas (SIRINELLI, p.248).

Bertha Lutz ao publicar numa revista editada por Bruno Lobo, diretor do Museu Nacional, sinaliza as relações profissionais que foi travando naquele momento e o reconhecimento intelectual dentro da instituição.

Ainda no campo da educação, Bertha Lutz irá participar do 4º Congresso Brasileiro de Ensino Secundário e Superior, realizado no Rio de Janeiro. De acordo com a edição de 19 de agosto de 1922 do jornal “O Paiz”, ela foi relatora das *theses* da “1º

Comissão de Teses Gerais” desse Congresso que contou com a participação de Edgar Roquette-Pinto e também Bruno Lobo. Pode defender nesse Congresso e também na citada 1ª Conferência pelo Progresso Feminino, o ingresso de alunas no colégio Pedro II, na “Comissão de Educação e Instrução” e em cursos superiores (BONATO, 2002). Essa autora, pontua que na 1º Conferência pelo Progresso Feminino, questões como analfabetismo, tuberculose, alcoolismo e sífilis, foram discutidos. Destaca ainda a participação do médico higienista Moncorvo Filho, importante na discussão em torno do direito à infância relacionado com a causa feminina.

Como se observa, o médico destaca ser necessário debelar o que identifica como os “malefícios de hereditariedades funestas” ou o “fantasma da hereditariedade maléfica” que vem afetando as crianças e a sociedade em geral, se referindo a sífilis, à tuberculose e ao alcoolismo, considerados como os três grandes males da degeneração humana (BONATO, 2014, p.105).

Entendemos, que a atuação no Museu Nacional não impediu sua militância feminista. Ainda em 1922, participou como representante brasileira nos Estados Unidos, da Conferência de Baltimore. Nesta Conferência discutiu o feminismo e políticas sociais femininas e o direito ao voto. Nele Bertha Lutz foi eleita, vice-presidente da Sociedade Pan-Americana de Mulheres. Depois de três meses retornando ao Brasil, com a ajuda da feminista Carrie Chapman, líder feminista americana que ajudou Bertha Lutz, quando essa fundou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino ainda em 1922.

2.4.1 Investigando o Ensino doméstico- agrícola e os cursos de Economia doméstica

Além de participar do citado Congresso de Baltimore, Bertha Lutz foi designada pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, para visitar estabelecimentos de Ensino doméstico-agrícola e os cursos de economia doméstica. De acordo com o Jornal “O Paíz”, de 14 de agosto de 1922, visando se apropriar da experiência norte-americana e fomentar as iniciativas já traçadas pelo Ministério, ela visitou “Os principais estabelecimentos de ensino e trabalhos manuaes e de economia domestica, quer os privativos de cada sexo, quer os filiados do regimen de co-educação, tão generalizado na pedagogia norte americana”⁴¹. (Fonte: FBPF/AN).

Essa experiência lhe rendeu a escrita de um relatório sobre Economia Doméstica que viria ser publicado em 1923, com o nome de “O serviço cooperativo de Extensão dos conhecimentos de Agricultura e Economia Doméstica nos Estados Unidos.”⁴² O texto propunha várias medidas para a organização de um serviço de extensão de conhecimentos

⁴¹ Em Ap 46, cx 11, pac 4

⁴² IBIDEM

de economia doméstica e também agrícola para os norte-americanos, que Bertha Lutz julgou importante, trazer as experiências para o Brasil.

O Ministério da Agricultura, entendia que os estudos sobre o ensino doméstico-agrícola e Economia Doméstica, poderiam contribuir para o Brasil, na questão econômica, por ser o País naquele momento ainda, uma nação agrônoma. O Jornal “O Paíz”, de 14 de agosto de 1922, sobre a postura do Ministro da Agricultura em relação ao relatório de Bertha Lutz, publica:

O Dr, Pires do Rio, ouvindo-a atentamente, incumbiu-a de promover, após a elaboração do relatório referente á sua missão, activa propaganda sobre o assumpto que já se acha incluído em regulamentos do seu ministério, e que conta no Brasil alguns estabelecimentos dignos de nota, entre os quaes salienta-se a Escola de Economia Doméstica, no Rio Grande do Norte. D. Bertha Lutz ficará para esse fim á serviço do ministério, na parte referente ao ensino agrônômico, durante o tempo necessário á execução do seu mandato. Sabido que o ensino doméstico-agrícola e de economia doméstica está difundido em países mais adiantados, é de esperar que produza no Brasil os melhores resultados, como paíz agrícola que é, podendo até colaborar na tarefa patriótica de reduzir o exodo rural, condizentes com o seu e naquelas que devem concorrer para tornar mais confortável e feliz o lar do cultivador (O Paíz, 14 de agosto de 1922).

O Dr. Pires, Ministro da Agricultura, tinha como objetivo usar o trabalho de Bertha Lutz sobre o ensino doméstico agrícola e de Economia Doméstica, para ajudar na redução do êxodo rural. Por entender que esses estudos, já avançados em países adiantados como os Estados Unidos, visitados por Bertha Lutz, para pesquisar sobre esse tipo de ensino que contribuiriam para o Brasil.

Em telegrama datado de 28 de agosto de 1922, enviado ao Ministério da Agricultura, Bertha Lutz explicita o que foi esse momento de produção do trabalho. Ela diz:

A honrosa incumbência que me foi dada pelo Snr. Ministro da Agricultura , Industria e Commercio de fazer alguns estudos sobre o Ensino da Agricultura, principalmente do ponto de vista do ensino ao sexo feminino, isto é, da Economia Domestica Agricola, durante a minha estadia, nos Estados Unidos proporcionou-me a oportunidade de conhecer uma das mais interessantes organizações daquele Paiz: O Systema de alcance nacional onde estão para assegurar o progresso constante da Agricultura e melhorar continuamente as condições de vida da população rural (Fonte: AN/FBPF⁴³).

Bertha Lutz ao visitar aos Estados Unidos em 1922, para estudar Economia Doméstica Agrícola, dando ênfase a ensino para o sexo feminino, pode conhecer como

⁴³ Em Ap 46, cx 11, pac 4.

se propagava o ensino lá e como o sistema americano lidava com a questão da vida da população rural. Conforme Bonato (2007), desde 1919, quando a Liga foi fundada, por parte de algumas mulheres já havia um incentivo a instrução nacional da educação doméstica para o sexo feminino, que envolvia também aplicações a agricultura. O objetivo era a educação das meninas pobres.

2.4.2 Relações científicas com museus e instituições internacionais e a autorização para atuar na Seção de Botânica

Outras práticas iniciadas por Bertha Lutz no Museu Nacional, além das viagens de estudos, foi a solicitação de exposições e espécimes de outras instituições e museus e também do envio de espécimes do Museu Nacional a instituições internacionais. Nas viagens aos Estados Unidos, Bertha Lutz pode trocar material científico com instituições e visitar lugares como Grand Canyon, desfiladeiro no Rio Colorado no Estado do Arizona, nos Estados Unidos para colher espécimes. Pode também obter espécies de batráquios e plantas, estes no Grand Canyon em maio de 1922⁴⁴ e também em maio 1925. De acordo com Sousa (2009), além de ter ido ao Grand Canyon, para coletar espécimes florais, Bertha Lutz pode também providenciar espécimes etnológicos com o Departamento de Antropologia do Museu de História Natural e enviar espécimes florais para a Universidade de Cornell⁴⁵.

Além de visitar instituições do ensino Doméstico Agrícola e de Economia Doméstica, Bertha Lutz teve como uma de suas missões estreitar relações entre o Museu Nacional e os Museus norte-americanos, através da busca de materiais científicos como já pontuado e também de levar material científico como o material etnográfico da Comissão Rondon, que os cientistas do Museu Nacional estudavam, como era o caso de Roquette-Pinto, ampliando assim sua rede de sociabilidade.

De acordo com Benchimol (2003), foi a partir de 1922, que essa relação de estudar a função educativa dos museus americanos, por Bertha Lutz se iniciou:

Em 1922, ano da celebração do centenário da independência do Brasil, viajara para os Estados Unidos para desempenhar comissão do Ministério da Agricultura relacionada ao ensino agrícola, e para representar o Museu Nacional no Congresso de Museus Americanos, que se realizou em Buffalo. Bertha foi encarregada, inclusive, de permutar o material equivalente de tribos norte-americanas pouco estudadas. Era o início de uma colaboração mais ampla entre os museus

⁴⁴ Em Ap 46, cx 29, pac 1/ ap cx 29, pac 4, vol 3, Ap 45, cx 29, vol 13, Cx 29, pac 3, vol.3.

⁴⁵ Fonte: FBPF/ AN.Cx. 11. American Museum of Natural History. Robert C. Murphy (Associate Curator of Birds/ Museum Committee) a B. Lutz (Em N.Y). 11/ jul. 1922.

de ambos países, tornando-se Bertha uma mediadora importante dessa colaboração (BENCHIMOL, 2003, p. 2012).

Essas permutas da Comissão Rondon, se referem ao trabalho feito por Roquette-Pinto, em 1912, quando junto ao Marechal Rondon pode investigar os índios e suas especificidades, assim como retratar como as mazelas sociais, atingiam as regiões do Norte, até então pouco estudadas pelos cientistas. E isso permitiu, que se fosse iniciado pela intelectual uma relação ampla entre Brasil e Estados Unidos, no que tange as concepções educativas de museu.

De acordo com o Ofício n.º. 256⁴⁶, de março de 1922, o diretor Bruno Lobo pontuou parte das funções que a intelectual teria nessa primeira viagem aos Estados Unidos enquanto funcionária do Museu Nacional:

De acordo com a solicitação do Professor Edgard Roquette-Pinto e a determinação do Sr. Ministro da Agricultura, ficais incumbida da distribuição das duplicatas do material etnográfico oferecido pela Comissão Rondon e que se destina aos Museus Norte-americanos”. Além disso, “roga [va-lhe] aceitar a incumbência de estudar os meios de intensificar as permutas de material e estreitamento de relações científicas entre o Museu Nacional e os Museus norte-americanos, a organização de ambos, os processos administrativos e sua aplicação ao nosso país, com especial referência à divulgação dos conhecimentos de História Natural e ao papel didático no ensino dos diferentes ramos da mesma. (Fonte: FBPF/AN. Ofício n.º 256).

Bertha Lutz inicia uma relação com os Museus norte-americanos em relação as questões científicas, “com especial referência e divulgação dos conhecimentos de História Natural e o papel didático no ensino” da mesma que são educativas. De acordo com Sousa (2009), Roquette-Pinto, após a autorização do Ministério para a viagem de Bertha Lutz, enviou através dela, para que essa desse aos museus que visitasse, quatro listas de duplicatas de materiais etnográficos, relacionadas a coleções de arcos, peneiras e também adornos dos índios Nhambikuaras, vindas das viagens feitas por Roquette-Pinto em 1912 com a Comissão Rondon⁴⁷.

Em 1923, Bertha Lutz foi condecorada pelo Museu Americano de História Natural e também devido a sua ação como líder feminista de renome mundial naquele momento,

⁴⁶ Fonte: FBPF/ AN. CX.11 Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Museu Nacional do Rio de Janeiro. N.º 256 [Diretoria]; Bruno Lobo a Bertha Lutz (março de 1922). Levantado através de análise de Sousa (2009)

⁴⁷ Fonte: FBPF/AN. Cx. 11. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Museu Nacional do Rio de Janeiro. Seção de Antropologia e Etnografia. Roquette-Pinto a Bertha Lutz (23/Março/1922), e Fonte: FBPF/AN. Cx 11. “Relação dos artefatos entregues a D. Bertha Lutz, com destino a America do Norte, conforme ordem do Snr. Diretor. ”. A comissão Rondon foram viagens feitas para o norte e nordeste do Brasil com iniciativa do Marechal Rondon com o objetivo de instalar telégrafos, mas também com o desejo de conhecer os nativos e os tipos que Roquette-Pinto viria a chamar de brasileiros.

o que poderia colocar em ascensão o seu lugar de atuação, no caso o Museu Nacional. Além disso, já vinha recebendo cartas de Laurence V. Coleman, líder da Associação Americana de Museus para que pudesse aderir a associação, assim como material dele sobre os museus e suas práticas nos Estados Unidos. Ainda em 1923, ela teria iniciado os estudos sobre a Biologia Floral da *Mangifera L.*, que, viria a ser publicada na edição da revista “Archivos do Museu Nacional”, de 1926⁴⁸.

Podemos perceber que desde do princípio que entrou na instituição, Bertha Lutz manteve uma articulação, tanto na produção científica, quanto na criação de redes de sociabilidade, com instituições norte americanas.

Em 1924, receberia do então diretor na época, Arthur Neiva, médico e higienista que já comandava a instituição por 1 ano, o direito de atuar no setor de Botânica. A autorização é emitida através do ofício 383, de 7 de maio de 1924⁴⁹, quando o diretor aprova uma solicitação feita pelo instituto de Botânica. No documento oficial, o diretor Arthur Neiva justifica o motivo pelo qual aprovou esse pedido, considerando que a cooperação de Bertha Lutz nos trabalhos técnicos da Seção de Botânica, seria de real importância para a atividade científica do Museu. Nas palavras do diretor:

Conhecedor da vossa dedicação ao trabalho e comprovante da competência, não hesitei sequer um momento para atender ao pedido acima, crente que a vossa cooperação nos trabalhos técnicos daquela secção será de real valor proveito para a atividade científica deste instituto, valho-me da oportunidade para apresentar-vos os protestos de meu respeito e distinta consideração. Saúde e Fraternidade. Arthur Neiva, Director (Fonte:FBPF/AN⁵⁰).

O ofício de Arthur Neiva, refletiu o prestígio acumulado por Bertha Lutz como cientista no Museu. Na condição de secretária, ganhou o direito de atuar na área de botânica. Anexado ao documento do ofício citado, existe um documento não identificado que comenta essa designação e reflete um pouco desse momento de Bertha Lutz:

Não é de surpreender essa medida que vem confirmar a capacidade científica da mulher brasileira, na pessoa de sua leader, pois a sta Lutz além do brilhante concurso que a colocou no lugar de secretaria do Museu que vem exercendo rodeada de tanta estima e sympathia, das honrosas comissões que a levaram como representante do Brasil ao estrangeiro, nas Conferencias de Baltimore e de Roma e da posição técnica que ocupou no gabinete do Sr. Dr. Pires do Rio enquanto, Ministro da Agricultura, tem sólidos conhecimentos científicos,

⁴⁸ LUTZ, B, “Estudos sobre a biologia floral da *Mangifera L.*”. Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Vol. XXVI, 1926. Pp. 125-158

⁴⁹ Em Ap, Cx 11, pac 3, vol 3.

⁵⁰ Em Ap, Cx 11, pac 3, vol 3.

revelados em conferencias e publicações. Formada pela Faculdade de Ciências da Universidade de Paris, foi homenageada por todos os grandes museus americanos por ocasião de sua viagem aos Estados Unidos, sendo também convidada para oradora do banquete oficial anual da associação dos museus americanos e recebendo o título de membro correspondente do Museu Americano de História Natural, título até agora concedida apenas a sessenta e quatro cientistas no mundo inteiro e que no Brasil é possuído apenas pelo seu pae o eminente sábio Dr. Adolpho Lutz que tanto tem feito para ilustrar a sciencia brasileira no serviço sanitário do Estado de São Paulo e como chefe de serviço do instituto Oswaldo Cruz (Fonte: FBPF/AN⁵¹).

Essa permissão para atuar na seção de Botânica, mesmo como secretária, pode ter sido uma confirmação da sua capacidade como cientista, tendo em vista a sua formação em Ciências Naturais na Sorbonne. Através das viagens internacionais, chamadas “honrosas comissões”, Bertha Lutz como representante do Brasil, estreitou relações desde que chegou ao Museu Nacional e criou redes de sociabilidade com instituições internacionais.

Conforme o Ofício 383, de 7 de maio de 1924, no que tange a Bertha Lutz, o diretor Arthur Neiva, ainda permitiu através de decreto que ela pudesse assumir a sessão de Botânica e realizou estudos, mesmo ainda como secretária.

Atendendo à solicitação da Secção de Botanica deste instituto, para prestardes a vossa prestimosa cooperação aquele Departamento, resolvi designar-vos para redes exercício na referida secção, acto este aprovado pelo Sr. Ministro, em o Officio n° 879 de 14 do ano corrente... A convite do Sr Professor Chefe da Secção de Botanica do Museu Nacional, está a Sta Bertha Lutz, secretaria daquelle importante estabelecimento realisando presentemente estudos scientificos naquella secção. Tomando conhecimento do convite que foi endereçado através da Directoria, resolveu o Dr. Arthur Neiva o eminente director do Museu Nacional, sob cuja direção está este tomando tão amplo desenvolvimente sempre empenhado em todas as medidas que possam concorrer para intensificar a produção scientifica do estabelecimento a seu cargo, atender imediatamente a sugestão do Chefe da Secção de Botanica, obtendo a autorização do Dr. Ministro da Agricultura e designando a Sta Lutz nos seguintes termos: Não e de surprehender esta medidad que vem confirmar a capacidade scientifica da mulher brasileira, de sua leader, pois a Sta Lutz além do brilhante concurso que a colocou no lugar de secretaria do Museu que vem exercendo rodeada de tanta estima e sympathia, das honrosas comissões que a levaram como representante do Brasil ao estrangeiro nas Conferencias de Baltimore e de Roma e da posição technica que ocupou no gabinete do Exmo Sr. Dr. Pires do Rio, emquanto, Ministro da Agricultura, tem sólidos conhecimentos scientificos, revelados em conferencias e publicações (Fonte: FBPF/AN ofício 383).

⁵¹ Em Ap 46, Cx 11, pac 3, vol 3.

Aqui podemos refletir um pouco da trajetória de Bertha Lutz no Museu Nacional no que tange a construção de um reconhecimento científico. Pois mesmo como secretária do Museu, recebeu a autorização, para atuar na área de Botânica e realizar viagens internacionais, para estudar Agricultura doméstica e também o museu educativo

O documento, da diretoria do Museu Nacional, permitindo que Bertha Lutz, atuasse como Botânica, é parte de um percurso que além de revelar relação dela com a ciência na instituição, mostrou a sua relação com ministérios como o da Agricultura e com o Feminismo.

Bertha Lutz ainda nesse ano, seria condecorada pelo rei Alberto I da Bélgica, com o especial de 1º Classe devido aos serviços prestados à agricultura e por seus estudos em biologia floral, frutificação das mangueiras e observações sobre os métodos modernos de aperfeiçoamento da pomicultura tropical.

Podemos perceber também as suas relações com museus norte-americanos. Em carta de 1 de setembro de 1924, ao responder a Coleman, Bertha Lutz pontua que:

Returning to the Museum from rather prolonged absence on duty for the departamento of agriculture i found both you letters involving me to join the American Association of Museuns, which had not been sento n to me. I shall be most happy on join the Association anda m enclosing self and dues. Many thanks for the magazine and Museuns News, which are most interesting indeed. Very Sincerely Yours. Bertha Lutz (Fonte FBPF/AN⁵²).

Essa carta, se refere a relação que foi mantida, com a Associação Americana de Museus, desde que foi eleita membro correspondente em 1923. A associação enviava para a mesma, revistas e publicações sobre Museus, que estão à disposição, no arquivo SEMEAR, do Acervo do Museu Nacional.

2.5 O circuito intelectual com outras instituições: Bertha Lutz e ABE

Podemos afirmar que, Bertha Lutz como “funcionária” do Museu Nacional, também foi membro fundadora da Associação Brasileira de Educação (ABE). Isso ocorreu na reunião sessão de 16 de outubro de 1924, realizada na Sala dos professores da Escola Polytechnica da Universidade do Rio de Janeiro⁵³.

Nessa sessão foram aprovados os Estatutos da Associação Brasileira de Educação

⁵² Em Ap 46, Cx 11, pac 3, vol 3. Tradução própria: “Voltando ao Museu após uma ausência prolongada em vez de plantão para o Departamento de Agricultura, encontrei tanto suas cartas envolvendo para que eu me juntasse à Associação Americana de Museus, que não tinha sido entregue ainda a mim. Ficarei muito feliz em aderir à Associação, e estou colocando o meu empenho. Muito obrigado pela revista e “Museuns News” que são muito interessantes.

⁵³ Hoje, Faculdade de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

e eleitos para o Conselho Diretor seis membros; Presidência, Heitor Lyra da Silva; Secretário Geral, Mario Paulo de Brito; Tesoureiro, Vicente Licínio Cardoso e os demais membros: Levy Fernandes Carneiro, Antônio Carneiro Leão e Bertha Lutz.⁵⁴

Sobre as atribuições da ABE, Santos (2014), aponta que “Essa Associação organizou vários cursos e conferências pedagógicas. No final dos anos 1920 e início dos anos 1930, também promoveu inquéritos para a discussão de temas polêmicos no campo educação” (SANTOS, 2014, p.411).

Bertha Lutz participou da ABE, circulando junto do núcleo de intelectuais que discutiram dentro daquela instituição sobre a temática educativa, como Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Edgar Sussekind de Medonça e Edgard Roquette-Pinto. Intelectuais que participaram ativamente do contexto educativo da década de 1920 e 1930 e defenderam propostas em torno de uma educação que fosse pública, gratuita e laica e, portanto, para todos.

A ABE trouxe para dentro da instituição as principais discussões em torno da educação no Brasil, como as reformas de 1927 do Distrito Federal, de Fernando de Azevedo, como Diretor de Instrução Pública. Foi também, pela maioria dos intelectuais que circulavam na instituição, que foi redigido o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932⁵⁵, do qual Bertha Lutz não foi signatária.

As influências provindas da relação de Bertha Lutz com a ABE, onde circulavam as principais ideias de educação no país, podem ter influenciado o seu trabalho sobre Economia Doméstica e a escrita do seu relatório de 1932, sobre a função educativa dos museus.

Na ata da reunião da 2ª sessão, que foi realizada em 2 de dezembro de 1924, pela ABE, também na Escola Polytechnica da Universidade do Rio de Janeiro⁵⁶, Bertha Lutz comunicou ao Conselho Diretor, que a embaixada da Bélgica teria lhe solicitado, para convidar a Associação para cooperar com o apoio de seus membros, na ajuda da organização de conferência de um professor Belga, para isso, a Associação separou um salão, na Escola de Polytechnica. Conforme a ata:

Durante a conferencia o professor de Wuyst comunicou existir em Bruxellas uma comissão central para o desenvolvimento da educação doméstica e rural. Fez um apelo para que se organize entre nós uma

⁵⁴ Livro de Atas da ABE (Sessão de fundação da instituição em 16 de outubro de 1924) Fonte: Associação Brasileira de Educação (ABE).

⁵⁵ Escrito por Fernando de Azevedo e assinado por intelectuais como Anísio Teixeira e Edgard Roquette-Pinto.

⁵⁶ Hoje UFRJ.

comissão em cooperação com aquela. O Conselho Director resolveu promover pelos meios ao seu alcance a satisfação do desejo manifestado (Fonte: Acervo ABE⁵⁷).

Essa conferência realizada com apoio da Associação Brasileira de Educação, nos traz para a discussão duas questões. A primeira é o fato dela levar para discutir e promover na Associação uma temática que ela trabalhava no Museu Nacional, ou seja, a educação doméstica e rural e a outra é perceber como circulava entre o Ministério de Agricultura, Industria e Comércio que a solicitou que trabalhasse essa temática.

Isso fica ainda mais claro, pelo fato de que nessa mesma reunião, o Conselho Diretor havia decidido, enviar aos sócios mantenedores da Associação, um convite circular para se inscreverem nas sessões que foram propostas para discutir 8 temáticas educativas, que ali foram criadas a saber:

1) Ensino Primário e normal 2) Ensino secundário 3) Ensino Profissional e Doméstico 4) Ensino Técnico e superior 5) Ensino artístico 6) educação physical e hygiene 7) educação moral e cívica 8) educação da infância abandonada (Fonte:Acervo ABE⁵⁸).

Considerando a terceira sessão, criada para tratar do ensino profissional e doméstico, percebemos que em relação ao doméstico, Bertha Lutz teve ação dentro da instituição.

Na ata da reunião da 3º Sessão, de 11 de dezembro de 1924, observamos que Bertha Lutz, comunicou a Associação que havia recebido bolsas de estudo para moças brasileiras em quatro escolas americanas. Entendemos ao analisar esse documento, que Bertha Lutz dentro da ABE, assim como no Museu, também pleiteava a sua luta em prol de obter direitos e oportunidades para as mulheres, juntamente de outras como Armanda Álvaro Alberto.

O Conselho Diretor, havia decidido dar publicidade a esse oferecimento de bolsas de estudo, além de encarregar Bertha Lutz de redigir ofício aos estabelecimentos divulgando sobre essa oportunidade.

Também nos chamou atenção, a sua defesa em 1926, que moças portadoras de diplomas superiores pudessem concorrer a prêmios e aperfeiçoar estudos nos Estados Unidos⁵⁹.

Percebemos que a intelectual também levou para dentro da ABE também a sua luta, em torno do direito da educação para mulheres. Na reunião da 22º sessão, em 13 de

⁵⁷ Ata da 2º Sessão de 2 de dezembro de 1924.

⁵⁸ IBDEM.

⁵⁹ Ata da sessão da ABE de 13 de julho de 1926.

julho de 1926, Bertha Lutz apresentou uma professora americana que veio ao Brasil para conhecer mulheres brasileiras portadoras de diploma superior. O objetivo de novo era dar a elas a possibilidade de concorrer a bolsas de estudo para aprimoramento dos estudos nos Estados Unidos:

Disse que em primeiro lugar sua vinda tinha por objetivo conhecer pessoalmente moças brasileiras portadoras de diplomas superiores e que pretendessem concorrer em 1927-1928 a um prêmio de 500 instituído por uma Universidade Norte Americana para sul americanas que quisessem aperfeiçoar seus estudos nos Estados Unidos. Em segundo lugar, que a Federação Mundial das Associações de Educação que já reuniu dois Congressos (S; Francisco, 1923), (Edimburgo 1925), pretende reunir o 3º Congresso em 1927, e tinha encarregado de fazer propaganda entre as associações sul-americanas (Fonte: Acervo: ABE⁶⁰).

Aqui percebemos a articulação de Bertha Lutz de promover perspectivas que envolvessem o aprimoramento das mulheres de nível superior no exterior, mas também revela o seu diálogo com educadores internacionais. Na mesma sessão, Bertha Lutz foi designada pela ABE, de representar a Associação na visita que MMe Curie, famosa química e física, ganhadora de prêmio Nobel, que veio ao Brasil em 1926 para fazer palestras, como a realizada no Museu Nacional, mostrando que a sua atuação nas duas instituições estavam articuladas, conforme imagem abaixo:



Imagem 7: Fonte: FBPF/NA. Vinda da química e física, ganhadora do prêmio Nobel, MMe Curie sentada ao centro no Museu Nacional em 1926, em uma das séries de palestras que daria no Brasil, organizadas e acompanhadas por Bertha Lutz em pé a direita da imagem.

⁶⁰ Ata da 22º sessão de 13 de julho de 1926

Laurita Lacerda Dias que viria a ser membro do Conselho diretor da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, em artigo escrito ao jornal “O Globo”, de 19 de agosto de 1925, afirma que Bertha Lutz estava conseguindo destaque no “Novo e Velho Mundo”, e acredita que seus ideais e aspirações fossem alcançados, ela teria prestado um grande serviço às mulheres e ao país. Esses ideais a que se refere Laurita são relacionados a preocupação que enxerga em relação ao analfabetismo no Brasil, especialmente o das mulheres. Isso fica claro ao dizer:

O analfabetismo invade o Brasil de norte a sul e as mulheres, principalmente as mulheres, são as grandes vítimas desse mal imenso. Cuidemos, antes de tudo, desse problema; o mais virá depois naturalmente, pela evolução social por que vem passando a humanidade (Fonte: Jornal “O Globo”, de 19 de agosto, de 1925).

A atuação de Bertha Lutz na ABE como uma das fundadoras da instituição, mostra que como intelectual que pensou a educação através do ensino de Economia Doméstica, a questão da educação das mulheres e do museu e educação, buscou levar essas temáticas para serem discutidas com o circuito de educadores, dos quais ela se inclui, dentro da instituição e também de inserir o Museu Nacional, a qual era vinculada nesses espaços.

2.6 Práticas intelectuais de ciência e educação em torno do museu educativo: As viagens internacionais de Bertha Lutz (1922 e 1925)

A trajetória de Bertha Lutz dentro do Museu Nacional, consistiu na elaboração de seu projeto museal, pautado em pensar uma perspectiva de educação pelo viés dos museus. Segundo Gilberto Velho (1987), o projeto, pode ser pensado como algo que pode ser formulado num campo de possibilidades:

O projeto é algo que pode ser comunicado. A própria condição de sua existência é uma possibilidade de comunicação. Não é, nem pode ser fenômeno puramente subjetivo. Há, sem dúvida, uma relação entre projeto e fantasias que não pretendo explorar aqui, mas o projeto para existir precisa expressar-se através de uma linguagem que visa o outro, é potencialmente público (GILBERTO VELHO, 1987, p.27).

É importante salientar que Bertha Lutz, era funcionária do Museu Nacional, e, portanto, suas ações, estavam articuladas a instituição. No processo de viagens entre 1922 e 1932, percebemos especificidades da mesma, como a preocupação com o lugar das mulheres no museu, e também o entendimento, de que a educação do museu moderno, deveria ser sustentada na concepção da “Educação Visual”.

Portanto, percebemos na trajetória de Bertha Lutz, a construção de um projeto

intelectual, que se pautou em, através da educação, proporcionar uma condução ao progresso, pelo viés do museu educativo. De acordo com a intelectual:

Por mais que se tente, será difícil exagerar a influência dos fatores científicos sobre o desenvolvimento do museu como instituição cultural. Ultimamente tem-se dado início ao emprego de métodos científicos de controla da técnica museológica com resultados verdadeiramente surpreendentes, que já se traduzem ou muito breve se traduzirão em aplicações práticas capazes de revolucionarem completamente as regras de instalação das coleções, assim com os métodos educativos. Depois de examinar o museu em si, isto é, elemento objetivo na educação visual do povo, passa-se agora a observação do elemento subjetivo, o educando (LUTZ, 2008, p.33).

Entendemos que o projeto de Bertha Lutz em torno da função educativa dos museus, se balizou em não só pensar a instituição como um lugar educativo e que pudesse formar a “todos”, mas também um lugar objetivo, que buscasse institucionalizar-se com métodos e práticas que envolvessem ciência e educação. É nessa perspectiva que supomos que os ideais de Bertha Lutz, se articularam com os defendidos e fomentados por Roquette-Pinto na 5ª Secção, em 1927.

Desde 1922, Bertha Lutz vinha mantendo diálogo com instituições norte americanas, sobre como obter métodos que pudessem facilitar o ensino dentro dos museus. Na documentação visitada no Arquivo SEMEAR do Museu Nacional, podemos perceber diversos livros recebidos por Bertha Lutz sobre a função educativa dos museus americanos. A maioria desses livros foram escritos por John Cotton Dana, que comandou o Museu de Nova York, e trabalhou diversas temáticas em torno de pensar métodos de educação, de pensar a maneira com a qual o museu dialoga com a escola e com os professores.

De acordo com Sousa (2009), Bertha Lutz pertenceu a uma geração de intelectuais que entendeu a ciência como instrumento de civilização e progresso da nação, e a educação como forma de aplicação social da ciência pura.

Assim, nossa personagem apresenta-se como um dentre vários outros nomes representativos da relação entre ciência e política, a partir da qual pode-se abordar questões acerca da função social do cientista. A geral a qual pertencia, no Rio de Janeiro das décadas de 1920 e 30, compartilhava ideais cientificistas nos quais pregava-se a Ciência como instrumento de civilização e progresso da nação. Nesse sentido, a educação surge como tema chave nos debates públicos, entendida sob a forma de aplicação social da ciência pura: a ampla difusão do conhecimento sistematizado à população através de reformulações no sistema de ensino, bem como técnicas inovadoras de divulgação científica, imbuída de um caráter salvacionista a um país de analfabetos e doentes (SOUSA, 2009, p.29-30).

Devido a isso, era necessário, reformular os sistemas de ensino e pensar práticas e métodos que pudessem através de técnicas inovadoras que envolviam ciência e educação, permitir instalar um progresso, que viria através do ensino, que pudessem dar “salvação”, a uma população tomada pelo analfabetismo e doença.

É importante nesse momento entender que esses atores sociais eram em sua maioria homens, que circulavam em vários espaços e projetos sociais. Porém, quando pegamos o Museu Nacional, por esse ser o espaço institucional/profissional de Bertha Lutz, percebemos o acesso de novos atores, como as mulheres em seus quadros funcionais.

Bertha Lutz quando entrou na instituição aos 25 anos, já era uma feminista de renome internacional em 1919, além de cientista de ampla formação, era poliglota, o que pode ter sido um diferencial para a sua escolha. Filha de um dos principais cientistas do país, Adolpho Lutz. Motivo que seria interessante, para ampliar o seu entendimento para pensar o Museu Nacional como moderno.

Bertha Lutz foi mediadora de um processo de relação internacional do Museu Nacional, com os museus americanos, no “Relatório da Diretoria do Museu de 1922”, localizado no acervo MN/ SEMEAR, analisou o que significou o começo dessas viagens, em torno de investigar os museus norte-americanos concepções educacionais:

Assignala que o emprego deste processo e os resultados estão produzindo um verdadeiro revolucionamento as technica moderna dos Museus, proporcionando um campo adequado ao ensino visual e uma compreensão muito mais adequada da Historia Natural aos leigos.... Julga muito desejável a sua aplicação gradual no Museu Nacional desta capital que já tem dado um passo nesse sentido (Fonte: SEMEAR/MN⁶¹).

Aqui entendemos, que foi a partir de 1922, que Bertha Lutz começou a desenvolver uma trajetória em torno do estudo de concepções educativas de museu nos Estados Unidos. O objetivo era buscar métodos modernos que facilitassem o ensino de História Natural primeiramente aos leigos, mas também no que tange, a divulgação científica para um público especializado como analisado pelo mesmo relatório:

Além destes estudos sobre a organização dos Museus norte-americanos foi estreitada a colaboração e estimulada a permuta pela troca effectuada pelo Secretário do Museu pessoalmente entre o material em duplicata proveniente das excursões do General Rondon que as achava ao nosso Instituto para esse fim e o material norte-americano.... Foi o

⁶¹ Fonte: Semear/ MN. “Relatório da Diretoria do Museu Nacional de 1922”.

início da colaboração continental mais ampla entre os museus norte-americanos e do Brasil (Fonte: SEMEAR/MN⁶²).

A ação de Bertha Lutz era dupla. Primeiramente buscar métodos que facilitassem o ensino de História Natural, mas também estabeleceu redes de sociabilidade mais amplas com os museus norte-americanos.

Notamos que Bertha Lutz começou nesse momento uma articulação desses museus que iria fundamentar a construção de seu trabalho. Já que através do contato com esses espaços, conseguiu se apropriar de ideais, conhecer projetos e construir o seu próprio, em torno do Museu Moderno.

Podemos entender com Gilberto Velho (1987), que todo o projeto é construído em função de experiências socioculturais vividas pelos sujeitos, pelas suas interações e vivências no Museu Nacional.

De acordo com Pereira (2010), nessa primeira viagem de 1922, que aconteceu entre março e abril, Bertha Lutz dedicou-se a observar além do funcionamento dos museus, o preparo de métodos para se divulgar a História Natural.

No documento “Itinerários da visita de Bertha Lutz a museus norte-americanos, incluindo horários dos trens; ficha técnica da American Association of Museums”,⁶³ pertinentes as visitas a museus norte-americanos em 1922, localizado no Arquivo Nacional, consta que essas viagens cobriram o período de 2 meses, onde o itinerário traz propostas de visitas semanais para Bertha Lutz.

A primeira proposta de visita semanal, ocorreu entre os dias 17 e 23 de abril de 1922, tendo como proposta o percurso de Washington a Filadélfia, trazendo dois objetivos. O primeiro, observar o trabalho educativo dos museus dessas cidades; e o segundo pensar em como os museus poderiam cooperar entre si. No documento consta:

There are two lines of special inquiry which you will find whortwhile at Philadelphia. The First is the educational work of the comercial museum including the co-operativa educational servisse of the comercial museum and the university museum..⁶⁴ (Fonte:FBPF/AN⁶⁵).

É apresentado a Bertha Lutz no “itinerário de visita”, para que ela observasse o trabalho educativo do Museu da Pensilvânia de Arte e conhecesse o trabalho realizado na

⁶² IBDEM

⁶³ Sem autoria definida em cx 44, pac 3/ cx 1. pac 1, vol 2.

⁶⁴ Tradução Livre do autor “.”Há duas linhas de investigação especial que você vai entrar de valor na Filadélfia. O primeiro é o trabalho educativo do museu comercial, incluindo o serviço educativo cooperativo do museu comercial e do museu universitário...”

⁶⁵ ITINERÁRIOS DA VISITA DE BERTHA LUTZ A MUSEUS NORTE- AMERICANOS, INCLUINDO HORÁRIOS DOS TRENS; FICHA TÉCNICA DA AMERICAN ASSOCIATION OF MUSEUMS.

Academia de Ciências Naturais; Columbus e Pittsburgh⁶⁶.

Para o período iniciado em 1 de maio de 1922, que Bertha Lutz estaria entre Nova York e Trenton, não houve indicação para ela conhecer algum museu específico. I suggest making you headquarters in New York and Taking one-day trips to Newark and Trenton. I attach a list of things to do in New York⁶⁷ (Fonte: FBPF/AN⁶⁸).

Na semana que começou no dia 8 de maio de 1922, foi aventado, para que participasse da reunião da Associação Americana de Museus, que aconteceria em Cambridge entre os dias 12 e 14 de maio. Além disso, foi elencado para que visitasse o Museu Peabody de História Natural em New Haven, que tinha, na visão do autor do “itinerário”, excelentes exposições para conhecer e também um departamento infantil para visitar.

The American Association of Museums meets in Cambridge May 12-14. You can stop off for a day at new haven on the way up. The Peabody Museum of Natural History at New Haven has excelente Exhibts and also a Children’s department.⁶⁹ (Fonte:FBPF/AN⁷⁰).

Por fim, a partir de 15 de maio de 1922, quando viajou entre Boston e Buffalo, foi sugerido para que se reunisse com a Associação Americana de Museus em Buffalo, onde ocorreu um Congresso de Museus. Lá poderia estudar métodos de educação para adultos. Segundo o autor do “itinerário”, o “Museum Buffalo of Science”, seria um dos museus mais importantes que Bertha Lutz veria.

I would suggest staying for a day or two after our meeting and then go to Buffalo in time for the last day of the meeting of the American Association for adult education may 16-18. The Buffalo Museum of Science is one of the most importants museums you will see.⁷¹ (Fonte:FBPF/ AN⁷²).

Em 1922, Bertha Lutz iniciou um processo de articulação com museus norte-americanos, em torno da apropriação de experiências educacionais. Nessas visitas que fez a museus norte-americanos, fica evidente que Bertha Lutz, se apropriou de leituras e

⁶⁶ Não é identificado no itinerário.

⁶⁷ Tradução Livre do autor “Sugiro fazer a sua sede em Nova York e fazer viagens de um dia para Newark e Trenton. Eu irei anexar uma lista de coisas para fazer em Nova York “.”

⁶⁸ IBDEM

⁶⁹ Tradução Livre do autor “A associação Americana de Museus reúne-se em Cambridge entre 12 e 14 de maio. Você pode parar por um dia na New Haven no caminho para cima. O Museu Pedabody de História Natural em New Haven tem excelentes exposições e também de departamento infantil.”

⁷⁰ IBDEM

⁷¹ Tradução livre do autor “Eu gostaria de sugerir ficar por um dia ou dois depois do nosso encontro e depois ir para Buffalo a tempo para o último dia da reunião da Associação Americana para a educação de adultos. O Museu Buffalo of Science é um dos museus mais importantes que você vai ver.”

⁷² IBDEM

material de divulgação desses museus visitados por ela.

A maioria dessa documentação referente as leituras e materiais de divulgação referentes aos museus norte-americanos, no que tange a educação que coletou e recebeu nesse período e também em 1925, encontra-se no arquivo SEMEAR/MN.

Desses destacamos por exemplo, os livros “Museums and Industries” e “Should Museums be Useful?” De John Cotton Dana⁷³. No primeiro o autor, analisa os 10 primeiros anos de museus experimentais dos Estados Unidos, que articulavam os museus com as indústrias, no segundo problematiza o papel que o museu deve tomar na relação com a população, quando se propõem serem objetivos de formação dos indivíduos.

Esses dois textos, refletem a nuances da proposta de Museu Moderno, defendida por esse autor. No primeiro ele fala, sobre a relação dos museus com a indústria, propondo um diálogo entre ambos, para possibilitar meios de ambos, dialogarem entre si, enquanto no segundo, analisa de que maneira, os museus devem se instituir para lidar com os mais variados públicos.

Também vemos reportagens em torno do Museu para Crianças de Nova York, chamado “Newark’s Junior Museum.”⁷⁴, tratando de atividades para realizar com crianças. Bertha Lutz se empenhou em observar esse Museu para crianças e outro, pois a educação das crianças era algo que lhe chamava atenção, já que em seu Relatório em 1932, como observaremos no Capítulo 3, dedicou uma seção para estudar essa temática.

Outro documento é o “American Primitives”⁷⁵, mostra matérias sobre a relação entre o Museu e as Escolas, e apresenta a figura de Louise Connoly, Conselheira Educacional do Museu de Nova York. Nesse material, percebemos na leitura de Bertha Lutz sobre a ação intelectual de Connoly, qual deveria ser o papel, que os museus deveriam apresentar para se relacionar melhor com as escolas.

Nos documentos relacionados, ao serviço que os museus americanos, proporcionavam às Escolas Pública, O Museu de St Louis por exemplo, fomentava as escolas públicas com um serviço educacional⁷⁶, que oferecia material de conhecimento científico e métodos didáticos para se ensiná-lo a todos.

Diversas escolas, também solicitavam empréstimos aos museus, como o Museu Americano de História Natural, que fornecia espécimes para se ensinar nas escolas aos

⁷³ Em Br. MN. BL. Ø Mus 1/11 e em Br. MN. BL. Ø Mus 1/5

⁷⁴ Br. MN. BL. Ø Mus 1/3

⁷⁵ Br. MN. BL. Ø Mus 1/20

⁷⁶ Br. MN. BL. Ø Mus 3/1

educandos⁷⁷.

Antes da primeira viagem em 1922, Bertha Lutz observou, os estabelecimentos de ensino e museus escolares, para entender como eram feitos o estudo de História Natural. Conforme Relatório da Diretoria do Museu Nacional de 1920 foi entendido por ela que já naquele momento, os métodos de ensino prestados pelo Museu Nacional, contribuiriam para facilitar a aprendizagem:

[...] essas medidas representariam um real serviço, substituindo o ensino teórico pelo ensino prático por si só tão estéril e improfícuo, despertando o interesse e a curiosidade dos alunos e gravando no seu espírito por meio de exemplares completos, os princípios de uma disciplina que se baseia essencialmente no estudo da natureza, através de suas variações e modalidades e que, portanto, possui real interesse filosófico e social (LUTZ, 1920, p.70, *apud* SILLY, 2012, p.253).

Conforme Silly (2012), esse relatório escrito em 1920 foi uma chave de entrada, para uma investigação mais profunda em torno dessa temática apontada por Bertha Lutz, que possibilitou refletir sobre as relações estabelecidas entre o Museu Nacional e as escolas brasileiras na década de 1920.

A partir desse momento, percebemos uma preocupação de Bertha Lutz, em torno da temática do museu como lugar de ensino. Nesse momento a mesma, passou a criar relações internacionais para aprimorar a maneira, com a qual o Museu atuava em torno da educação:

[...] é possível afirmar que em geral as coleções organizadas por este Instituto [Museu Nacional] são muito apreciadas e prestam reais serviços ao ensino, servindo em alguns casos de ponto de partida para a organização dos gabinetes de História Natural. O exame dos museus escolares dos números colégios visitados demonstrou-me que se já é grande, poderia ser ainda maior à influência benéfica que tem sobre o ensino a distribuição de coleções didáticas pelo Museu Nacional. Sobretudo, se fosse dado maior incremento a essa iniciativa, em boa hora tomada pelo previdente esforço dessa Diretoria e posta em prática nas Seções (LUTZ, 1920, p.63-64 *apud* SILLY, 2012, p.252-253).

Na escrita do “Relatório da Diretoria do Museu Nacional de 1922”, Bertha Lutz aprimorou a compreensão sobre a relação de museus e educação, iniciada em 1920 no Museu Nacional, através das visitas feitas em instituições museais norte-americanas:

[...] como idéia dominante na organização dos museus estava orientação, verdadeiramente democrática, diferente das interpretações tradicionais do papel dos museus, que faz deles um instrumento de

⁷⁷ Br. MN. BL. Ø Mus 4/8

cultura pública, mantido para e pelo público e, essencialmente, destinado ao mesmo (LUTZ, 1922, p.44 *apud* SILLY, 2012, p.268).

Nesse momento, a ideia que iria surgir, no que se refere a pensar a relação da organização dos museus, será uma ideia democrática. Antigamente os museus tinham a lógica de servir para poucos, agora o objetivo seria fazer, com que essas instituições, pudessem atuar para educar a “todos”, ao se colocar com um instrumento difusor de cultura, destinado a atuar pela população.

Devido aos seus estudos nos museus norte-americanos, Bertha Lutz observou a importância que os museus tinham como aparatos didáticos, no processo de colaborar com as instituições de ensino preparados para ensinar de diversas formas e para diversos públicos. Para isso se tornar possível, seria necessário a apropriação de métodos de ensino, por isso, as viagens feitas aos Estados Unidos, caminham nessa perspectiva.

Para Silly (2012), Bertha Lutz entendeu que essa postura aconteceria através de:

[...] conferências diárias, museus inteiros ou salas especiais organizadas exclusivamente para crianças, bibliotecas infantis de História Natural, passeio pelos museus ou pelos jardins públicos, jogos destinados ao ensino da História Natural, empréstimo de projeções e dados para a organização de palestras e pequenas coleções de estudo às escolas, entre outras atividades (SILLY, 2012, p.269).

Bertha Lutz ao se apropriar dessas experiências educativas, permitiu ao Museu Nacional e aos museus em geral, se tornassem instituições comprometidas com o ensino. Os métodos obtidos nos museus norte-americanos, permitiriam a possibilidade de ensinar História Natural a maioria de pessoas possíveis e obter métodos dos mais diversos para se educar através dos museus.

Em 1925, Bertha Lutz retornou aos Estados Unidos para continuar o trabalho iniciado em 1922 e também para participar da Conferência Panamericana de Senhoras. De acordo com Sousa (2009) realizou excursão a Mount Vernon, na Virgínia e também coletou espécimes florais e trocou permutas de estudo com museus norte-americanos que já tinha sido visitado na primeira viagem.

Ainda conforme essa autora, o objetivo era continuar a estudar métodos de tornar o ensino de História Natural, mais plausível ao Brasil. Interessava a Bertha Lutz se apropriar de métodos norte-americanos de educação pelos museus, e levar essas experiências para o Museu Nacional, conforme aponta em relatório dos trabalhos executados em 1925:

Aproveitei o ensejo para continuar as investigações acerca dos métodos mais recentes de preparo de material para mostruários e organização

dos mesmos, bem como sobre os métodos de divulgação do ensino de História Natural pelos Museus Americanos, notadamente entre a população escolar, de acordo com a incumbência que me fora dada por ocasião da primeira viagem à grande república setentrional (LUTZ, 1925, p.iv *apud* SOUSA, p.78).

Nessa viagem, Bertha Lutz, visitou museus para crianças como o de Brooklyn e de Boston, onde analisou a maneira como essas instituições museais, educavam pelo olhar e pela prática visível. A partir de então entendeu, que levando para o Brasil o desejo de instalar essas secções infantis, nos museus ,que na concepção dela, “dada a porcentagem de analfabetos, seriam mais instrutivos do que as Bibliotecas populares para crianças “ (LUTZ, 1925, p. iv *apud* SOUSA, 2009, p. 78)

De acordo com Pereira (2010), Bertha Lutz retornou aos Estados Unidos em 1925, para poder estudar além da organização e preparo de mostruários para os museus de história natural, métodos na divulgação do ensino de História Natural, para a população escolar; além de questões como a organização de museus voltados para as crianças.

O jornal “O Paíz”, de 2 de julho de 1925, publica que, Bertha Lutz voltaria aos Estados Unidos para realizar estudos sobre “processos e métodos de laboratório e campo em uso na América do Norte sobre a botânica”. Durante a sua estadia nos EUA, realizou-se o “Segundo Congresso Feminino”, onde foi eleita presidente da União Interamericana de Mulheres, que contava com mais de três milhões de associadas na época.

Podemos perceber que Bertha Lutz, entre os anos de 1922 e 1925, já atuava de maneira incisiva em torno da educação e museus. Defendeu em seus relatórios de viagens desses dois anos, que as práticas aprendidas e observadas nos Estados Unidos, poderiam ser usadas, nas ações propostas pelo Museu Nacional.

Durante o ano de 1922, Bertha Lutz iniciou essa trajetória com os museus norte-americanos. Pode visitar várias instituições como o museu de Buffalo, se apropriar de metodologias usadas por esses museus, e trazer para o Brasil.

A intelectual entendeu esses métodos, como a Educação Visual, realizadas nesses museus, constituíam uma nuance moderna, para se pensar o papel dos museus. Dessa forma tanto em 1922, quanto em 1925 quando voltou aos Estados Unidos e investigou os museus na mesma perspectiva, observou práticas de educação moderna, muitas pautadas na educação visual e também o museu para crianças, pensando maneiras de tornar essas medidas possíveis no Brasil.

Pudemos observar a entrada de Bertha Lutz no Museu Nacional, as redes de sociabilidade travadas por ela como intelectual na instituição e suas concepções

educativas sobre museu educativo.

Dessa forma a partir do próximo capítulo, analisar elementos no Relatório de 1932, em torno da educação pelos museus, visando entender de que maneira a intelectual constrói o seu pensamento em torno da educação nesse documento.

Esse texto é uma fonte privilegiada a nosso ver, e nos dará a possibilidade de problematizar quais são os aspectos que Bertha Lutz elenca como fundamentais para construir a sua visão de “museu moderno”, na perspectiva dessa instituição, ser educadora do povo, por entendê-lo como fonte crucial, das concepções educacionais de Bertha Lutz no Museu Nacional.

Em 1931, Bertha Lutz recebeu bolsa da Carnegie Foundation for International Peace e Associação Americana de Museus, para estudar sobre a educação em museus nos Estados Unidos. Ela visitou 58 museus observando métodos educativos em “departamentos educativos” de museus e propondo possibilidades para pensar a educação por museus no Brasil.

Além de trabalhar a estrutura do Relatório, objetivamos problematizar as questões que a intelectual relata e também propõem no que concerne à museu e educação, ao entender que esse Relatório, como uma síntese da produção de Bertha Lutz em torno da temática do Museu Educativo.

CAPÍTULO 3

AS CONCEPÇÕES EDUCATIVAS NO RELATÓRIO “O PAPEL EDUCATIVO DOS MUSEUS AMERICANOS”, DE 1932

3.1 O processo de criação do Relatório de 1932

Bertha Lutz desenvolveu uma trajetória em prol de estudos em torno da temática do museu educativo e entre os anos de 1922 a 1932. Em 1932, teve a oportunidade de escrever O Relatório “O Papel Educativo dos Museus Americanos”, onde esteve para visitar diversos museus, após a Carnegie Corporation e Endowment for International Peace⁷⁸, por meio da União Pan Americana e da Associação Americana de Museus, conceder a ela financiamento, para conhecer, observar e estudar museus e “Departamentos” e “Serviços educativos” que fossem ligados a eles, como no consta no Relatório:

O prêmio da viagem que me foi generosamente oferecido pela CARNAGIE CORPORATION e ENDOWEMENT FOR INTERNATIONAL PEACE, por intermédio da União Pan Americana e da Associação Americana de Museus, proporcionou-me o ensejo de visitar numerosos museus nos Estados Unidos, afim de estudar os departamentos e serviços educativos mantidos por essas instituições. O snr. Laurence V. Coleman, diretor da Associação, organizou, nas linhas gerais o itinerário... (LUTZ, 1933, p.1).

O itinerário de visitas aos museus foi organizado pelo diretor da Associação Americana de Museus, Laurence V. Coleman. O prestígio de Bertha Lutz, nesse momento é expresso nas reportagens de jornais de época. Na matéria de 19 de julho de 1932 do jornal O Globo, intitulada, “O Retorno da Leader do Feminismo Brasileiro” é abordado a volta de Bertha Lutz ao Brasil e as investigações feitas nos museus americanos, ainda destacando a sua militância feminista.

Visando o retorno de Bertha Lutz ao Brasil, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, entidade presidida por ela, convocou intelectuais, instituições e público em geral para recepcionar a mesma que estava voltando da viagem aos Estados Unidos, que fez em 1932.

Aderindo a convocação pessoalmente, Anísio Teixeira, diretor de Instrução Pública do Distrito Federal, Rio de Janeiro, expediu circular convidando todas as diretorias das escolas públicas, para receber a educadora Dra Bertha Lutz. A matéria

⁷⁸ The Carnegie Endowment for International Peace, uma instituição de política exterior fundada em 1910, por Andrew Carnegie, dedicada na cooperação entre as nações em torno de alianças com os Estados Unidos.

pontua entre as instituições que confirmaram presença para recebê-la estavam, a “Pró Matre”, a Associação Cristã Feminina, o Clube Fraternidade, a União dos Empregados do Commercio, a União Universitária Feminina, a Secção Feminina do Externato Pedro II, o Círculo das Doze da Sociedade de Estudos Super-Mentalistas, o Brasil Feminino, o Retiro dos Artistas, a Liga da Defesa Contra a Lepra, a Casa do Estudante do Brasil e a Escola Automobilística Feminina.

Chegará a esta capital no próximo dia 22 julho, pelo vapor “American Legion”, a Dra. Bertha Lutz. A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino prepara-lhe uma manifestação a que já aderiram, individualmente inúmeras pessoas e admiradoras da “leader” do feminismo nacional. O diretor da Instrução Publica, Dr. Anísio Teixeira, adhrindo pessoalmente, a homenagem expediu uma circular as directorias das escolas públicas, convidando-as a receberem a “educadora, Dra. Bertha Lutz.” (Fonte: Jornal “O GLOBO”, 19 de julho, de 1932).

A matéria do Jornal “O Globo” reflete o prestígio acumulado por Bertha Lutz e a relação com educadores como Anísio Teixeira, que a enxergava como educadora. Percebemos ainda que parte das instituições que aderiram ao convite para a homenagem são comprometidas ou ligadas à educação, como a União Universitária Feminina, fundada por Bertha Lutz em 1929. (BONATO 2005; REGIS 2012).

Para Almeida (2013), o objetivo dessa viagem de 1932, foi o de conhecer os departamentos e serviços educativos mantidos pelos museus norte-americanos, buscando a partir da apropriação da pedagogia praticada por essas instituições, trazer essa experiência para o Museu Nacional, e, portanto, para pensar a educação no Brasil.

De acordo com Lutz (2008), o objetivo do Relatório foi o de estudar a diversidade de museus e assim seus métodos e atividades em torno da questão educativa. Para os museus chegarem ao patamar de moderno, era preciso se preocupar inicialmente com a questão econômica, e também fatores sociológicos, científicos, técnicas e métodos que viessem facilitar o aprendizado.

Para Lutz (2008), o museu moderno deveria ser um lugar de pesquisa e de divulgação científica, pautado na solidificação de uma base científica que pudesse se tornar palpável para educar a população como um todo.

De acordo com a mesma, ainda que seu foco fosse estudar a temática educativa deu ênfase ao Museu Nacional “Considerando igualmente que o Museu Nacional, onde exerço minha atividade, é dedicado às ciências naturais, dei maior atenção aos museus

científicos, sem deixar, contudo, de visitar os museus de outra natureza. “(LUTZ, 2008, p.26).

Bertha Lutz tomou como foco de sua análise os museus norte-americanos, devido ao prêmio que percebeu que facilitou a sua produção de seus estudos, e de onde percebemos, já havia construído uma sólida rede de sociabilidades:

O conjunto de museus americanos acha-se incorporando à Associação americana de Museus, agremiação vivaz e dinâmica, que vem tomando a vanguarda de todas as iniciativas futuras, sendo eficazmente secundada pela Carnegie Corporation, que abrange um vasto programa cultural. A Convenção Anual da Associação de Museus, realizada na cidade universitária de Cambridge, Massachusetts, de 14 a 18 de maio de 1932, permitiu-me travar relações com as maiores personalidades que maiores influências vêm exercendo sobre a evolução recente dos museus, revelando-me, ao mesmo tempo, as diretrizes dessa evolução. Tive a honra de ser oradora do banquete, ao lado do célebre filósofo inglês prof. Alfred Whitehead, do presidente da Associação sr. Fiske Kimball e do reitor da Universidade de Harvard, o astrônomo Lowell. Aproveite o ensejo para colocar em relevo os serviços que o nosso Museu Nacional já vem prestando à educação. Lembrei igualmente a fundação de uma Associação Pan Americana de Museus, que permitisse o intercâmbio contínuo de métodos, resultados e informações e estendesse solidariedade do Novo Mundo a mais um domínio da vida intelectual contemporânea (LUTZ, 2008, p.26-27).

Além da criação de redes de sociabilidade com intelectuais e autoridades referentes a museus, Bertha Lutz também pode mostrar em 1932, que estava articulada com o Museu Nacional no que se refere a medidas de torna-lo uma instituição comprometida com a educação, principalmente no que tange a defender a fundação de Associação Pan Americana de Museus, que pudesse garantir o intercâmbio contínuo de métodos vindos dos Estados Unidos para a América Latina, principalmente o Brasil

Essa postura nos leva a supor que Bertha Lutz nesse momento, já era uma intelectual que atuava em torno da educação pelo viés dos museus, sendo a viagem de 1932 uma consolidação não somente dos seus estudos a museus americanos, mas da sua construção como intelectual que pensava a educação nos espaços qualificados que discutiam essa temática.

De acordo com o que compreendeu em seu Relatório de 1932, sobre “O Papel Educativo dos Museus Americanos”, o museu contemporâneo no contexto da década de 1920 e 1930, estava começando a entender a sua postura educativa diante da população.

Concorrendo com outras instituições sociais, educativas e mesmo recreativas, o museu moderno tem sido levado pelos orientadores mais

radicais a adotar vários modos de interessar o público, de ampliar a sua esfera de ação e de contribuir eficazmente para a educação do povo. Tem sido um processo de democratização, em que o museu sacrifica a sua atitude majestosa de isolamento aristocrático para se colocar ao alcance da plebe (LUTZ, 2008, p.36).

Esses orientadores radicais a que Bertha Lutz se refere, são intelectuais comprometidos com essa perspectiva, da qual ela mesma se enquadra, de pensar o papel que o museu deveria tomar. O Museu geralmente caracterizado por uma postura enciclopédica, onde poucos poderiam ter acesso; agora, com o objetivo de ser moderno, deveria se colocar ao alcance do povo e assim educa-lo.

Nesse trecho, também se reforça o papel, que o museu deveria tomar em prol da educação do povo, ao propor a democratização desse acesso. Esse entendimento, de Bertha Lutz, tem relação com a experiência obtida na visita aos museus norte-americanos.

De acordo com Silly (2012), nesse relatório, Bertha Lutz procurou mostrar, as características modernas difundidas nos museus norte-americanos, em torno de práticas educativas que pudessem ser fundamentais para a educação popular.

De acordo com Lutz (1933), ela se dedicou estudar museus de ciência, de ciência aplicada, de comércio, de arte, de história, educativos, para crianças, museus ramais além de museus ao ar livre. Pode também investigar museus de caráter regional, municipal abordando desde de museus universitários a museus populares. Bertha Lutz explica a metodologia que adotou para estudar as práticas educativas dos museus norte-americanos:

Afim de realizar os meus estudos e investigações, empreguei, além das visitas aos museus, os seguintes métodos: conferencias com diretores, chefes de secções educativas e technicas dessas secções; comparecimento ás aulas, palestras nas salas de conferencias, ou nas próprias salas a galerias de exposição, sessões recreativas, horas para crianças, visitas com guias technicos: docentes ou instructores. (LUTZ, 1933, p.2).

Em relação ao conteúdo e forma desse Relatório, Silly assim observa:

Enriquecido com fotografias, panfletos e folhetos reunidos por Bertha Lutz durante a viagem, o relatório foi organizado com uma introdução, seguida de cinco capítulos onde apresenta considerações sobre a evolução dos museus e o museu em si; enfatiza a metodologia educativa do museu, com especial atenção para a educação visual; trata dos educandos, dos educadores e da mulher no museu, considerando ser ele uma instituição que deveria manter relações com escolas, classifica as ações educativas. Além das considerações finais, inclui uma bibliografia composta por livros e periódicos escritos por especialistas em museus, num total de 163 obras, dentre eles 53 autores norte-americanos, sendo em sua maioria publicações relacionadas à educação em museus (SILLY, 2012, p.291-292).

O Relatório, com muitas imagens, panfletos de visitas e folhetos recolhidos pela mesma durante essa viagem, foi organizado em cinco capítulos, onde se é tratado, questões como a evolução dos museus, no que tange a pensar de que maneira, ele passou de enciclopédico a dinâmico, a metodologia que o museu moderno usa para lidar com a população, onde dá ênfase a educação visual. Relata qual postura deve ser tomada com os educandos, educadores, além do papel da mulher na instituição.

O texto traz em sua bibliografia muitos autores norte-americanos que trabalhavam essa temática, e endossam as observações feitas pela mesma, durante as suas visitas. Ainda que não tenha sido publicado como livro na época em que foi escrito, para Pereira (2010), o relatório, pode ser compreendido como um primeiro livro escrito no Brasil, sobre educação nos museus. O Relatório só viria a ser publicado em 2008, intitulado “A Função Educativa dos Museus.”, organizado por Miranda, Santos, Estevão e Fonseca (2008).

De acordo com Miranda, Santos, Estevão e Fonseca, organizadores do Livro “Função Educativa dos Museus”, de 2008, entendem que a viagem de 1932 e a escrita do Relatório, se refere a um processo de viagens feitas por Bertha Lutz desde 1922:

A primeira viagem dedicada a museus foi realizada em 1922, entre os meses de março e abril, ainda não completados dois anos do seu ingresso no Museu Nacional (4/9/1919). Comissionada pelo então ministro da Agricultura, Indústria e Comércio Ildefonso Simões Lopes para estudar os principais cursos e estabelecimentos de ensino em trabalhos manuais e economia doméstica, nos diferentes níveis, do elementar ao praticado nas universidades, com especial atenção para as escolas primárias rurais, foi também incumbida de observar o funcionamento dos museus, métodos de preparo e organização de mostruários e de divulgação do ensino de história natural. Da viagem de 1922, resultaram vários textos relacionados ao ensino doméstico na agricultura e ao ensino doméstico feminino, que podem ser localizados no Arquivo da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, custodiado pelo Arquivo Nacional (MIRANDA, SANTOS, ESTEVÃO, FONSECA, 2008, p.15).

Como observamos no Capítulo 2, em 1922 Bertha Lutz representou o Brasil, estudando sobre as instituições de ensino doméstico e também museus americanos, no que tangia a buscar métodos educativos, que facilitassem o ensino e divulgação de História Natural. Bertha Lutz também voltou aos Estados Unidos em 1925, onde ampliou a relação com os museus norte-americanos.

O registro do conhecimento acumulado por Bertha com relação aos museus é mais evidente após o retorno de sua segunda viagem aos Estados Unidos, realizada em 1925, igualmente entre março e abril, comissionada com este fim pelo ministro da Agricultura, Indústria e

Comércio, Miguel Calmon du Pin e Almeida. A cada viagem ampliava-se os objetivos, somando-se as expectativas do ministro e da direção do Museu, otimizando-se assim, o investimento do Governo no interlocutor do Museu, otimizando-se, assim, o Investimento do Governo no interlocutor escolhido, considerada a sua capacidade de trabalho, de análise e apreensão das informações. Nesse ano, Bertha, que tinha o cargo de secretário do Museu Nacional, já vinha atuando oficialmente na área de Botânica da instituição Assim, teve acrescido à sua missão nos Estados Unidos o estudo de árvores “fruteiras” das regiões tropicais e subtropicais, especialmente aquelas cultivadas no Brasil, estudos de genética e seleção de vegetais, intercâmbio e permuta de espécimes da flora e materiais etnográficos, organização de hortos botânicos, preparo e organização de mostruários para museus de história natural, métodos e processos técnicos empregados na taxidermia, métodos de divulgação do ensino de história natural entre a população escolar, do conhecimento agrícola e de economia doméstica, feitura de dioramas e organização de museus voltados para crianças (MIRANDA, SANTOS, ESTEVÃO, FONSECA, 2008, p.15-16).

Podemos entender que 1925 como analisamos no Capítulo 2, que essa viagem representou uma continuação dos trabalhos iniciados em 1922 sobre a temática do museu educativo. Como já pontuamos, mesmo no cargo de “Secretário”, atuava na Seção de Botânica do Museu Nacional, desde 1924, onde estudou temáticas que envolviam o estudo de árvores, além de permuta de espécimes de flora e materiais etnográficos. Todavia suas investigações em torno de métodos de divulgação e ensino de História Natural, no que se refere a educação popular adulta e infantil, refletem ao nosso ver, numa continuidade de seu trabalho iniciado em 1922, que se repetiu em 1929 quando foi a Europa e em 1932 quando retornou aos Estados Unidos para visitar 58 museus e escrever o seu relatório.

As preocupações com o ensino doméstico e os museus também a levaram à Europa, em 1929, em representação oficial, especialmente à Alemanha, Inglaterra, França e Bélgica, o que lhe permitiu reunir mais elementos de análise e comparação que vieram a ser consolidados no estudo de 1932, em decorrência de sua viagem aos Estados Unidos. Inicialmente intitulado *O papel educativo dos museus norte-americanos*, conforme apresentado como relatório ao diretor do Museu Nacional, Edgar Roquette-Pinto em março de 1933, havia sido antes, em minuta, logo após o seu retorno ao Brasil, submetido às principais autoridades norte-americanas envolvidas no patrocínio e planejamento de sua viagem. Estas, além de julgarem a sua capacidade de síntese e compreensão da realidade museal norte-americana como aproveitamento da viagem em vários sentidos, recomendaram a sua divulgação no âmbito da América Latina e Brasil (MIRANDA, SANTOS, ESTEVÃO, FONSECA, 2008, p.16).

Percebemos que Bertha Lutz entre 1922 até 1932, criou uma trajetória de estudos em torno do ensino de economia doméstica, e também de museus, tanto na Europa que

não configura o nosso problema de pesquisa, como nos Estados Unidos. O Relatório sobre “O Papel Educativo dos Museus Americanos”, então consolida o seu estudo da temática do museu educativo iniciado em 1922.

Entendemos também que esse documento teve uma determinada relevância, já que foi recomendado por autoridades dos Estados Unidos que patrocinaram a viagem de Bertha Lutz, pois recomendaram a publicação do Relatório, para divulgação na América Latina e Brasil, dando relevância a obra de Bertha Lutz, em torno da perspectiva educativa de museus.

Bertha Lutz procurou publicar o estudo, já com o título *A função educativa dos museus*, incorporando algumas alterações e emendas ao texto original do relatório, enriquecendo-o com fotografias, panfletos e folhetos colhidos na ocasião da viagem. Esses materiais ilustrativos são remanescentes de todo trazido da viagem, cujos impressos foram em boa parte, na época, encaminhados à Biblioteca do Museu Nacional. A evolução das discussões no Brasil sobre o papel dos museus associação ao tema educação no correr da década de 1940, deve tê-la estimulado a novas tentativas junto a autoridades e editoras para publicação do texto. Mesmo assim a edição não ocorreu, provavelmente por se julgar o público leitor ainda reduzido para um trabalho tão especializado (MIRANDA, SANTOS, ESTEVÃO, FONSECA, 2008, p.16).

Podemos perceber de acordo com esses autores, que o objetivo de Bertha Lutz era publicar o relatório como livro desde que escreveu o estudo em 1932, mas por motivos que talvez seja o público reduzido a especialidade da obra, o levaria a ser publicado somente tantos anos depois, em 2008. De toda a forma, podemos supor que a intelectual entrou no grupo de intelectuais, relacionados a essa temática de relacionar museus com educação, para além da função institucional de representar o Museu Nacional, mas também como projeto individual.

De acordo com Almeida (2013), a produção de Bertha Lutz em 1932, significou uma ruptura com os conceitos antigos de museus, pautado em ser um lugar estático; os entendendo como um local dinâmico e de projeto social. Dessa forma, Bertha Lutz, procurou:

[...] sintetizar os elementos que influenciaram a “evolução do museu” e a predominância das atividades de caráter educativo, e deixou um recado entre otimista e crítico sobre o novo papel dos museus, que “fiés a evolução dos tempos desceram cristãmente do seu aristocrático isolamento” (ALMEIDA, 2013, p.131-132).

O trabalho de estudos e investigação de Bertha Lutz ao nosso ver, pode ser entendido como inovador em torno da questão de repensar o museu, constituído como uma instituição fundamentada na educação também da “plebe”.

Para Lutz (1933) o Museu Nacional, já comprometido com a função educativa, era um lugar privilegiado para educação da população, num momento em que a educação tomou predominância, como importante estratégia para o avanço da sociedade, construção da identidade e condução para o progresso, ou seja as décadas de 1920 e 1930.

Trabalharemos com a versão de 1933, onde Bertha Lutz como “secretário” do Museu Nacional, apresentaria para o Exmo. Srn. Professor Dr Roquette-Pinto M. D. Diretor do Museu Nacional, o Relatório “O Papel Educativo dos Museus Americanos”.

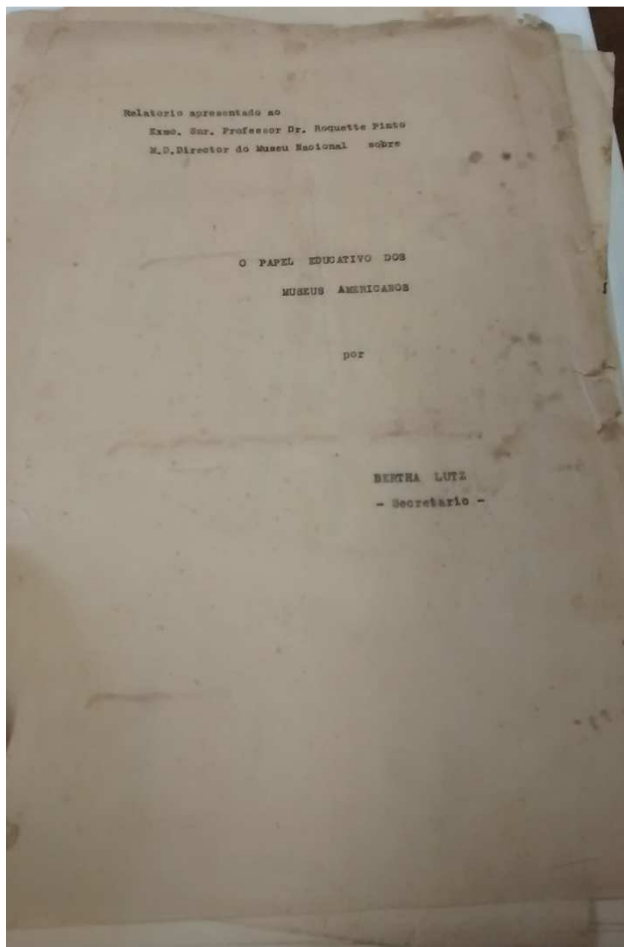


Imagem 8: Capa do Relatório de 1933

Trabalharemos também com o livro publicado em 2008, por entender que em muito a obra publicada por Bertha Lutz e a organizada como livro, assemelham-se na composição, conforme colocado por seus organizadores:

Com a preocupação de preservar seu caráter documental, o texto original sofreu, por parte dos organizadores, mínimas intervenções, realizadas com o intuito de dar mais agilidade à publicação. Uma delas diz respeito à estabilização da estrutura da obra, pois, os recursos utilizados à época pela autora, como títulos e subtítulos em letras maiúsculas ou sublinhados, centralizados ou posicionados à esquerda, não obedeceram ao mesmo padrão do começo ao fim. Outra foi reunir toda a bibliografia citada, originalmente no fim de cada parte, ao final

da publicação, de modo a facilitar a normalização e evitar a repetição de algumas fontes relacionadas. (MIRANDA, SANTOS, ESTEVÃO, FONSECA, 2008, p. 17).

Tanto a versão de 1933, quanto o livro sobre o Relatório de 2008, preservam com intervenções mínimas a essência do documento de 1932 e nos permite analisar as concepções educativas de museu, feitas por Bertha Lutz em suas visitas aos museus americanos.

3.2 Estrutura do Relatório de 1933 e do Livro sobre o Relatório de 2008

Bertha Lutz dividiu o Relatório na Índice em duas partes. A primeira parte chamada “A Evolução do Museu”, contém o I Capítulo que é subdividido em “O conceito clássico e o conceito moderno de museu”, “Factores evolutivos e diretrizes”, “Marcos decisivos”, onde ela discute a transição dos museus enciclopédicos, para o conceito de museu moderno, através de discussão bibliográfica com intelectuais do tema, que já apontamos no Capítulo 2 dessa dissertação.

Na segunda parte, chamada “O Museu Actual”, Bertha Lutz agrega os Capítulos II, III, IV e V. Nessa segunda parte, a intelectual propõe estudar as temáticas específicas dos museus modernos propostas nos museus americanos.

No capítulo II, intitulado “O Museu”, Bertha Lutz discute a questão da “propaganda”, “localização”, “arquitetura”, “instalação” e afins, ou seja, um capítulo focado em discutir a estrutura dos museus que almejaram ser modernos e todas as suas nuances.

O Capítulo III, “Metodologia Educativa o Museu”, ela discutiu a questões como pensar a Educação Visual como método de ensino do museu moderno. Esta subdividido em “metodos complementares e metodos dinâmicos”.

O capítulo IV, chamado de “Educandos e Educadores”, Bertha Lutz subdivide em “Educandos, Educadores; “O papel da mulher no museu.”. Aqui ela problematiza a relação que o museu deve ter com os educandos, com os educadores, além de problematizar o papel da mulher do museu.

O capítulo V, chamado “O Museu em Acção”, Bertha Lutz subdivide em “atividades centrais e atividades extensivas”, problematizando as diversas estratégias que os museus podem usar, para tornar o acesso aos museus dentro e fora da instituição uma realidade. O Relatório contém ainda “Palavras Finais”, ou seja, uma conclusão do que

observou nos museus norte-americanos e departamentos educativos e Bibliografia.

Para isso Bertha Lutz abordou questões, como a relação dos museus com os rádios e imprensa, que os museus devem ter. Nesse capítulo também é debatido, o processo de ensino e aprendizagem, no que se refere a torna-lo mais dinâmico e possível a todos. Além disso problematiza também o Museu ao ar livre, proposta que observou nos Estados Unidos em museus que realizavam trilhas na natureza para ensinar.

Discute também os museus para crianças, onde mostra os diversos “departamentos educativos” referentes a infância que investigou e as metodologias possíveis para serem usadas no Museu Nacional e no Brasil.

| | | |
|----------------------------|--------------|---|
| INDICE | | |
| 1a. Parte - | Capítulo I | O conceito clássico e o conceito moderno do museu. Fatores evolutivos e diretrizes. Marcos decisivos. |
| <u>A EVOLUÇÃO DO MUSEU</u> | | |
| 2a. Parte: | Capítulo II | Propaganda, localização, arquitetura, instalações etc. |
| O MUSEU | Capítulo III | Metodologia educativa do museu. |
| ACTUAL | Capítulo IV | Educação; educadores; o papel da mulher no museu. |
| | Capítulo V | O museu ao ar livre. A criança e o museu. |
| | | Atividades centrais; atividades; etc. |
| <u>PALAVRAS FINAIS</u> | | |
| | | Bibliografia e sumário após cada capítulo; várias ilustrações. |

Imagem 9: “Índice” do Relatório que foi publicado em 1933.

No livro “A Função Educativa dos Museus” de 2008, publicado pelo Museu Nacional. O Sumário é dividido pela “apresentação dos organizadores” do Museu Nacional, que explicam a relevância do Relatório, “Um convite à leitura”, escrito por Maria Margaret Lopes, que explica a trajetória de Bertha Lutz no Museu Nacional e a viagem de 1932.

Além da “Introdução” preservada do original, o Livro traz os seguintes capítulos: “A evolução do museu”, onde traz como subtítulos “o conceito clássico e o conceito moderno de museu”, “Fatores evolutivos e diretrizes da evolução”, “Marcos decisivos” e Sumário”.

Traz também “O Museu em si”, onde discute nos subtítulos “Propaganda, Localização, Arquitetura, Dosagem, Arquitetura Interna, Dependências indispensáveis ao museu moderno, Aparentamento e mobiliário e Sumário”.

Elucida em outro capítulo chamado “Metodologia educativa do museu” os

subtítulos “A Educação Visual, Métodos complementares e métodos dinâmicos e Sumário”.

Outro capítulo chamado “Educandos e Educadores”, com os subtítulos “Educandos, Educadores, A mulher no Museu e Sumário”, onde trabalha a questão da relação dos museus com os educandos e educadores além de trazer a questão da mulher nos museus americanos como ponto de reflexão.

Finaliza com “O Museu em Ação” com os subtítulos “Atividades Centrais, Trilhas internas, O Museu e a criança e Atividades extensivas, “problematizando as diversas possibilidades de ação do Museu dentro da instituição e questões como as trilhas e ensino na natureza, os departamentos de ensino a criança e atividades extensivas” que se referem a relação do Museu com rádios, imprensa e afins. Encerra o livro com as “palavras finais”, onde faz uma reflexão do que estudou na visita feita aos 58 museus.

3.3 O Museu Moderno e a função educativa

Quando pensamos o “Museu Moderno, analisado por Bertha Lutz, vemos a sua preocupação, quando fala em educação pelos sentidos. Numa população de maioria analfabeta, a possibilidade de se ter contato com o saber, de forma ativa, só poderia se dá através dos sentidos como a visão e tato.

Para Benchimol (2003), Bertha Lutz, entendia que o “museu moderno”, seria dinâmico, deixando de ser um mero depósito de espécimes. Nessa nova perspectiva de Museu, os conceitos científicos estudados, deveriam se tornar práticos, facilitando assim o ensino da população sobre a vida humana.

Conforme Lobo (2010), a partir da década de 1920, o Museu, visto como enciclopédico entra em crise, onde intelectuais como Bertha Lutz, propõem essa perspectiva moderna, como uma nova possibilidade para pensar o papel do museu, agora um lugar de educação.

De acordo com Miranda, Santos, Estevão e Fonseca (2008), o objetivo de Bertha Lutz, nas visitas que fez aos museus norte-americanos, era entender, como a função educativa dos museus atingiam diversos segmentos da sociedade, podendo assim, pensar medidas de superar essa crise que tomou conta dos museus:

O conceito do Museu está em plena evolução. A evolução opera no sentido da educação do povo, e da democratização da socialização. O museu reconhece hoje o seu duplo objetivo de ampliador dos conhecimentos humanos e de órgão de evolução museológica. Varios factores tem influído na evolução dos museus; alguns econômicos, outros científicos, outros sociaes. Por um lado, é mais fácil obter

subvenções para os museus que desenvolvem programas de educação do povo, por outro, accentua-se a tendência de atingir a retribuição, sob forma de serviços culturais populares... Estudos importantes vêm sendo realizados afim de estabelecer quaes os methodos educativos mais pródigos em resultados. O elemento subjectivo (o visitante) vem sendo estudado pela primeira ves (LUTZ, 1933, p.20, grifos nossos).

Os museus visitados por Bertha Lutz eram ampliadores dos conhecimentos humanos e também um órgão de constante evolução museológica. Vários estudos importantes vinham sendo realizados para pensar métodos educativos para lidar com o visitante, antes não pensado. Ou seja, o museu moderno apresenta uma mudança de paradigma museal, antes pautado na exaltação dos saberes para poucos, se compromete em mover esforços para aprender novas possibilidades de educar a todos.

No Relatório, percebemos, que a observação feita por Bertha Lutz nos museus americanos, consistia na busca de vários métodos científicos, articulação com educadores e instrutores, que pudessem facilitar o ensino e aprendizagem para o povo. Essa seria a postura que o Museu Moderno, deveria tomar. Conforme ela:

Ultimamente tem se dado início de methodos scientificos de controle da técnica museológica com resultados verdadeiramente surpreendentes, que já se traduzem, ou muito breve se traduzirão, em aplicações práticas, capazes de revolucionarem completamente as regras de instalações de colleções, assim como os methodos educativos.[...] Consoante á ausência de estandarização que apontamos acima, os museus americanos modernos empregam grande variedade de methodos educativos como sejam as visitas com instructores ou docentes, as palestras nas salas de exposição, as aulas conferencias, sessões recreativas jogos etc (LUTZ, 1933, p.8).

A “evolução do museu”, que foi abordada no primeiro capítulo do Relatório, Bertha Lutz discutiu o processo de transformação do museu, de lugar estático, para lugar educador. Com isso, trouxe o pensamento de diversos intelectuais, para defender suas concepções de museu moderno. Um deles foi John Cotton Dana, intelectual ligado ao Museu de Nova York que na visão de Bertha Lutz, entendia que o Museu Moderno, deveria, usar de seus objetos adquiridos de forma estratégia para alcançar a atenção da maioria de pessoas:

Os objetos adquiridos pelos museus serão expostos de modo a torná-los acessíveis ao maior número de pessoas e os museus serão localizados em pontos que possam ser atingidos rápido e facilmente pela maior parte da população (LUTZ, 2008, p.30).

Outra referência que podemos observar no Relatório de Bertha Lutz sobre a “evolução do museu”, foi o pensamento de Alexander Grant Ruhtven, Zoólogo e Naturalista, que foi Presidente da Universidade de Michigan entre 1929 a 1951. Bertha

Lutz se valeu do pensamento desse intelectual, sobre os museus de ciências naturais, que entendia que os museus, não deveriam apenas ser uma instituição que obtivessem coleções de espécimes e objetos novos, por obter somente, mas sim se constituírem como um lugar capaz de ampliar os conhecimentos humanos:

O museu ideal de ciências naturais não é mera coleção de espécimes, nem um relicário de objetos raros. Não é tampouco um edifício destinado a abrigar mostruários ou uma instituição dedicada a pesquisas uniformes, nem sequer uma combinação de todos esses objetivos. É, antes uma agremiação de pessoas cultas que procuram alargar os horizontes dos conhecimentos humanos e disseminar a ciência no seio das nações. É uma instituição dinâmica, que não nasce adulta, nem assume todos os seus encargos de uma só vez. Nunca chega a ser estacionária, porque nunca cessa de crescer. Vai se desenvolvendo lentamente, sem perder elasticidade da juventude, graças à qual, à medida que vão surgindo problemas novos, lança mão de métodos e finalidades igualmente novas, adaptadas ao ambiente social e ao progresso científico (LUTZ, 2008, p.30).

Para Bertha Lutz, portanto o museu ideal de ciências naturais, seria aquele que não se baseia em acumular mostruários e espécimes somente, mas um local que busca criar perspectivas, para de forma dinâmica, criar novos horizontes capazes de ampliar os conhecimentos humanos e divulgar a ciência para as pessoas. Através de novos métodos, se adapta tanto ao ambiente social que está inserido, quanto ao progresso científico.

A apropriação desse pensamento por Bertha Lutz, pode estar relacionada ao que como intelectual, buscou levar para o Museu Nacional, instituição ao qual estava vinculada quando pesquisou nos Estados Unidos sobre museu educativo. Pois para a mesma, os museus deveriam estender seus horizontes; ao se proporem como modernos e, portanto, educativos, buscando novos métodos de ação, que pudessem atingir um maior público, e assim colaborar com o país no caminho ao progresso. Assim, destaca o pensamento de John Cotton Dana, para corroborar o que observou em seu Relatório sobre o Museu Moderno:

Durante muitos séculos, o mesmo até os nossos dias, os museus não passavam de meras coleções, tanto assim que John Cotton Dana, que durante longos anos dirigiu o museu da cidade de Newark e foi um dos espíritos precursores do museu moderno, define os museus de arte nos seguintes termos... “ amanhã os objetos de arte serão adquiridos para darem prazer, para acentuar o encantado das maneiras cultas, para promover a habilidade manual e exaltar o valor do trabalho artístico, enfim, para aperfeiçoar a vida, pela ampliação da cultura.” Os objetos adquiridos pelos museus serão expostos de modo a torná-los acessíveis ao maior número de pessoas e os museus legalizados em pontos que possam ser atingidos rapidamente pela maioria da população. É o mesmo pensamento que RUTHVEN exprime quando diz “O Museu

ideal de ciencias naturaes, não é um mero specimens, um relicario de objetos raros. Não é tampouco, um edificio destinado a abrigar mostruários, ou uma instituição dedicada a pesquisas uniformes, nem sequer uma combinação de todos esses objectivos. (LUTZ, 1933, p.2).

Aqui percebemos parte da influência de Bertha Lutz para sua concepção sobre Museu Moderno. Tanto Dana, quanto Ruthven, são intelectuais vinculados aos estudos das temáticas educativas e museus, pensam o museu moderno na perspectiva de instituição, comprometida com a divulgação científica, difundida de maneira dinâmica a educar a “todos”. Entendemos o quanto à questão de estudar vários métodos educativos que pudessem transformar os museus em lugares mais dinâmicos, era fundamental para a construção dessa nova concepção de museus.

Os museus, portanto, para Bertha Lutz, se motivam através da busca de várias possibilidades para se tornar um instrumento social, científico e educador, no que tange, construir diálogo com as populações de mais diversas culturas. Quando pensamos o Brasil daquele momento de maioria analfabeta, a democratização do conhecimento pode ser entendida como forma de alcançar o projeto civilizatório progressista que alguns intelectuais como ela, almejavam implementar no país.

Percebemos aqui, as concepções educativas pautadas no museu moderno, como uma perspectiva educacional pautada na prática, focada em permitir ao indivíduo, ser o sujeito ativo na construção do seu conhecimento, cabendo aos museus, buscar métodos, que possam facilitar esse processo educativo.

Várias nuances compõem a composição do Museu Moderno e entre elas destacamos o Empréstimo de Material, visto por Bertha Lutz como uma característica importante no que se refere a relação dessa instituição com as escolas.

3.3.1 O papel da “localização”, “propaganda”, “dosagem”, “mobiliário”, da “arquitetura” e outras questões que envolvem a funcionalidade do museu moderno

A localização dos museus, também foi uma questão discutida em seu relatório. De acordo com Lutz (2008), a maioria dos museus que visitou entendia que a vizinhança, a distância dos centros de movimentos, a questão do transporte, o horário em que abria e fechava, influenciavam a relação dos indivíduos com os museus. Cobia então, a esses museus, que almejavam está ao alcance de um público mais amplo, e assim educá-lo, se preocupar com essa questão. Ao pegar o Museu Nacional como referência para pensar o que viu, diz ela:

O fato de ser tão grande a concorrência ao nosso Museu aos domingos decorre, evidentemente, do hábito de muitos cariocas de passearem pela

Quinta da Boa Vista aos domingos e visitarem o Museu nessa ocasião. Nos dias de semana, recruta a maior parte dos seus visitantes entre os turistas. Enquanto estivermos nessa localidade, não aconselharia a abertura à noite. Seria desejável, entretanto, uma nova sede para o Museu Nacional. Penso que teríamos grande vantagem, do ponto de vista da nossa missão educativa, em escolher, mediante estudo prévio, um ponto acessível da cidade e em adaptar o horário de abertura aos lazes do público que desejarmos atrair (LUTZ, 2008, p.45).

A arquitetura dos museus também foi uma questão que Bertha Lutz observou em suas visitas aos museus norte-americanos. Percebeu que muitos dos prédios onde funcionavam as instituições museais não eram adequados para as exposições. Ao se valer das observações de Laurence V. Coleman e o livro “Manual for small Museums”, aponta em seu relatório que “o aspecto do museu deve “inspirar”, o que realmente significa que deve ser bastante atraente, para se tornar convidativo ao público” (LUTZ, 2008, p.46).

Discutiu também a “dosagem” nos Museus, ou seja, de que maneira deveriam organizar as suas exposições para atrair o público, e analisou diversas medidas, como a organização do Aquário de Nova Iorque, onde as galerias eram circulares, com uma única entrada e espaço central reservado aos espécimes:

Enough is better than a feast, dizem os ingleses e, de fato, mais vale uma refeição simples e satisfatória do que a pletora de um banquete difícil de digerir. Este ditado adapta-se admiravelmente ao museu, cuja arquitetura e organização interna devem tomar em consideração fatores humanos. Ora, a psicologia nos demonstra, de modo insofismável, que ninguém, principalmente um leigo, é capaz de fazer mais do que um certo número de observações ou de armazenar mais do que uma certa cópia de fatos na sua memória (LUTZ, 2008, p. 47).

Aqui vemos claramente que o Museu observado por ela, entendia que para levar êxito a função educativa, tudo deveria ser pensado, no que se refere a organização dos museus.

Além dessas questões, também observou a flexibilidade que os museus americanos tinham e a preocupação a pequenos detalhes estéticos como a iluminação; a necessidade de haver depósitos para se guardar material científico, artístico e de diversas outras ordens, como haver herbários, laboratórios e oficinas para ampliar e facilitar o ensino de ciências dentro dos Museus.; se valendo de mostruários específicos com espécimes que possam facilitar a exposição para as pessoas de estatura menor que um humano adulto normal. De acordo com Lutz (2008):

O Museu de Reading oferece uma particularidade muito prática e interessante. Fiel à sua função de Departamento de Educação visual da Diretoria de Instrução Pública, especialmente destinada às crianças das escolas, coloca os espécimes de história natural e os objetos de arte em

altura correspondente ao campo visual de pessoas de estatura inferior à do ser humano adulto, isto é, em altura que torne fácil a sua observação pelas crianças (LUTZ, 2008, p.52).

A propaganda é outra questão que Bertha Lutz analisou como importante na construção do museu como moderno. Diz ela:

Já que o museu moderno deseja ingressar conscientemente na vida do povo, o primeiro passo a dar consiste em levar ao conhecimento do público a sua existência e as modalidades pelas quais espera contribuir para o progresso da educação popular. Todos os museus por mim visitados, salvo aqueles que se destinam exclusivamente ao pesquisador e ao especialista (que são muitos raros), fazem intensa propaganda institucional. (LUTZ, 2008, p.43).

A propaganda institucional, foi algo que Bertha Lutz analisou acontecer em todos os museus que visitou, por ser no seu entendimento uma postura a se tomar, para a instituição que deseja ser moderna, ou seja, comprometida com o objetivo de levar o conhecimento ao mais diversos públicos.

O mobiliário também foi uma questão que Bertha Lutz se atentou a observar, assim como o conforto, que de alguma maneira, interfeririam na busca pelo êxito de alcançar a um público pelo viés da educação de “todos.”

Outras questões são levantadas em torno da temática do Museu Moderno. Bertha Lutz entendeu através de suas visitas, que todos os museus modernos deveriam ter depósitos:

O museu moderno deve possuir depósitos muito amplos, capazes de abrigarem a maior parte do material científico, artístico etc. Os espécimes devem ficar guardados e classificados de modo que os tenham não só em perfeito estado de conservação, mas os tornem aptos a servirem ao estudo do técnico ou a serem colocados em exposição pública a qualquer instante (LUTZ, 2008, p.49).

Podemos perceber que a conservação dos espécimes em lugar adequado, que facilitasse a disposição desse material para estudo ou exposição para o público, assim como a classificação desse material é algo importante analisado para Bertha Lutz pensar a característica do museu moderno e provavelmente possibilidades de levar essas orientações para o Museu Nacional, que era vinculada.

3.4 O Museu Moderno e a Educação Visual

A metodologia de ensino do Museu Moderno, observada por Bertha Lutz nos museus americanos, se consistiria na educação visual, articulada a palavra tanto falada, quanto escrita e o contato, através do tato com os diversos espécimes. Isso só seria

possível se houvesse observação do elemento subjetivo que era o visitante e o elemento objetivo que era o museu e através da ciência.

A intelectual pode observa nos museus americanos, que a educação visual tinha como princípio orientador, o objetivo de atrair o público. Assim, analisou que o Museu Moderno em suas exposições, ou em qualquer material usasse, deveria estar articulado com o objetivo de despertar a atenção da população pelo viés da visão.

O campo essencial do museu no domínio da instrução pública é o da educação visual. Nenhum outro tipo de estabelecimento poderá disputar-lhe a primazia nesse particular. É um fato que eleva ao cêntuplo o valor do museu como instituição de cultura nos países de alta percentagem de analfabetos como o Brasil. Dediquei grande interesse ao estudo do desenvolvimento da técnica empregada na educação visual, observando-a em todas as fases, desde a organização do plano de conjunto da exposição até os pequenos detalhes metodológicos (LUTZ,2008, p. 57).

A metodologia educacional do Museu Moderno é a educação visual. Através dela seria possível atingir a várias pessoas. Bertha Lutz dá ênfase a essa questão, por que, ao pensar a realidade do Brasil, de maioria analfabeta, entendeu que se os museus tomassem essa postura em seu país, conseguiriam educar um grande número de pessoas.

Para Lopes (2008), a educação visual, no Relatório de 1932, foi o que a intelectual deu maior destaque, pelo fato dessa metodologia facilitar ao museu, assumir o papel educativo.

Nenhum outro tipo de estabelecimento poderia disputar ao museu a primazia nesse aspecto. Particularmente em países como o nosso, com altas taxas de analfabetismo, a educação visual elevava “ao cêntuplo” o valor do museu como instrumento de cultura (LOPES, 2008, p. 23).

Percebemos aqui, que para alcançar o “sucesso” da educação visual era preciso estudar “o museu em si”, por isso seria importante investigar o comportamento do educando, indivíduo que visita o museu, para poder possibilitar uma experiência museológica, que o permitisse criar um conhecimento ativo. Para isso os museus se valeriam de vários métodos educativos, como palestras, exposições, cursos, jogos entre outros, influências da educação visual.

Para Bertha Lutz, todas essas medidas eram importantes, para se alcançar o objetivo de educar a todos, e atrair a maioria de pessoas aos museus. Cabia aos museus também criar as possibilidades de atrair o público, principalmente o leigo para os seus espaços.

Ao analisar no Relatório o processo de transição de pensamento sobre museu,

onde apresenta como se constituíram o museu moderno e o poder da educação visual como método de educação, nos mostra que esta concepção de museu, surge no bojo do processo de buscar novas concepções de modernidade, que envolveram a necessidade de se instituir uma postura educativa nos museus.

Essa postura era provinda do trabalho de Willian Flower por exemplo, que foi diretor do Departamento de História do Museu Britânico, mostrando que a experiência norte-americana não estava desconectada da europeia, ao tratar de museu moderno.

Para Lopes (2003), a ideia de “New Museum Idea”, defendida por Flower, se pautou no destaque que este deu a educação. Para ele o Museu deveria ter uma postura moderna e essa postura, seria a de possibilitar a instrução aos indivíduos e garantir que esse, tivesse condições de conduzir a nação ao progresso.

Flower dedicou grande parte do seu discurso a identificar as questões centrais que deveriam regular a organização de exposições de um museu que pretendesse cumprir seus objetivos de instrução e investigação. As mesmas recomendações foram retomadas e sintetizadas em seu discurso na Museums Association, em 1893, e tornaram-se os princípios básicos do que se consagrou como a “ new museum ideia”... De qualquer forma, incorporada à obra de Flower, está se tornando referencial seguro para o mundo dos museus, até pelo menos o final da década de 1930, particularmente no caso dos naturalistas do Museu Nacional do Rio de Janeiro... (LOPES; MURRIELO, 2005, p.21-22).

Esse intelectual definiu os caminhos para se pensar a função educativa nos museus, e influenciou escritores do tema como Bertha Lutz. De acordo com Lopes; Muriello (2005), a funcionária do Museu, em seu trabalho sobre a temática do museu educativo, se aproximaria de Flower:

Bertha Lutz se referia a “ uma nova teoria do Museu, sintetizada pela expressão “the new museum ideia”, por Flower em *Essays on Museums* , que propugnava como função do museu “ difundir a instrução e contribuir para o recreio intelectual da massa e do povo, e proporcionar ao pesquisador científico, o ensejo de examinar e estudar detidamente todos os espécimes que constituíam as coleções do Museu (LOPES; MURIELLO, 2005, p.22).

Ainda conforme Lopes (2003), Flower entendeu que havia duas classes de homens. Aqueles que através de seus conhecimentos adquiridos e cultura intelectual por toda a vida, pertencente a uma classe menos numerosa de pessoas teriam condições de aprender conhecimentos científicos e fazer progredir a ciência. A outra classe de homens, mais numerosa e desprovida de cultura intelectual.

De acordo com Bertha Lutz ao discutir o trabalho de Flower, entendeu que está

“É uma teoria nova do museu- textualmente expressada, pela primeira vez, por sir William Flower, nos seus Ensaio sobre museus, publicado em Londres no ano de 1898, nos quais emprega a expressão sintética *The New Museum Idea*” (LUTZ,2008, p.30-31).

A função dos museus seria então, educar essas classes de pessoas. Os intelectuais e “os desprovidos do conhecimento”. A educação visual, estratégia usada para permitir que a maior parte da população tivesse acesso ao conhecimento, surgiu como meio para permitir ampla formação dos não conhecedores, ao mesmo tempo que permitiria também, através de cursos e outras medidas, para que os detentores de saberes pudessem ampliar seus conhecimentos.

De acordo com Lopes e Muriello (2005):

Assim as exposições dos museus ampliam seu público, consolidam um papel educativo substancial ao permitirem a confrontação direta do público com os objetos. Essa ideia é retomada no novo contexto vitoriano do discurso de Flower, sustentando novamente a importância da aprendizagem por meio da percepção visual para a incorporação das massas urbanas aos processos civilizadores[...] (LOPES; MURIELLO, 2005, p.24).

Flower foi precursor no que tange, defender a ideia de educação pela percepção visual, por entender que através dessa educação, seria possível incorporar a maioria das pessoas a sociedade, ao processo civilizador da sociedade.

O trabalho de Flower contribuiu para Bertha Lutz defender essa concepção educativa de museus nas instituições norte americanas que visitou, como forma de atingir o objetivo de educar a “todos”. Ainda que seu texto seja do século XIX, influenciou na primeira metade do século XX, e na década de 1920 e 1930, no que se refere a instituir a função educativa no Museu. De acordo com Pereira (2010), essa postura educativa dentro dos museus, se configurou em defender para os museus, uma perspectiva de educação popular balizada em entender que o papel dos museus era de ter um compromisso de educação com o povo.

Observamos que os princípios educativos observados no Relatório, como a educação visual, que educava pelos sentidos, permitiria aos indivíduos, serem sujeitos construtores, diretamente do seu próprio conhecimento. Essa abordagem de ensinar e permitir aos sujeitos construir o saber de forma prática, propunham mudanças na educação em todos os sentidos. Pois visualizavam o educando como o agente de sua própria educação.

Entendemos que essa preocupação de Bertha Lutz, de visitar diversos museus de forma ampla, se deu, pelo fato de ter como preocupação, investigar as variadas opções

educativas que esses museus em suas práticas, desenvolviam, para pensar diversas formas de educar a “população”.

No Relatório de (1933), que consta que Bertha Lutz visitou 58 museus, citando por exemplo, a experiência que obteve com o Field Museum americano sobre estratégias que envolviam a educação visual:

O Field Museum expõe reproduções de plantas em cera, celulose e vidro verdadeiramente admiráveis, que dão a impressão de plantas ou falhos inteiros apanhados minutos antes. Na realidade, é o único método satisfatório de apresentar botânica aos olhos do leigo, que não poderá nunca achar interessante os espécimes secos ou alcoólicos que fascinam o especialista apaixonado pela sistemática e pela anatomia vegetal (LUTZ, 2008, p.61).

Para Lutz (2008) através dessa experiência, nos mostra que a educação visual era metodologicamente a maneira mais viável de ensinar alguns conhecimentos. No caso do “Field Museum”, exposição de plantas em cera, celulose e vidro.

Os “rótulos” também eram algo possibilitador dessa educação visual, nesse processo de tornar viável a interlocução entre museus e sociedade. Ao observar experiência de educação visual do Museu de Búffalo, Lutz (2008), percebeu, que o público prestava mais atenção em rótulos pequenos e múltiplos, que trouxeram, o que estava sendo exposto.

Outros elementos como o cinema, também foram observados por Bertha Lutz nos museus americanos. Essa era uma concepção educativa utilizada por museus como o Museu de Ciências e Indústrias de Nova Iorque.

Uma das modalidades mais interessantes do movimento introduzido nos museus é a projeção nas próprias salas de exposição de fitas cinematográficas, que duram apenas alguns momentos. É um método elaborado nos museus de tecnologia como o Museu de Ciências e Indústrias de Nova Iorque acima aludido, no qual funciona um cinema automático, demonstrando, periodicamente, e com grande frequência, durante alguns minutos, um processo elétrico, magnético, físico ou técnico-indústria (LUTZ, 2008, p.64).

Uma outra experiência que trouxe dos museus que observou nos Estados Unidos, foi a Sala de Física do Museu de Buffálo, Diz ela:

Outra forma igualmente interessante de dinamizar o museu é utilizada na Sala de Física do Museu de Búffalo, onde, apertando um botão, pode-se fazer funcionar os diferentes aparelhos de eletricidade, assistir aos feitos de raios, obter uma imagem de raios X da mão e observar outros fenômenos semelhantes. Em geral, estes fenômenos são postos em movimento pelos instrutores, mas, nos museus de Arte e de Ciências

de Nova Iorque, o próprio público faz funcionar os aparelhos (LUTZ, 2008, p.64).

Os museus contavam com novas tecnologias e portanto, vários métodos que tinham como cerne despertar o gosto de seus visitantes para a ciência. Aqui percebemos que a perspectiva é a mesma, pautada na educação visual, mas não somente ela, nos sentidos também como o tato, que Bertha Lutz pontuou ser complementar a metodologia educativa do museu moderno. O tato, por exemplo, no seu entendimento, era fundamental para o ensino de História Natural para crianças cegas, lhes dando uma possibilidade de aprender e enxergar. Para Bertha Lutz, tocar nos espécimes era algo que iria facilitar o aprendizado.

O tato é de grande importância no ensino de história natural, mormente quando se trata de crianças que totalmente cegas ou que tão pouco enxergam que merecem ser colocadas nas chamadas classes de “conservação da vista”, mesmo com as crianças, o fato de poder tocar nos espécimes constitui um forte atrativo (LUTZ, 2008, p. 61-62).

Assim Bertha Lutz, pensou também no acesso de crianças que tinham deficiência, como a cegueira. A palavra falada, era um outro sentido que deveria ser complementar a metodologia educativa do museu moderno, pois quando se vale do uso do rádio, de palestras, conferências e explicações sobre os espécimes, isso seria importante para a educação pelos museus “A palavra desempenha um papel importante no museu. Falada, aplica-se no rádio, em palestras, conferências e explicação diretas de espécimes ou de modelos animados” (LUTZ, 2008, p.62).

Fica claro no Relatório, o quanto Bertha Lutz, observou aos métodos modernos que eram desenvolvidos pelos museus americanos, afim de possibilitar uma maior interação entre público, principalmente o leigo.

De uma experiência educativa do Planetário de Chicago, Bertha Lutz cita o entendimento do Dr. Paul Marshall Rea um orientador psicológico que para Lutz, “Quisera, aliás, esse orientador psicológico ver todos os museus transformados em instituições dinâmicas” (LUTZ, 2008, p.64) sobre “o método ideal de ensino popular museológico” (LUTZ, 2008, p.64):

O planetário de Chicago dá sete ou oito preleções diárias e, não obstante essa frequência extraordinária, vê sempre abarrotado o seu auditório. A demonstração com modelos animados acompanhados de explicações verbais, claras e populares, constitui ao ver do dr. Paul Marshall Rea, o método ideal de ensino popular museológico (LUTZ, 2008, p.64).

Especialista em museologia e educação, Paul Marshall Rea, foi secretário da Associação Americana de Museus entre 1907 a 1917 e Presidente entre 1919 a 1921; e ainda diretor do Museu de Cleveland entre 1920 até 1928. Bertha Lutz destaca a questão de uma comunicação com o público, por meio da “explicação verbais, claras e populares”, mais adequada como pensa Marshall Rea. Antecedida de “demonstração de modelos animados” sendo mais acessível, para alcançar o objetivo de ensinar a maioria de pessoas possíveis

Dessa forma os programas educativos, visitados por Bertha Lutz, deveriam ser pensados para alcançar o grande público em geral e também a grupos pequenos de especialistas. Os museus, portanto, usavam dos sentidos para educar a população. A educação visual era a principal maneira de educar, mas ela não operava sozinha, mas sim com os sentidos.

3.5 O papel da mulher no museu

Em seu Relatório, Bertha Lutz chama atenção em suas observações, para o fato das mulheres ocuparem cargos dos mais diversos, dentro dos museus americanos, sejam de baixa ou alta escolaridade. No Brasil a inserção da mulher em espaços públicos como museus, ainda era questionada por muitos na sociedade. Em sua militância feminista Bertha Lutz, sempre defendeu que as mulheres ocupassem cargos públicos e outros espaços profissionais a elas restritos:

Um dos aspectos da atividade dos museus americanos que mais me interessou foi verificar como é grande o número de mulheres que nele exercem sua atividade, desempenhado diversos misteres, desde os mais humildes até os mais exaltados, desde aqueles que não dependem senão de assiduidade e noção de dever até aqueles que exigem elevado grau de cultura e preparo técnico superior (LUTZ, 1932, p.14, grifos nossos).

Em sua trajetória na Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino, a educação das mulheres e o direito delas ocuparem cargos públicos e espaços profissionais, também de excelência, eram coisas que ela mais defendia, por entender, que esse seria o caminho para a emancipação da mulher dentro da sociedade.

Entendemos que a trajetória profissional e feminista de Bertha Lutz não se dissociava da sua trajetória como cientista, mesmo no cargo de “secretário” no Museu Nacional. Isso também aparece com força em seu relatório. O Museu de Newark, que na época era dirigido por Beatriz Winsler, existia somente um único funcionário homem, o

porteiro, o que chamava a sua atenção, uma instituição com a maioria de funcionários mulheres.

O Museu de Newark, ao qual já tive o ensejo de aludir repetidas vezes, também é interessante do ponto de vista da mulher. Quem o dirige é a sra. Beatriz Winsler que acumula este cargo com o de diretora-geral de todas as bibliotecas da cidade. É uma personalidade vivaz e dinâmica. Quem a coadjuva também são mulheres. O Museu tem grande de funcionários entre os quais um só homem, o porteiro. Mas o trabalho pesado, quem faz? Perguntei admirada. Elas mesmas ou, antes, a máquina que inventaram para esse fim. Possuem dois aparelhos que operam sobre o mesmo princípio que o chamado macaco de automóveis. Um destina-se aos mostruários horizontais, outros aos verticais, mas é fato que sublevam e transportam qualquer mostruário, mesmo o mais pesado. Posso afiançá-lo sob palavra, porque eu mesma o experimentei e transporte um mostruário grande, de um lado para o outro, com a mesma facilidade com que se empurra em carrinho de criança (LUTZ, 2008, p.77).

Além de ficar impressionada com o fato haver uma mulher dirigindo o Museu que, Bertha Lutz pontua a estratégia criada por essas mulheres para vencerem as dificuldades do trabalho nos museus. Através dessas estratégias as mulheres mostravam que eram tão qualificadas quanto os homens para atuar nos museus. A intelectual, da ênfase a necessidade de se apropriar dessas medidas, no caso dois aparelhos que permitiam empurrar mostruários pesados, para quem sabe poder se abrir portas para as mulheres nas instituições museais no Brasil. A intelectual atentou que até para os trabalhos mais pesados, as mulheres não contavam com a força de homens, mas com as de máquinas, mostrando o quanto o alcance de direitos e espaço para elas, se daria através do progresso e da modernização no país.

Ao comentar a trajetória de Bertha Lutz nesse momento, Lopes (2008), entendeu que:

No caso de Bertha Lutz, simplesmente praticar ciências e feminismos já fazia toda a diferença, uma vez que ela transgrediu na própria trajetória e sub-representação das mulheres nas ciências e na política, recusando-se ao casamento e à maternidade, acoplando ideais feministas a uma concepção de ciência neutra, racional e objetiva em um contexto no qual não se questionava a ciência (LOPES, 2006, p.89).

É nesse movimento que Bertha Lutz se empenhou, portanto, em defender que a ciência era um caminho que por meio da educação, a instrução do público de forma mais ampla, o acesso de mais mulheres a espaços que ela mesma já ocupava, como o Museu Nacional.

3.5.1 A formação de professoras e instrutoras para atuação nos museus. A relação entre escolas e museus

Outra nuance abordada no Relatório de Bertha Lutz foi a questão da formação de professoras e instrutoras para atuar nos museus, através de uma relação envolvendo escolas e museus.

Assim defende que o Museu Nacional, faça acordos, para poder realizar cursos e preparar técnicos para se apropriarem desses métodos modernos de educação, como os balizados na educação visual por exemplo, e passem a aplicar no Brasil. Bertha Lutz pode observar que as instituições, forneciam auxílio científico as faculdades, escolas primárias e secundárias. Ao observar museus universitários norte-americanos, propôs para o Brasil:

O auxílio científico aos que desejam se especializar é uma função perfeitamente compatível com as finalidades dos museus universitários e nacionais. Logo que a nossa Universidade venha a criar uma Faculdade de Ciências, imprescindível para a formação profissional dos professores secundários e para a cultura científica da nossa gente, poderá e deverá mesmo aproveitar os serviços do Museu. Aliás, já o vem fazendo em relação aos cursos de extensão universitária. Alguns museus emprestam seus anfiteatros a universidades para cursos e conferências e permitem ilustrá-los com material do museu. É uma colaboração que beneficia muito aos estudantes e que é muito semelhante àquelas adotadas no nosso Museu Nacional em relação à escola normal e às escolas secundárias (LUTZ, 2008, p.69).

Os museus, portanto, seriam também aqueles que dariam auxílio científico, dialogando com as universidades, no que tange a formação dos professoras secundárias e profissionais para que promovam a cultura científica do povo. Neste sentido, a extensão universitária era fundamental nesse processo. A articulação realizada entre os museus, universidades e escolas nos Estados Unidos conforme Bertha Lutz já vinha sendo feito no Museu Nacional.

Em seu relatório, observou nos museus norte-americanos a possibilidade dos museus servissem como lugar de formação continuada para as professoras. Lutz (2008), destaca a iniciativa da Diretoria de Instrução Pública do Estado de Nova Iorque, em relação as professoras que frequentaram um curso de especialização dado pelos museus:

A Diretoria de Instrução Pública do Estado de Nova Iorque concede um aumento anual de salário às suas professoras, exigindo, entretanto, que a ele façam jus aumentando anualmente os seus conhecimentos, mediante frequência de um curso de especialização. Os cursos dados pelos museus são aceitos para essa finalidade, sendo computados como equivalentes a trinta unidades de crédito ou um semestre, desde que as

matriculadas tomem notas e submetam a um exame final sobre a material. De todos os processos de divulgação da cultura, parece-me ser um dos mais uteis, porque ensinar o professor é um “método quantitativo” de prestar serviços à educação popular. E agora, já que estamos falando na colaboração entre o museu e o magistério, parece-me oportuno o momento para repetir aqui que qualquer trabalho empreendido pelo museu junto às escolas deverá ter, como ponto de partida, a colocação, pela Diretoria de Instrução Pública, de professoras à disposição dos museus, a fim de serem encarregadas da realização prática dos serviços educativos dos museus junto ao público, principalmente junto à população escolar. As vantagens são recíprocas, permitindo maior eficiência pedagógica no programa educacional museógrafo e dando ao museu o ensejo de servir à educação popular, sem sacrifício dos seus serviços técnicos e de seu pessoal científico, aliás, muitas vezes pouco apto a fornecer explicações simples aos leigos (LUTZ, 2008, p.69).

Notamos que Bertha Lutz pontua que a Diretoria de Instrução Pública do Estado de Nova Iorque concede aumento anual de salário, para as professoras que buscavam cursos de especialização. A mesma nos mostra que os cursos oferecidos pelos museus eram aceitos nessa perspectiva, e traziam o objetivo de possibilitar a essas professoras a ação de prestar serviços à educação popular.

A Diretoria também deixa as professoras à disposição dos museus, para que esses possam ser encarregados de ajudar na realização de serviços educativos para o público. Ela entende que essa relação seria um ganho, pois daria maior eficiência pedagógica ao conhecimento científico e museógrafo que os especialistas não tinham aptidão para ensinar ao público não especialista como eles.

Bertha Lutz teve a oportunidade de conhecer a ação da Diretoria de Instrução Pública do Estado de Nova Iorque que investia nas professoras que buscassem ampliar seus conhecimentos, participando de cursos de extensão. Os cursos que os museus ministravam eram aceitos nessa modalidade e também como equivalente a um semestre de curso de especialização.

Entendemos que a intelectual entendia que era necessário, um profissional que tivesse experiência pedagógica, para lidar com o público leigo. As professoras seriam então essenciais, cabendo aos museus prepara-las para essa ação de serem mediadores entre o conhecimento científico e o público.

Bertha Lutz viu e entendeu, que as vantagens seriam muitas, pois permitiria mais eficiência pedagógica no programa dos museus, permitindo que esses pudessem servir de maneira mais adequada a educação popular, sem sacrificar os seus quadros técnicos e científicos, podendo assim cumprir o objetivo duplo do museu moderno, de divulgar a

ciência para os leigos e estimular a pesquisa.

Os museus então, além de permitir que as pessoas tivessem acesso as exposições e a um conhecimento importante e científico, deveria ensinar as professoras esses conhecimentos para que essas se tornassem capazes de ministra-los para as pessoas leigas que visitassem a instituição.

Bertha Lutz relata dos museus que visitou nos Estados Unidos, que tinha como modelo quanto a essa questão, o Museu da Filadélfia. Lá a Diretoria de Instrução Pública municipal colocou à disposição do Museu, professoras para aprender conhecimento técnico, científico e métodos para ensinar esses conhecimentos de maneira satisfatória aos leigos. Esse modelo estava dando certo em todos os Estados Unidos, conforme apontou:

O pessoal técnico ministra-lhes o ensino necessário e uma vez treinadas confia-lhes a missão de docentes ou instrutoras, sob a orientação técnica dos cientistas e especialistas em arte. O sistema tem-se generalizado através dos Estados Unidos, com ótimos resultados (LUTZ, 2008, p.74).

A atuação das docentes ou instrutoras dentro do Museu de Filadélfia, sobre a orientação técnica dos especialistas, nesse Museu especificamente estava dando certo por conseguir fazer a educação ser mais popular, após receberem o treinamento. Entendemos, que para Bertha Lutz, a relação que os museus deveriam ter com as escolas, seria de treinar esses professores para poder contribuir com o ensino. Essa possibilidade conseguiria fazer com que mais pessoas pudessem ser alcançadas e assim contribuir com o objetivo de modernizar e conduzir o país ao progresso.

Dessa forma ao explicitar essa questão da formação de professoras e instrutoras, entende o quanto é importante o papel das mulheres educadoras, que na opinião individual dela, deveriam ser cedidas pela instrução pública para a ação educativa nos museus. Bertha Lutz observa que as professoras se destacam para esse papel de guia na relação com o público.

Embora possa parecer suspeito o que vou dizer, verifiquei que, em regra geral, as mulheres revelam aptidões superiores para esse gênero de trabalho. Minhas observações, embora despreziosas, coincidem perfeitamente com a opinião do dr. Paul Marshall Rea, que o trabalho pedagógico com o público e a mocidade de ser feito por professoras cedidas pela Diretoria de Instrução Pública. O serviço de docentes é importantíssimo, porque nada justifica que, em instituições de arte ou de ciência, as únicas pessoas que se acham à disposição do público, para fornecer-lhes explicações, sejam os guardas do estabelecimento ou os cicerones profissionais, que não podem evidentemente ser especialistas

na matéria e que, geralmente, dão explicações duvidosas (LUTZ, 2008, p.80).

Aqui percebemos a importância dada por Bertha Lutz em suas observações nos museus americanos, sobre a relação entre museus instituições educacionais diversas, no que se refere a formação de professoras. A intelectual não deixa opinar em seu relatório, acreditando que tais práticas deveriam ser estimuladas no Brasil.

A mesma assinalou ainda, que em relação ao magistério, o museu que almejava ser moderno, deveria aproveitar a formação pedagógica das professoras, para que elas pudessem colaborar com a função educativa dos museus. De acordo com Lutz (2008):

[...] obrigar o cientista a ministrar ele mesmo as aulas, é desviá-lo das suas atividades legítimas e incorrer ao mesmo tempo nos perigos de tornar as palestras por demais técnicas sem serem acessíveis e aproveitáveis para o leigo, que não voltará ao museu, se este não conseguir distraí-lo e interessa-lo. De acordo com a sua índole essencialmente prática, lembra; então os museólogos americanos o aproveitamento de pessoas com aptidões pedagógicas especiais e o seu treino para a especialização em assuntos relacionados ao museu (LUTZ, 2008, p.74).

O interesse do museu moderno de ter dupla função fica claro aqui. Ele deveria atuar para formar o técnico em ciências e também em formar o público leigo. O cientista devido a sua formação e linguagem na visão dela, não teria habilidade para tornar essa mediação do saber com o público leigo mais facilitada. Já que entendeu em sua observação que os museus americanos objetivavam educar a todos como relatou:

Os museus americanos procuram interessar todas as categorias e camadas de seres humanos, desde a criança até o velho, desde o aprendiz até o pesquisador. Seus serviços educativos são oferecidos ao público em geral ou a grupos determinados de pessoas, como sejam clubes femininos, classes de aprendizes etc (LUTZ, 2008, p.67).

Assim, o museu, poderia ser aquele que estaria à disposição de todos. Da criança ao velho; do aprendiz ao pesquisador, enfatizando mais uma vez, o papel de divulgação e pesquisa que o “museu moderno”, deve tomar.

Na atualidade a Seção de Auxílio ao Ensino (SAE), antiga 5ª Seção de Auxílio ao Ensino de História Natural, mantém um projeto chamado “Diálogo entre Educadores” onde mensalmente o Museu Nacional convida professores de escolas e de universidades para manter diálogo, no que se refere em como tornar o conhecimento do Museu acesso ao público, nos ajudando atender que mesmo em épocas e contextos históricos diferenciados, essa relação entre museu e professores é uma prática que ocorre até hoje.



Imagem 10: Projeto “Diálogo entre Educadores” onde Professores e especialistas do Museu se encontram. Fonte: MN: <https://saemuseunacional.files.wordpress.com/2015/04/dialogos.jpg>

3.5.2 Os “serviços educativos” e ações pedagógicas nos museus norte-americanos para as crianças

Bertha Lutz também observou em seu relatório “serviços educativos” e ações pedagógicas para crianças nos museus americanos. Ela entendeu através do que analisou, que cabia aos museus que almejavam ser modernos se preocupar em chamar a atenção das crianças desde a sua primeira idade:

O museu compreendeu que o período mais maleável da vida humana é o da infância e tudo faz para atrair a criança. É verdadeiramente encantador assistir à invasão de um museu por um bando de crianças do jardim de infância que se espalham alegremente pelas salas, enchem o ambiente com seus gritinhos agudos de admiração e os ouvidos das instrutoras com as suas perguntas muitas vezes desconcertantes, mas sempre lógicas e pertinazes (LUTZ, 2008, p.68).

Bertha Lutz definiu como encantador poder observar a “invasão” de um museu por crianças, estas sempre atentas aos ensinamentos das instrutoras, nos mostrando que o papel da mulher como facilitadora para a aprendizagem infantil, para ela era um diferencial. Isso ficou claro, quando observou por exemplo, o Museu de Crianças de Brooklyn:

O dia que passei no Museu de Crianças de Brooklyn, deixou-me encantada com o humor alegre de petizada, aprendendo biologia e

história por meio de jogos infantis. A direção deste Museu é confiada a uma senhora, srta. Annie B. Gallup e lhe deu uma feição extraordinariamente interessante, dele fazendo um verdadeiro centro de recreação educativa para as crianças de Brooklyn (LUTZ, 2008, p.76).

Aqui a intelectual pontua como a srta. Annie B. Gallup teve diferencial ao tornar o Museu um centro de recreação educacional para as crianças. Lá se ensinava biologia e história por meio de jogos infantis, nos mostrando o quanto a educação estimulando os sentidos estavam em várias metodologias dos museus norte-americanos como Bertha Lutz destacou em sua observação.



Imagem 11: Fonte: SEMEAR/ MN: Relatório de 1933: Crianças aprendendo em Museu.

Segundo Lutz (2008), em suas observações entendeu que os museus modernos, entendem que a ação com as crianças deveriam ser através da criação de muitos métodos, para despertar nelas o interesse para aprendizagem:

Os museus modernos elaboram mil e um métodos diversos de atrair a população infantil. As horas e tardes para a crianças alcançam sempre grande êxito. Alguns apresentam programas especiais apenas para os filhos dos sócios, enquanto outros alargam o seu raio de ação, organizando programas recreativos aos sábados, para qualquer criança comparecer. Uns e outros incluem, geralmente, pequenas palestras, projeções, fitas de cinema e jogos ou, então, as confecções de modelos, desenhos e quadros, podendo até consistir de representações dramáticas ou festas com programas musicais (LUTZ, 2008, p.88).

Bertha Lutz pode refletir, sobre diversos museus que tinham salas especiais para crianças e contavam com as docentes para as orientarem. De acordo com Lutz (2008), isso era feito através de projeções, cinema, participação em jogos onde as crianças, eram

sujeitos, modelos animados, todos com o objetivo de educá-las de forma criativa, autônoma e recreativa.



Imagem 12:Fonte: SEMEAR/MN Crianças circulando dentro de algum Museu.

Bertha Lutz analisa o papel do “Junior Museum”, uma sala especial de museus infantis, onde eram colocados mostruários permanentes, exposições de seres vivos, junto com métodos que pudessem servir para transformar esse lugar em um local interessante para aprendizagem de crianças. Para alcançar o seu objetivo de educação popular de atingir “todas” as crianças o “Junior Museum”, fornece o material para crianças pobres.

Em geral o museu fornece todo o material utilizado, a fim de que as crianças pobres possam ser sócias em condições iguais as das crianças de meios mais abastados. As salas para crianças sucedem os prédios inteiros destinados a elas, formando-se então, os museus para crianças (LUTZ, 2008, p.94).

Outro Museu citado pela intelectual foi o “Children’s Museum of Boston”, entendido por Bertha Lutz como uma organização poderosa. De acordo com ela além de conter uma diretora eficiente, com pessoal técnico feminino que treinava muitos auxiliares.

O Children’s Museum of Boston é uma organização poderosa, com trustes, diretora muito eficiente, pessoal técnico feminino treinado e muitos auxiliares. Foi criação conjunta do Teacher’s School of Science e da Sociedade de Boston, em colaboração com as associações femininas de cultura e as autoridades dos Parques e Jardins (LUTZ, 2008, p.95).

O referido museu, foi criado pelo “Teacher’s School of Science” e pela Sociedade de Boston, com colaboração de associações femininas, reforçando o papel da mulher, no

processo de ensino e aprendizagem com crianças pelos museus.

Segundo Lutz (2008), o que chamou mais atenção dela foi o fato que entre 1928 e 1929, 128.752 crianças compareceram ao museu, chegando esses números a 151 mil em 1930. “Acha-se aberto diariamente de 9h às 17h e aos domingos à tarde. A concorrência é extraordinária, atingindo 128.752 crianças em 1928-9, com um máximo de 1.473 em fevereiro, e 151 mil em 1930.” (LUTZ,2008, p.95).

Dirigido pela Srta, Annie B. Gallup, O Museu Infantil do Brooklyn, pioneiro no gênero, entendia que a educação para as crianças deveria ser um prazer. Nele Bertha Lutz, observou um diferencial em relação aos outros museus infantis. O Museu convidava escolas particulares e públicas, para que as crianças pudessem visitar a instituição. Em relação a essa experiência Bertha Lutz comentou “Quanto às crianças torna-lhes o dia de visita ao Museu tão memorável, que um pequeno chegou a agradecer, na hora da despedida, com as seguintes palavras: “o céu deve ser como este Museu” (LUTZ, 2008, p. 96-97).

Nesse Museu segundo Lutz (2008), as crianças chegavam pela manhã, e podiam percorrer o museu livremente, depois descansavam assistindo a um filme ou séries de dispositivos. Após isso, jogavam com o material que estava sendo exposto no Museu. Em cada sala havia uma instrutora; almoçavam, iam a biblioteca com o desafio de voltarem. Diz ela: “Feliz cidade que possui um museu infantil como de Brooklyn e feliz a menina que o frequenta. Abençoada a casa destinada a tão nobre fim (LUTZ, 2008, p.97).



Imagem 13: Fonte: SEMEAR/MN, Crianças em Museu. Fonte: Relatório de 1932.

Bertha Lutz ao pensar o museu moderno através das visitas aos museus norte-americanos, percebeu que naqueles museus as crianças eram indivíduos privilegiados nessa nova postura do museu de educar a todos. Diz ela:

A criança é hospede privilegiado no museu. Para ela, se organiza a educação de feição recreativa em salas, departamentos e museus infantis. Os estabelecimentos dessa natureza trabalham por intermédio de sessões recreativas, palestras com diapositivos, fitas cinematográficas, horas e tardes para crianças, apresentação de modelos animados, criação de plantas e animais vivos, jogos, diversão, passeios e excursões. Os museus infantis são muito apreciados pela população infantil (LUTZ, 2008.p.101).

Portanto, criar várias possibilidades para inserir a criança nos museus e tornarem essa prática algo agradável a elas, foi algo feitos pelos museus visitados por Bertha Lutz, como apontou em seu Relatório. Isso nos faz refletir o quanto o museu moderno, através de diversos métodos de atrair o interesse do público, agora visava se comprometer em ampliar seus horizontes para todos os tipos de pessoas.

3.6 O “Museu Moderno” em ação

Bertha Lutz traz a discussão, sobre pensar os museus modernos como objetos de ação. Entende que essa postura através de atividades educativas, deveria ser divididas em

dois tipos de atividades, “atividades centrais” e “atividades extensivas”.

As atividades centrais deveriam compreender:

As atividades centrais compreendem os serviços de docentes, ou instrutores, as palestras nas salas e galerias de exposição, as aulas, palestras e conferências nos anfiteatros ou salas de conferência, as classes de desenho, sessões recreativas, concertos, demonstrações com modelos animados, trilhas internas, trilhas de natureza etc. Alguns museus instalam salas especiais para crianças, ou seções para crianças, cujo desenvolvimento lógico é a formação de museus infantis. Observei todas essas atividades diretamente (LUTZ, 2008, p.79).

Essas atividades estão fundamentadas nas diversas possibilidades, que tinham como objetivo, transformar os museus, num lugar que pudesse educar de maneira ampla a maioria das pessoas.

De acordo com Lutz (2008), diversas questões deveriam ser observadas, como a escolha das docentes, que deveriam ser agradáveis, simpáticos e possuir aptidão pedagógica. Deveriam ter a capacidade de buscarem sempre se aperfeiçoar, pois só assim contribuiriam com os museus. Em relação a essa questão, citou a experiência que teve em Boston “Também em Boston, passeando só, pelo Museu de Belas Artes, fui acompanhando as explicações do docente que nem desconfiara do meu interesse especial.” (LUTZ, 2008, p.79).

Outras possibilidades, sobre como transformar os museus em lugares de ação foram elencadas por Bertha Lutz. Dessas destacamos as trilhas internas dos museus. Passeios dentro da instituição a pé, que pudessem facilitar os visitantes, conhecer determinadas coleções e assim fortalecer a aprendizagem sobre certos espécimes específicos da fauna local.

Nessas trilhas, conforme Lutz (2008), o objetivo era despertar nos indivíduos, em sua maioria crianças o amor pela natureza. Aponta ela:

Nos museus, os instrutores ou docentes empregam o sistema de organizar as visitas de modo a chamar a atenção para certos espécimes, apontando-os ao público, sob a orientação de uma idéia de conjunto, que poderá ser, por exemplo, as aves da região, a flora de uma determinada época do ano etc. São as chamadas trilhas internas. A seguir, organizam ao ar livre trilhas da natureza, rotulando plantas, fazendo viveiros, chamando a atenção para fatos biológicos e despertando o amor à natureza e o zelo pela sua conservação (LUTZ, 2008, p.100-101).

Essa atividade conforme apontou em seu relatório, era mais específica para as crianças, mas não limitadas a elas. Bertha Lutz observou uma museologia ao ar livre nos museus americanos e trilhas naturais, que museus norte-americanos vinham fazendo.

Como articuladores desse pensamento, tinha como referência os professores Hermon C. Bumpus e dr. Frank Lutz do Museu Americano de História Natural, que já dedicavam a estudar essa medida.

O primeiro passo no desenvolvimento de um programa museológico de estudos ao ar livre é constituído pela organização de uma trilha da natureza, em geral num dos parques da cidade ou dos arredores, com o concurso das autoridades dos parques e jardins. As trilhas consistem em um caminho estreito, para uma só pessoa, com o comprimento de meia milha mais ou menos, cuja saída, escondida para assegurar o regresso pelo ponto de partida, se acha ao lado da entrada, colocada muito em evidência. Colocam-se rótulos graciosos de várias formas e modalidades no início da trilha, para convidar o visitante a percorrê-la e, em pontos determinados da mesma, outros rótulos chamando a atenção para as plantas e fenômenos geológicos, ou traços que denotam a presença de animais ou, então, invocando-se a poesia da natureza, procurando interessar os visitantes pela conservação da vida. Outros rótulos dão informações interessantes sobre a flora e a fauna local. Procura-se fazer o caminho variado, atravessando lugares de aspectos tão diversos quanto possível, organizando, de quando em vez, um pequeno viveiro ou biotério, por exemplo, um agrupamento de fetos de diferentes espécimes, um peço com a flora aquática local etc (LUTZ, 2008, p.83).

Percebemos que a educação no contato com a natureza era algo que também mereceu destaque de Bertha Lutz no Relatório. Com isso defendeu que seria importante e interessante criar um pequeno museu ao ar livre no Rio de Janeiro, em parceria com o Serviço Florestal dos Serviço de Parques Nacionais.

Segundo Benchimol (2003), a partir de 1940, após a morte de seu pai, Adolpho Lutz, o Dr. Oswino Penna, pesquisador do Instituto Oswaldo cruz, que tinha assumido naquela ocasião a Secretária Geral de Saúde e Assistência, disse a Bertha Lutz, sobre o de criar um museu de História Natural em homenagem ao seu pai. Esse Museu que não chegou a ser concretizado, mas se pautou na análise feita por Bertha Lutz em seu Relatório, no que tange aos museus que viu nos Estados Unidos defendido pela mesma quando almejou criar esse Museu em homenagem ao seu pai:

O Rio é dotado de uma formosura e riquezas naturais extraordinárias. Melhor do que qualquer outra cidade do mundo se presta à organização e manutenção de um museu da natureza. Este não seria apenas ornamental, mas útil, tanto do ponto de vista da proteção dessa natureza, necessária ao regime das chuvas, clima etc.; do ponto de vista sanitário, pelo estudo da biologia das numerosas espécies hematófagas e parasitárias que transmitem doenças e que só podem ser exterminadas depois de bem conhecidos os seus modos de vida normal assim no aproveitamento da beleza natural para estímulo ao turismo. ... Dar ao museu o nome do saudoso cientista Adolpho Lutz seria justo, pois além de ter ele conquistado renome universal, é o único carioca dos grandes nomes da medicina e zoologia nacionais, e foi quem começou o estudo sistemático da natureza carioca do ponto de vista médico e zoológico,

e, portanto, de suas relações com a vida humana (LUTZ *apud* BENCHIMOL, 2003, p.213).

De acordo com Benchimol (2003), quando analisou a trajetória de Bertha Lutz, na guarda da memória do seu pai, dentro do Museu Nacional, entendeu que essa iniciativa se pautou em além de homenagear Adolpho Lutz, criar um museu que fosse voltado para o ensino e a pesquisa, de acordo com as tendências que estavam sendo disseminadas nos Estados Unidos.

Hoje a política de educação do Museu Nacional proposta pela Seção de Auxílio ao Ensino(SAE), antiga 5ª secção de Auxílio ao Ensino de História Natural, ressaltando tempos e espaços que são diferentes, se aproxima. O Projeto “manhãs no parque”. Se alinha com a proposta observada por Bertha Lutz nos museus americanos:

Este Projeto visa a complementação prática do ensino dado em sala de aula, com a realização de atividades educativas e culturais junto aos alunos de escolas públicas ou particulares, bem como atender a instituições ou Organizações Não Governamentais, oportunizando a reflexão e construção de novos conhecimentos para a sensibilização à reflexão de um futuro sustentável. Colabora-se dessa forma com professores e educandos para despertar consciências e responsabilidades. Através de uma temática sócio-ambiental, ações educativas junto a esse público tenciona-se fomentar diálogos, interações entre os grupos participantes, observando-se e experimentando novos registros de conhecimentos sobre questões ambientais. O evento visa propiciar o conhecimento dos estudantes e professores sobre algumas espécies de plantas que integram a flora da Quinta da Boa Vista, como as espécies nativas, o Pau-Brasil e o Juazeiro e algumas exóticas, como a Palmeira Imperial e o Algodoeiro da Praia. (Fonte: SEMEAR/MN).

Essas pertenças refletem que as observações feitas por Bertha Lutz nos museus americanos em 1932, influenciaram em alguns aspectos, na composição da função educativa no Museu Nacional, até a atualidade, ainda que seja necessário estudos aprofundados nessa temática.

O Museu em ação segundo Lutz (2008), quando fala de atividades extensivas, fala de estender os seus serviços educativos intramuros, desenvolvendo atividades de diversas naturezas. Por isso caberia aos museus se relacionarem com a imprensa diária, com rádio, empréstimo de material e afins, no objetivo de alcançar novos eixos de atuação e atrair novas pessoas e atrair seu público para além dos cientistas.

Em relação ao papel da imprensa, Bertha Lutz observou que ela poderia ajudar na propaganda institucional dos museus, através da publicação de material informativo por exemplo.

A imprensa diária é um dos veículos muito utilizados pelos museus. Além de propaganda institucional a que já aludimos aproveitam-se dos suplementos para a publicação do material informativo, sob a forma de narrativas, sueltos, gravuras etc. (LUTZ, 2008, p.97).

O Rádio também entra como um instrumento importante para estar relacionado aos museus modernos, no que tange a sua ação efetiva em prol de alcançar as pessoas e educa-las. Atenta Bertha Lutz:

Os programas educativos do rádio também são muito gerais e muito bem aceitos pelo público. O presidente do Museu de Búfalo, sr. Chauncey J. Hamlin, mostrou-me, no seu escritório, um mapa dos Estados Unidos no qual tinha colocado alfinetes vermelhos, indicando as localidades numerosas e muito distantes entre si, de onde lhe tinham chegado cartas aplaudindo as irradiações. Achando-se o diretor do Museu Nacional à frente da Rádio- Sociedade, poderia o nosso instituto ter dado amplo desenvolvimento a semelhante iniciativa. (LUTZ, 2008, p.97).

Dessa forma esse artifício poderia ter o papel de levar o conhecimento praticado nos museus para pessoas que moravam distante dos museus, além de divulgar o que estava sendo feito nas instituições. Aqui vemos que Bertha Lutz, propõe que Roquette-Pinto diretor do Museu Nacional e à frente da Radio-Sociedade, pudesse desenvolver essa iniciativa no Brasil, e assim poder contribuir para levar a educação desenvolvida nos museus para lugares mais distantes.

Bertha Lutz também observou em seu relatório, a questão do empréstimo de material, entendido nos museus americanos e enxergado por ela, como um fato de grande avanço para a perspectiva Moderna de Museu. Pode analisar a questão do cuidado do material, das espécimes que pertenciam aos museus e estavam à disposição de escolas.

Para entendermos essa defesa da política de empréstimos, é importante saber que anteriormente cedia-se material as escolas, mas muitas dessas não tinham especialistas para saber cuidar e lidar com o material. O Museu Moderno, conforme observado por Bertha Lutz nos museus norte-americanos, compreende que o empréstimo de material a escolas, famílias, clubes, agremiações e crianças, permite melhor possibilidade de ensinar e ter êxito nesse processo de educação:

O processo de empréstimo obedece às seguintes diretrizes gerais: no início da estação ou do ano letivo, quando se trata de trabalho feito em conjunto com as escolas, são preparados catálogos do material disponível, em geral de acordo com o programa de cada ano escolas, aula por aula. Estes catálogos são enviados às diretorias e professoras da matéria, com séries de fórmulas, pelas quais pedem o material. Semana por semana, o material é conduzido às escolas, em caminhões

no caso dos museus mais prósperos ou pertencentes às diretorias de Instrução Pública, vindo as professoras ou alunos busca-los nos museus menores. No mesmo dia da semana próxima, o material é retirado novamente, sendo substituído por outro, pedido na semana anterior (LUTZ, 2008, p.99).

Essa postura vista por Bertha Lutz em torno da questão do empréstimo, pode ser entendida como uma proposta concreta dos museus norte-americanos, no que se refere a produção de material didático, para ensino nas escolas. Sendo importante destacar, que essa política, surge como alternativa de democratização educacional, ao que ela condenava, está sendo feito pelos museus escolares desde o ano de 1921 aqui no Brasil. Para ela o fato de se dar material para as escolas no Brasil, era um atraso, já que essas instituições não tinham relação com técnicos especializados, que pudessem treinar os professores para ministrar corretamente o ensino, fazendo com que esse material ficasse abandonado e muitas das vezes esquecido.

Ao estudar a lógica do empréstimo de material ao invés de doação, Bertha Lutz entendeu, que além de produzir uma necessidade de cuidar do material que era emprestado pelos museus, poderia se criar uma interlocução maior com essas instituições, ao poder solicitar junto dos materiais, especialistas que pudessem instruir os professores e professoras, a lidarem com os mais variados materiais de história natural, que viessem a ocupar as escolas, facilitando a aprendizagem.

Atualmente a Seção de Auxílio ao Ensino no Museu Nacional, mantém uma política de Empréstimo de seu acervo, próxima a que Bertha Lutz analisou no seu Relatório de 1932, como é apontado no site do determinado departamento educativo:

A Seção de Assistência ao Ensino dispõe de uma coleção didática com mais de 1.500 lotes que representam os biomas brasileiros nos principais grandes grupos zoológicos. É composta por poríferos, cnidários, platelmintos, anelídeos; moluscos, equinodermos, peixes; répteis, anfíbios; aves; mamíferos; partes anatômicas e fetos humanos. O material encontra-se em meio líquido, taxidermizado ou montado em caixas de madeira. Sendo uma coleção de empréstimo, permite que professores e educadores façam uso dessa importante ferramenta de apoio pedagógico. (Fonte: SEMEAR/MN).

Tudo isso só seria possível, se houvesse dentro do Museu, medidas que pudessem transformá-lo num ambiente que fosse interessante para os visitantes e para isso era possível haver preocupação com diversas questões, das quais Bertha Lutz ao investigar os Museus norte-americanos, se preocupou em observar. Outra questão analisada por ela, se refere a localização e arquitetura dos museus.

3.7 Reflexões de Bertha Lutz sobre suas visitas aos museus norte-americanos

Bertha Lutz observou em seu trabalho que o conceito de “Museu”, estava em transformação. Conforme a mesma. “O conceito do museu está em plano período de evolução, evolução esta revelada na ausência de standardização e na diversidade dos museus entre si e na finalidade a que se destinam, bem como métodos de exposição, atividades educativas etc.” (LUTZ, 2008, p.103).

Além de compreender que os fatores que contribuíram para essa evolução, sejam econômicos, ao observar que os museus deveriam buscar meios de subsistência para eles se manterem. Há também os fatores sociológicos, que são fundamentais, pois ao pensar neles, levam-se em conta os fatores científicos, métodos e técnicas a serem usadas nas instituições, mediante a análise do público que circula dentro dos museus.

Percebeu que o museu de história natural, seria aquele que organizaria as trilhas ao ar livre, visando levar ao público o despertar do interesse para o estudo de biologia; por que entendia que os diversos programas educativos como esses, dentro dos museus interessavam também ao público em geral:

Organiza trilhas de estudo dentro do museu, depois vai e transporta-os para o ar livre e, finalmente, cria deliberadamente museus ao ar livre, procurando interessar o público no estudo da natureza, na conservação dos monumentos naturais e do patrimônio biológica, na proteção à fauna e flora nos ensinamentos de biologia (LUTZ, 2008, p.103).

Através das suas observações, entendeu que a metodologia educativa dos museus, consistia na educação visual, mas não somente ela, pois está deveria estar articulada a palavra falada, escrita e ao tato e muitas dessas medidas seria adaptáveis no Brasil.

Várias iniciativas são adaptáveis ao Brasil. Lembraria a reorganização e ampliação dos serviços de diapositivos em caráter de empréstimo, a criação de ramais, de coleções mostruários e estrelas, de um ou mais ramais, de trilhas e de um museu ao ar livre, de uma sala com programas para crianças e de um serviço de educação popular pelo rádio (LUTZ, 2008, p.104).

Bertha Lutz propõe muitas iniciativas que na concepção dela poderiam ser aplicadas no Brasil, diante das diversas coisas nos museus norte-americanos que visitou, que poderiam contribuir com a educação pelos museus no Brasil. Podemos perceber que além de relatar o que viu propôs diversas medidas, balizadas pelo objetivo de garantir que a perspectiva moderna de museus, que é educadora, pudesse contribuir para o seu país.

Eis terminada a narrativa do que vi durante a jornada de sessenta dias memoráveis, dedicados a peregrinações através de instituições de cultura, que, fiéis a evolução dos tempos desceram cristãmente do seu aristocrático isolamento para colocarem as maravilhas da arte e da ciência ao alcance da plebe. É uma bandeira em prol da cultura e um conto de fadas encantador, é a dinamização infinitamente comovedora do que as modificações materiais pela cassação do direito de primogenitura, tributação das heranças e nacionalização das empresas. É muito comovedora, e muito mais esperançosa direi também, porque a socialização da cultura procede do idealismo generoso que se expende, e não do conflito rude de interesses que se chocam. Quanto ao seu alcance, vejo-o também infinitamente maior porque uma cruzada educadora é uma cruzada de redenção. Despertando, como o Palácio da Bela Adormecida, transforma-se o museu moderno em fonte propulsora de sabedoria, de beleza e de civilização. Infinitamente grata fico, pois, àqueles que me proporcionaram o ensejo de seguir passo a passo esta evolução; mais grata ainda ficarei com também aqueles que introduziram e levaram à frutificação plena o mesmo processo evolutivo no Brasil (LUTZ, 2008, p.104, grifos nossos).

Bertha Lutz destaca o quanto foi “memorável”, para ela poder durante os dois meses que ficou nos Estados Unidos conhecendo departamentos educativos de museus, perceber o quanto aquelas instituições saíam do seu lugar “aristocrático”, antes para poucos, para colocar os conhecimentos do campo da arte e da ciência ao alcance da “plebe”.

Essa é a postura que tomavam os museus norte-americanos, chamado “modernos”. Bertha Lutz entendeu essa postura, como uma bandeira em prol da cultura e “um conto de fadas encantador”, talvez pelo fato de naquele período a sua realidade não refletir a mesma encontrada por ela nesse período em que realizou esse relatório.

Essa perspectiva “moderna” dos museus também foi entendida por ela como “comovedora” e “esperançosa”, pois permitiam algo muito importante, para além de um idealismo que chamou de generoso e de conflitos de interesses que era a socialização da cultura. Isso era fundamental para ela, pois entendia essa socialização como uma cruzada educadora, que também era uma cruzada de redenção. Num país de maioria analfabetos tomado pela égide da miscigenação como já citamos, a educação poderia ser o caminho que permitiria o acesso de todas as pessoas aos saberes.

O Museu moderno seria aquele que contribuiria para a civilização da sociedade, e Bertha Lutz se sente grata por fazer parte daqueles que entendem, que o caminho para promover mudanças é pela educação, mas isso só seria possível como pontua, se houvesse interesse no Brasil, de se apropriar dessas novas metodologias e configurações que se refere aos museus e colocarem as em prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa dissertação procuramos apontar as concepções educativas de museu moderno de Bertha Lutz enquanto funcionária do Museu Nacional, no período de 1922 a 1932, levando em conta a sua atuação intelectual, científica e feminina.

No primeiro capítulo desse trabalho estudamos o lócus de atuação de Bertha Lutz que foi o Museu Nacional. Tivemos como objetivo traçar uma trajetória da instituição em torno da concepção educativa e das iniciativas traçadas por seus diretores no período Colonial, Imperial e Republicano, dando foco aos contemporâneos da intelectual, como o objetivo de compreender os processos que a motivaram a construir um projeto educativo.

No segundo capítulo, tivemos como objetivo elucidar a trajetória científica e intelectual de Bertha Lutz dentro do Museu Nacional, sua relação com outros intelectuais e instituições internacionais e nacionais, como a Associação Brasileira de Educação (ABE), para pensar a educação e as concepções de museu educativo.

No terceiro capítulo, trouxemos a análise do Relatório de 1932, “O Papel Educativo dos Museus Americanos”, para pensar sobre o que Bertha Lutz analisou nos departamentos educativos dos museus americanos e como através daí propôs métodos para pensar a educação pelos museus no Brasil.

Percebemos ser importante sinalizar e situar o Museu Nacional do Rio de Janeiro, instituição da qual Bertha Lutz era vinculada a essa discussão. Dentro do Museu, teremos portanto alguns intelectuais, que elegeram a educação como mote necessário para o progresso, entre os quais Roquette-Pinto e Bruno Lobo.

Ao trazer esses intelectuais, almejamos construir uma retórica em torno das sociabilidades construídas por intelectuais do Museu, entre eles Bertha Lutz, em torno da educação como projeto construtor de uma estratégia de sociedade, essa pautada pelo discurso redentor e salvacionista.

Inicialmente procuramos analisar a trajetória da intelectual na sociedade brasileira, problematizando a sua formação na Europa em Ciências Naturais, a sua vinculação com seu pai, Adolpho Lutz, cientista renomado e também a repercussão do concurso que a tornaria na segunda mulher a ser aprovada num concurso público na história do Brasil.

Almejamos tecer as redes de sociabilidade de Bertha Lutz com educadores, no objetivo de pautar a mesma nesse campo que naquele momento da década de 1920 e 1930

estava se construindo. Dessa maneira que esteve próxima dos intelectuais que entendiam que a educação era o que iria emancipar a sociedade e conduzi-la ao progresso e tentamos mostrar isso em nosso trabalho.

Bertha Lutz se articulou a esses que entendiam que o caminho a ser traçado era esse e pudemos mostrar isso através de seus relatórios de 1922, 1925 e 1932 em prol da educação pelo viés dos museus.

A intelectual travou contato com essas instituições, visando estudar e se apropriar da função educativa traçadas por esses museus e vistas como essenciais para as nações que almejavam o progresso. O internacionalismo visto em Bertha Lutz que sempre representou o Museu nos Estados Unidos nesse período, nos mostra que criou redes de sociabilidade com intelectuais internacionais como Laurence V. Coleman, John Cotton Dana e Beatriz Winsler.

Essa aproximação só fortaleceu uma prática que o Museu desde de 1870, com o que o diretor Ladislau Netto vinha fazendo, ao investir em aproximar seus cientistas de seus pares internacionais. Bertha Lutz então, apesar de ocupar o cargo de secretário, já mostrou desde a sua entrada no Museu uma ascensão como cientista. Isso ocorreu, tanto com as viagens de 1922 e 1925, quando as condecorações, de 1923 que a transformou em correspondente do Museu Americano de Nova York, e em 1931 quando ganhou o prêmio da Carnegie Endowment para estudar os 58 museus americanos que lhe rendeu a escrita do Relatório de 1932, sobre “O Papel Educativo dos Museus Americanos.”. Lembrando de que em 1924, passou a atuar na secção de Botânica do Museu Nacional.

O relatório de 1933, pode ser entendido como um documento que consolida essas aproximações feitas da intelectual com os museus norte-americanos, visando conhecer e estudar a função educativa dessas instituições. O texto que sintetiza o que aprendeu nessas viagens.

Apesar de só ter virado livro em 2008, esse documento contém as iniciativas que entendia que o museu moderno deveria ser, portanto, educativo. Com o objetivo de educar a todos, tanto letrados quando iletrados, entendemos que para Bertha Lutz, o papel do museu era democratizar o conhecimento para poder dessa forma instruir o povo e modernizar a nação.

Embora não cite textualmente, não sabemos porque, o Relatório também, aponta ações que vinham sendo realizadas dentro do Museu Nacional pela 5ª Secção de Auxílio ao ensino em história natural, criada por Roquette-Pinto e que poderiam ser aprimoradas diante de tudo que observou nos museus americanos; destaco a relação que o Museu tinha

com as escolas, ao fornecer material educativo e a utilização do rádio, da imprensa e do cinema.

Percebemos também nesse relatório o destaque dado por Bertha Lutz ao lugar da mulher nos museus e também da criança, transparecendo sua militância política. Dessa forma defendemos que Bertha Lutz em suas viagens e em seu Relatório de 1932 analisou a educação visual, que permitia um ensino objetivo para a maioria da população até então analfabeta como projeto individuais em torno de pensar um projeto educacional modernizador que conduziria o Brasil ao progresso.

Entendemos que a sua inserção em instituições como a Associação Brasileira de Educação, União Universitária Feminina, e Federação Brasileira pelo Progresso Feminino a qualificam como militante feminista, mas também como uma intelectual que pensava a educação como um caminho para redimir os problemas nacionais do Brasil.

A ação de Bertha Lutz se deu em diversas facetas, por isso tentamos sinalizar o nosso objetivo de pontuar a dimensão educativa da intelectual pelo viés dos museus. Apesar das dificuldades encontradas em nosso trabalho, acreditamos que foi possível possibilitar avanços junto a outros trabalhos com os quais buscamos dialogar.

(Re)visitar o trabalho de Bertha Lutz ao nosso ver é fundamental para entender como a sua luta pela emancipação feminina não esteve somente pautada no direito ao voto como a maioria dos trabalhos focam, ainda que tenha sido importante. Mas sua luta também teve pautada em torno de um projeto educativo, que fosse emancipador, mesmo que, naquele momento, influenciada pelo viés dos museus americanos, era preciso possibilitar a “todos” o acesso ao conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Cícero Antônio Fonseca. "À função educativa de museus de Bertha Lutz: uma peça (quase) esquecida do quebra-cabeça da museologia no Brasil." *Acervo*, Rio de Janeiro, v.26, n°2, p.123-132. Jul./dez. 2013.

ALVES, Branca Moreira. "Em busca da nossa história: o movimento pelo voto feminino no Brasil – 1919/1932, fatos e ideologia", Dissertação (Mestrado) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro". 1977.

BARRETO, Lima. "Toda crônica." In: (Org.) REZENDE Beatriz. VALENÇA, Rachel Valença. Vol. I (1890-1919). Rio de Janeiro: Agir, 2004.

_____. "Toda crônica." In: (Org.) REZENDE Beatriz. VALENÇA, Rachel Valença. Vol. II (1919-1922). Rio de Janeiro: Agir, 2004.

BENCHIMOL, Jaime et.al. "Dos micróbios aos mosquitos: febre amarela e a revolução pasteuriana no Brasil." Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz/Editora UFRJ, 1999.

_____. "Bertha Lutz e a construção da memória de Adolpho Lutz." *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p.203- 250. Jan.-abr. 2003.

BONATO, Nailda Marinho da Costa. "O Fundo Federação Brasileira pelo Progresso Feminino: Uma fonte múltipla para a história da Educação das mulheres" *Acervo*, Rio de Janeiro, v.18 n.1-2, p.131-146, jan. /Dez 2005- pág. 131.

_____. "O uso das fontes documentais na pesquisa em História da Educação e as novas tecnologias". *Acervo*, Rio de Janeiro v.17, n° 2 p.85-110, jul/dez 2004.

_____. "A Escola Profissional para o sexo feminino através da imagem fotográfica." UNICAMP. Campinas-SP, 2003.

_____. "A presença feminina no Colégio Pedro II", Anais do II CBHE – Congresso Brasileiro de História da Educação, realizado de 03 a 06 de nov. 2002; história e memória da educação brasileira. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN, 2002. 1 CD-Rom. 10p.

_____. “As concepções da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino sobre educação da mulher (1922-1979).”, SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23. 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005. CD-ROM.

_____. “Concepções de Educação Doméstica: As Teses da I Conferência pelo Progresso Feminino- 1922” In: Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” -HISTERBR. Campinas, SP, Graf, 2006.

_____. “A infância (des) protegida na voz de um higienista: o papel das visitadoras sociais (1922 -1931).” In: CAMARA, Sônia. “Pesquisa (s) em história da educação e da infância: Conexões entre ciência e história” Rio de Janeiro, Quartet-FAPERJ, 2014.

CAMARA, Sônia. “Reinventando a Escola: O ensino profissional feminino na Reforma Fernando de Azevedo de 1927 a 1930” Rio de Janeiro: QUARTET/FAPERJ, 2013.

CERTEAU, Michel de. “A Escrita da história” Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

_____, Michel de. “A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer.” Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CHAGAS, Mario. “1ª PARTE – VULCÃO”. In: “Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade”. Cadernos de Sociomuseologia, América do Norte, 13, jun. 1999.

DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol, SÁ, Magali Romero, GLICK Thomas “A Recepção do Darwinismo no Brasil.” Rio de Janeiro. FIOCRUZ, 2003.

FARIAS, Airton de. “História do Ceará – Dos Índios à Geração Cambeba” Fortaleza: Tropical Editora, 1998.

FREITAS, Marcos Cesar de. “Alunos rústicos, arcaicos e primitivos: o pensamento social no campo educacional.” São Paulo: Cortez, 2005.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. “Herança educativa e museus: Reflexões em torno das práticas de investigação, preservação e divulgação histórica” Rev. Bras. His. Educ, Campinas- SP, v11, n.1 (25), p. 67-92, jan/abr, 2011.

- GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. “O Evolucionismo na produção Científica do Museu Nacional do Rio de Janeiro (1876-1915)”. In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol, SÁ, Magali Romero, GLICK Thomas “A Recepção do Darwinismo no Brasil.” Rio de Janeiro. FIOCRUZ, 2003.
- GONÇALVES, Andréa Linsky- “História e Gênero”- Belo Horizonte: Autêntica, 2006
- GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. “A primeira viagem científica brasileira: a Comissão Científica do Império” v.20, n.1, jan.-mar. 2013, p.332-336 História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro.
- HAHNER, June E. “A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937.” São Paulo: Brasiliense. 1981.
- HORNE, Janet “Le musée Social. Aux Origines de L” État providence. Edições Belin, 2004.
- HERSCHMANN, M., KROPF, Simone, NUNES, Clarice. “Missionários do Progresso. Médicos, engenheiros e educadores no Rio de Janeiro – 1870/1937.” Rio de Janeiro: Diadorim, 1996,
- KEULLER, Adriana Tavares do Amaral Martins. “Os Estudos Físicos de Antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro Cientistas, objetos, ideias e instrumentos (1876-1939)”. USP- Tese de Doutorado- São Paulo- 2008.
- KOPTCKE, Luciana Sepúlveda. “A análise da parceria Museu-Escola como experiência social e espaço de afirmação do sujeito” In: GOUVÊA, Guaracira, MARANDINO Martha, LEAL MARIA CRISTINA. “Educação e Museu. A Construção Social do Caráter Educativo dos Museus de Ciência.” Rio de Janeiro: Access, 2003.
- LACERDA, João Baptista de. “Fastos do Museu Nacional do Rio de Janeiro “Recordações Históricas e Científicas Fundadas em Documentos Authenticos e Informações Veridicas”. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional, 1905.
- LIMA, Nisia Trindade “Um sertão chamado Brasil: Intelectuais e Representação Geográfica da Identidade Nacional.” Rio de Janeiro: Revan/IUPERJ- UCAM, 1999.
- LOBO, Yolanda. “Bertha Lutz” Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Massangana, 2010.

LOPES, Maria Margaret. "O Brasil descobre a Pesquisa Científica: Os Museus e as Ciências Naturais no Século XIX" São Paulo, HUCITEC, 1997.

_____” A favor da desescolarização dos museus “Revista Educação & Sociedade. Nº 40, dezembro, 1991.

_____, Maria Margaret. “Convite à leitura: “O conceito do museu está em plena evolução”. In: LUTZ, Bertha Maria Júlia. “A função educativa dos museus”. Rio de Janeiro: Museu Nacional; Niterói: Muiraquitã, 2008.

_____, Maria Margaret. "Museus e Educação na América Latina: O Modelo Parisiense e os Vínculos com as Universidades" IN: GOUVÊA, Guaracira, MARANDINO Martha, LEAL, Maria Cristina. "Educação e Museu: A Construção Social do Caráter Educativo dos Museus de Ciência." Rio de Janeiro. Access, 2003.

_____, M. M. e MURRIELLO, S. E.: "Ciências e educação em museus no final do século XIX." História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 12 (suplemento), p. 13-30, 2005.

_____, Maria Margaret. "Bertha Lutz e a importância das relações de gênero, da educação e do público nas instituições museais.", MUSAS- Revista Brasileira de Museus e Museologia, n2, Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, 2006.

_____, Maria Margaret. "Proeminência na mídia, reputação em ciências: a construção de uma feminista paradigmática e cientista normal no Museu Nacional do Rio de Janeiro." História, Ciências, Saúde- Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, supl. p.73- 95. Jun. 2008.

LUTZ, Bertha Maria Júlia. "Estudos sobre a biologia floral da Mangifera indica L. Archivos do Museu Nacional," Rio de Janeiro, v.26, p.125-158. 1926.

_____. "Índice dos Archivos do Museu Nacional. "Archivos do Museu Nacional, "Rio de Janeiro, v.22, p.277-290. 1919.

_____. "A função educativa dos museus" Rio de Janeiro: Museu Nacional; Niterói: Muiraquitã, 2008.

_____. "Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Professor Dr. Roquette-Pinto M.D. Diretor do Museu Nacional sobre o papel educativo dos museus americanos." Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1933.

MACEDO, Elza Dely Veloso. “Uma luta justa... E elegante: Os feminismos conflitantes de Bertha Lutz e Maria Lacerda de Moura na década de 1920.” Niterói, v.3, n.2, p.91-104, 1º sem. 2003.

MARTINS, Angela; COSTA, Nailda Marinho. “Movimento Feminista e Educação: Cartas de Maria Lacerda de Moura Para Bertha Lutz (1920-1922)” Revista Contemporânea de Educação, vol. 11, n.21, jan/jul de 2016.

MENESES, Ulpiano T Bezerra de. “A expedição museológica e o conhecimento histórico.” In: Figueira, Betânia Gonçalves; Vidal Diana Gonçalves. Museus: dos gabinetes de eurocidades a museologia moderna, Belo Horizonte, MF: Argumento; Brasília, DF, CNPQ, 2005.

MIRANDA, Guilherme Gantois de, SANTOS, Maria José Veloso da Costa, ESTEVÃO, Silvia Ninita de Moura, MARQUES, Vitor Manoel. “Apresentação”. In: LUTZ, Bertha Maria Júlia. “A função educativa dos museus”. Rio de Janeiro: Museu Nacional; Niterói: Muiraquitã, 2008.

MICELI, Sérgio. “Intelectuais à brasileira”. São Paulo. Companhia das Letras, 2001.

MOTTA, Marly Silva da. “A nação faz cem anos: A questão Nacional no centenário da Independência.” Rio de Janeiro, FGV: CPDOC, 1992.

MUSEU NACIONAL, “Os Diretores do Museu Nacional /UFRJ” Rio de Janeiro, 2007/2008.

NAGLE, Jorge. “Educação e Sociedade na Primeira República”. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NEVES, Margarida de Sousa. “Os Cenários da República: O Brasil na Virada do século XIX para o XX.” In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida (orgs). “O Tempo do Liberalismo Excludente: “Da proclamação da República à Revolução de 1930.” Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

NETTO, Ladislau. “Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro. “Acompanhada de uma Breve Notícia de Suas Collecções e Publicadas por Ordem do Ministério da Agricultura” Rio de Janeiro. Museu Nacional, 1870.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. “A questão Nacional na Primeira República.” São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

PÉCAULT, Daniel. “Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação.” São Paulo: Editora Ática, 1990.

PEREIRA, Marcele Regina Nogueira. “Educação Museal. Entre dimensões e funções educativas: a trajetória da 5º Seção de Assistência ao Ensino de História Natural do Museu Nacional.” Rio de Janeiro, UNIRIO-MAST. 2010.

POGGIANI, Ana Maria Lourenço. “Os museus escolares na primeira metade do século XX : sua importância na educação brasileira.” 2011. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Formação) - Universidade Católica de Santos, Santos, 2011.

RANGEL, Jorge Antônio. “Edgard Roquette-Pinto”. Fundação Joaquim Nabuco, Recife: Massangana, 2010. 144 p. Coleção Educadores.

_____. “O projeto de Radiofusão Educativa de Edgard Roquette-Pinto: Uma Pedagogia Liberal” In: A questão Social no novo milênio.” VIII Congresso Luso-Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra 16, 17 e 18 de setembro de 2004.

_____. “A invenção do Museu Social Republicano nas experiências de geração de Edgard Roquette-Pinto e Afonso E. Taunay (1905-1945)” in: CAMARA Sônia, “Pesquisa (s) em história da educação e da infância: Conexões entre ciência e história” Rio de Janeiro- Quatert: Faperj, 2014.

_____. “ A concepção de Museu Social Republicano em Edgard Roquette-Pinto: antropologia e educação no Museu Nacional do Rio de Janeiro” in: GASPARELLO, Arlette Medeiros, VILLELA, Heloísa de Oliveira Santos. Educação na história: intelectuais, Saberes e ações instituintes. Rio de Janeiro- Mauad X, 2016.

REGIS, Caren Victorino. “A presença Feminina na Casa do Estudante do Brasil (1931-1951): A atuação da União Universitária Feminina.” Dissertação/ PPGEduc. Rio de Janeiro 2012.

SILY, Paulo Rogério Marques. “Casa de Ciência, casa de educação: ações educativas do Museu Nacional (1818-1935)” Rio de Janeiro- UERJ, 2012.

SÁ, Dominichi Miranda de. “A Ciência como Profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935).” Rio de Janeiro. FIOCRUZ. 2006.

SANTOS, Paulo César dos. “O Ceará Investigado: a Comissão Científica de 1859” / Paulo César dos Santos. – Universidade Federal do Ceará 2011.

SANTOS, Ricardo Ventura. “Mestiçagem, degeneração e a viabilidade de uma Nação: debates em Antropologia Física no Brasil (1970-1930)”. In: Pena, D.J. Sérgio. "Homo Brasilis: aspectos genéticos, linguísticos, históricos e socioantropológicos da formação, Rio de Janeiro.2002.

SANTOS, Maria Cristina Ferreira dos. “Cândido de Mello Leitão Júnior e o ensino secundário: ideias e contribuições de um homem da ciência e da educação nos anos 1920-1930” in: CAMARA Sônia, "Pesquisa (s) em história da educação e da infância: Conexões entre ciência e história" Rio de Janeiro- Quatert: Faperj, 2014.

SAVIANI, Demerval. “Entrevista com Saviani” In: "Acervo, Rio de Janeiro, v.18 n.1-2, p.5-14 jan. /Dez 2005.

SCHUMACHER, Schuma, BRAZIL, Érico Vital. “Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade.” Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. “O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão Racial no Brasil 1870-1930”. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilian K. Moritz. “Homem de ciencia e a raça dos homens: cientistas, instituições e teorias raciais em finais do século XIX.” São Paulo, 1993. Tese (Doutoramento), Universidade de São Paulo, 1993.

SIRINELLI, Jean-François. "Os Intelectuais" In REMOND, René. "Por uma história política"- Rio de Janeiro- FGV, 2003.

SOIHET, Rachel "O feminismo tático de Bertha Lutz" - Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC,2006.

SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira. "Traços da participação feminina na institucionalização das práticas científicas no Brasil: Bertha Lutz e o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil, 1939-1951." –Dissertação UNICAMP Campinas, SP. 2007.

STEPAN, Nancy Leys. "A hora da Eugenia: Raça, gênero e nação na América." FIOCRUZ, RJ- 2005.

SOUSA, Lia Gomes Pinto de. "Educação e profissionalização de mulheres: trajetória científica e feminista de Bertha Lutz no Museu Nacional do Rio de Janeiro (1919-1937)" Rio de Janeiro- Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2009.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de SANTOS, Ricardo Ventura. "O Congresso Universal de Raças, Londres, 1911": contextos, temas e debates. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 7, n. 3, p. 745-760, set. dez. 2012.

_____, Vanderlei Sebastião. "Retratos da nação: os tipos antropológicos do Brasil nos estudos de Roquete-Pinto, 1910- 1920" Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi, Ciências Humanas, 2012, Belém: MPEG, 2012. V.7 n.3. v.il.

VALENTE, Maria Esther. "A conquista do Caráter Público do Museu" In: GOUVÊA, Guaracira, MARANDINO Martha, LEAL, Maria Cristina. "Educação e Museu: A Construção Social do Caráter Educativo dos Museus de Ciência." Rio de Janeiro. Access, 2003.

VELHO, Gilberto. "Individualismo e Cultura. Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea". Jorge Zahar Editor- Rio de Janeiro. 1987.

_____. "Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração." Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 1989.

VELLOSO, Mônica Pimenta. "O moderno em revistas: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930" In: OLIVEIRA, Claudia de, VELLOSO, Mônica Pimenta, LINS Vera. Rio de Janeiro- Garamond, 2010.

VENÂNCIO JUNIOR, André Luiz "Relatório de Atividades de Pesquisa" in: 20 Semana de Iniciação Científica- SEMIC/UERJ” 20/06 a 08/07. Rio de Janeiro. 2011.

ACERVOS E FONTES

Museu Nacional- Seção de Memória e Arquivo (SEMEAR)

Relatório apresentado ao Ministro da Agricultura Indústria e Comércio pelo Professor Bruno Lobo, Diretor do Museu Nacional, ano de 1919. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1920.

Relatório apresentado ao Ministro da Agricultura Indústria e Comércio pelo Professor Bruno Lobo, Diretor do Museu Nacional, ano de 1920. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1921.

Relatório apresentado ao Ministro da Agricultura Indústria e Comércio pelo Professor Bruno Lobo, Diretor do Museu Nacional, ano de 1921. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1922.

Relatório apresentado ao Ministro da Agricultura Indústria e Comércio pelo Professor Bruno Lobo, Diretor do Museu Nacional, ano de 1922. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1923.

Relatório da Diretoria do Museu Nacional ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, 1926. SEMEAR/Museu Nacional/UFRJ

Fundo Edgard Roquette Pinto:

Ass. 5- Livro de Assentamentos dos Funcionários efetivos do Museu Nacional, n. III.

Fundo Bertha Lutz (Museu Nacional- SEMEAR)

Program the Cleveland of Art em Br. MN. BL. Ø Mus 5/2.

Documentos sobre a School Museum Program em Br. MN. BL. Ø Mus 5/7.

Museums and industries 1919 em Br. MN. BL. Ø Mus 1/11.

Newark in New Jersey em Br. MN. BL. Ø Mus 1/2.

Reportagem sobre o Newark Museum 1926 em Br. MN. BL. Ø Mus 1/3.

Should Museums be useful? Em Br. MN. BL. Ø Mus 1/5.

The Junior Museum Br. MN. BL. Ø Mus 1/8.

Docentry em Br. MN. BL. Ø Mus 1/9.

Lending collection Newark Museum em Br. MN. BL. Ø Mus 1/14.

Arts and Crafts of poland em Br. MN. BL. Ø Mus 1/18.

American Primitives em Br. MN. BL. Ø Mus 1/20.

Relato sobre o Museu em Br. MN. BL. Ø Mus 1/21.

Papeis de eventos em museus em Br. MN. BL. Ø Mus 1/24.

Cartas da Associação Americana de Museus a Bertha Lutz em Br. MN. BL. Ø Mus 1/25. Children's Museum em Br. MN. BL. Ø Mus 2/1.

The Auxiliary of the Brooklyn Children's Museum em Br. MN. BL. Ø Mus 2/3.

The Brooklyn Children's Museum 1931-1932 em Br. MN. BL. Ø Mus 2/4.

Children's Museum News 1932 em Br. MN. BL. Ø Mus 2/5.

Livro sobre Escola Pública em Br. MN. BL. Ø Mus 3/1.

List off all st Louis Public Schools em Br. MN. BL. Ø Mus 3/2.

The American Museum in School Service em Br. MN. BL. Ø Mus 4/1.

Children's Science Fair 1931 em Br. MN. BL. Ø Mus 4/2.

Introduce of Specimens em Br. MN. BL. Ø Mus 4/3.

Living with animal friends 1932 em Br. MN. BL. Ø Mus 4/4.

The American Museum of Natural History 1932 em Br. MN. BL. Ø Mus 4/5.

Goldfish em Br. MN. BL. Ø Mus 4/6.

Order Form em Br. MN. BL. Ø Mus 4/8.

Membership in the American Museum in Br. MN. BL. Ø Mus 4/9.

Field Museum of Natural History em Br. MN. BL. Ø Mus 4/10.

Guide to the School Service Building Br. MN. BL. Ø Mus 4/13.

The American Museum of Natural History em Br. MN. BL. Ø Mus 4/15.

Rascunho de Carta para Professor Roquette-Pinto em Br. MN. BL. Ø 22/1.

Relatório "O papel educativo dos Museus Americanos" em Br. MN. BL. Ø Mus 22/2.

A função educativa de museus parte-2 em Br. MN. BL. Ø Mus 22/5. Manuscritos – O papel educativo dos museus americanos -relatório para Roquette-Pinto em Br. MN. BL. Ø Mus 26/1.

Carta à Bertha Lutz de Buffalo Museum of Science 1932. Br. MN. BL. Ø Mus 16/1. Children's Museum of Boston em Br. MN. BL. Ø Mus 9/1.

The American Association of Museums 1930 em Br. MN. BL. Ø Mus 11/1.

Radio Education Program 1932-1933 em Br. MN. BL. Ø Mus 10/11.

FUNDO FEDERAÇÃO PELO PROGRESSO FEMININO (ARQUIVO NACIONAL)

Índices dos Archivos do Museu Nacional em Ap 46, cx 88, pac 1.

Notas extraídas dos assentamentos funcionais de Bertha Lutz no Museu Nacional em Ap 46, cx 62, pac 1, vol 7.

Telegramas cumprimentando Bertha Lutz pela nomeação como secretária do Museu Nacional de Licínio Dias em Ap 46, cx 11, pac 3, vol 3.

Permissão para coletar espécies no Grand Canyon Ap 46. Cx 11.

Cartas e ofício designando Bertha Lutz para o Departamento de Botânica do Museu Nacional; agradecendo envio de publicações ; informando sobre bolsa de estudos nos Estados Unidos; informando não ter encontrado os espécies desejados para exposição; comentando sobre cargo no Museu do Índio Americano: tratando do envio de espécies animais e do interesse em participar de associação de museus; solicitando publicações sobre “Mangífera Indica”: comunicando pretensão em voltar ao Rio de Janeiro: tratando da questão de Bertha Lutz sobre espécimes da Amazônia em Ap 46, cx 29, pac 1/ Ap 46, cx 29, pac 3, vol 3.

Carta solicitando ajuda para encontrar duas espécies de macacos para série de exibição de primatas do American Museum of Natural History de F.A. Lucas em Cx 29. Pac 3. Vol3.

Memorando comunicando que Bertha Lutz foi colocada à disposição do gabinete do Ministro da Agricultura, Indústria e Comércio em Cx 29. Pac.3. vol 3.

Sem autoria definida: Constam documentos em papel tumbado da “Baltimore and Ohio Railroad Company” e da Comissão dos Estados Unidos da América para a Exposição Internacional do Centenário Brasileiro em Cx 44, pac 3/ cx 1; pac 1. vol 2.

Ofícios e cartas designando Bertha Lutz para estudar as escolas de Economia Doméstica nos Estados Unidos da América (EUA): enviando relatório sobre sistemas de ensino e divulgação de economia doméstica: programas e estudos de organização de diferentes tipos de estabelecimento de economia doméstica e serviço extensivo: relações de publicações referentes ao ensino de economia doméstica nos EUA em Ap 46, cx 11.

Pac 4.

Carta enviando esboço para a organização de programa de ensino e divulgação dos conhecimentos de economia doméstica agrícola em Ap 46, cx 11, pac 4.

Texto com medidas propostas para a organização de um serviço de extensão de conhecimentos de economia doméstica e agrícola em Ap 46, cx 11, pac 4.

Relatório detalhado sobre o ensino de economia doméstica nos Estados Unidos da América em Ap 46, cx 11, pac 4.

Notas sobre a escola de professoras de economia doméstica em Ap 46, cx 11, pac 4. Textos sobre as conquistas femininas no Brasil com destaque para os assuntos: trabalho feminino, mulheres, concurso público, voto e entidade femininas organizadas em Ap. 46, cx 42, pac 1, vol 30.

Texto “Pela Estrada da amizade (ou da aproximação continental)” sobre viagem realizada pela Comissão Panamericana de Viação dos Estados Unidos, realizada no período de 2 a 29 de junho de 1924 em Ap 46, cx 34.

Artigo “Instituto de Assistência à Infância”, publicado originalmente no “O Paiz” e posteriormente no jornal “ A república! Tratando de assistência a infância em Cx. 66, pac3/ Cx 47, pac 1.

O Museu Moderno – Cap 2 em Ap 46, cx 11, pac 2, vol 2.

Texto com as diretrizes que deviam nortear a atuação feminina na política em Ap 46, cx 19.

Carta de admissão aos trabalhos práticos da Faculdade de Ciências pertencentes à Bertha Lutz em Ap 46, cx 11, pac 3, vol 3.

Membro correspondente do “The American Museum of Natural History, pertencentes a Bertha Lutz, além de prospecto para a sua inscrição como membro da referida instituição em Ap 46, cx 11, pac 3; cx 75, pac 1, vol 1.

Bruno Lobo a Bertha Lutz em Cx 11. 25/01/1923.

Cópia do ofício 382, de 07 de maio de 1924 em Cx 11.

Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Museu Nacional do Rio de Janeiro. Seção de Antropologia e Etnografia. Roquette-Pinto a Bertha Lutz (23/Março/1922), e A.N. “FBPF”. Cx 11.

“Relação dos artefatos entregues a D. Bertha Lutz, com destino a America do Norte, conforme ordem do Snr. Diretor. ”. A comissão Rondon foram viagens feitas para o norte e nordeste do Brasil com iniciativa do Marechal Rondon com o objetivo de instalar telégrafos, mas também com o desejo de conhecer os nativos e os tipos que Roquette-Pinto viria a chamar de brasileiros

ACERVO ABE (ATAS DE SECÇÕES DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO)

Ata da sessão de 13 de julho de 1926.

Ata da sessão de 16 de outubro de 1924, da fundação da ABE.

Ata da sessão de 2 de dezembro de 1924

Ata de 15 de outubro de 1925, Bertha Lutz foi eleita para ser mais uma vez membro do Conselho Diretor.

JORNAIS E REVISTAS

A União 24 de Agosto de 1919

Revista Gil Blás 11 de setembro de 1919

O combate 3 de setembro de 1919

O Paíz 5 de outubro de 1921

Diário da Manhã 21 de janeiro de 1922

O Paíz 14 de agosto de 1922

O paiz 14 de agosto de 1922

Globo 25 de agosto de 1925

Paiz 2 de julho de 1925

Revista Fon-Fon 31 set de 1919

Paiz 5 de outubro de 1922

Revista Archivos do Museu Nacional de 1919-1920

Diário da Manhã 11 de janeiro de 1922

Paiz 14 de agosto de 1922

Globo de 19 de agosto de 1925

Globo 19 de julho de 1932